

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**TRANÇANDO OS FIOS:
EDUCAÇÃO, CULTURA E METODISMO -
O MOVIMENTO ARTÍSTICO NA UNIMEP
1970 A 1985**

HELEN LUCE CAMPOS SANCHES PEREIRA

**PIRACICABA, SP
2008**

**TRANÇANDO OS FIOS:
EDUCAÇÃO, CULTURA E METODISMO -
O MOVIMENTO ARTÍSTICO NA UNIMEP
1970 A 1985**

HELEN LUCE CAMPOS SANCHES PEREIRA

ORIENTADOR: PROF. DR. ELIAS BOAVENTURA

**Dissertação apresentada à
Banca Examinadora do
Programa de Pós-Graduação
em Educação da UNIMEP
como exigência parcial para
obtenção do título de Mestre
em Educação**

Piracicaba, SP

2008

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Elias Boaventura (orientador)

Universidade Metodista de Piracicaba

Prof^a. Dr^a. Darlene Barbosa Schützer

Universidade Metodista de Piracicaba

Prof. Dr. Luiz Carlos Ramos

Universidade Metodista de São Paulo

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Elias Boaventura, orientador que apontou caminhos e me acompanhou em minha trajetória, me ensinando o valor dos momentos de crise,

à Prof^a. Dr^a Darlene Barbosa Schützer, que disponibilizou tempo e atenção, compartilhando suas experiências e auxiliando em minhas pesquisas,

ao Prof. Dr. Luiz Carlos Ramos, por aceitar participar da banca do exame deste trabalho,

ao Prof. Dr. Francisco Fontanella, por ler meu trabalho e contribuir com valiosas observações,

ao maestro Umberto Cantoni e ao Sebastião Martins, por compartilharem suas experiências,

ao Instituto Educacional Piracicabano, pelo apoio institucional,

ao Filipe, à Damaris e à Luciana, meus filhos, que dão colorido especial ao meu caminhar, e que não me deixaram desanimar,

ao Efraim, companheiro de todos os momentos, que refletiu comigo sobre o tema e me animou com suas observações,

ao Natan, meu pai, constante incentivador deste trabalho,

aos amigos e amigas, pela confiança demonstrada,

sou muitíssimo grata.

Para minha mãe Celina, grande amiga que se foi,
que certamente compartilharia comigo deste momento.

RESUMO

No Metodismo, Igreja e Educação são conceitos que se complementam. Este trabalho se propõe registrar o surgimento do Núcleo Universitário de Cultura como instrumento de realização dessa condição nas instituições metodistas de ensino. Registra as atividades culturais realizadas entre 1970 a 1985 na Universidade Metodista de Piracicaba, e sua importância no campo educacional e de formação acadêmica.

O NUC nasce a partir de um contexto. Fez-se necessária uma pesquisa sobre o Metodismo Brasileiro desde seu surgimento, através da obra missionária norte-americana iniciada por metodistas do Sul dos EUA, e o fenômeno da aculturação.

Nosso trabalho provoca a reflexão sobre a caminhada do Metodismo e sua vocação educacional. Analisa historicamente os conflitos, e a conseqüente assimilação cultural havida do protestantismo missionário pelo brasileiro. Detecta a contradição entre a mentalidade da elite metodista brasileira e a teologia latino americana. Identifica a UNIMEP como campo propício para a construção de um metodismo comprometido com a práxis cristã revolucionária, e o NUC como instrumento concreto dessa filosofia.

Palavras-chave: universidade; educação confessional; história; cultura.

ABSTRACT

In the Methodism, Church and Education are concepts that are complements. This research registers the sprout of the University Nucleus of Culture as an instrument of accomplishment of its purpose in the Methodist institutions of education. It registers the cultural activities carried through between 1970 and 1985 on the Methodist University of Piracicaba, and its importance in the educational field and on academic formation as well.

The NUC born from a context. A research became necessary on the Brazilian Methodism since its beginning, through the missions of North American missionaries from the South of U.S.A., and the phenomenon of the adaptation on a new culture.

This research would like to bring a reflection on the path walked by the Methodism and its educational vocation. It also historically analyzes the conflicts, and the consequent cultural assimilation of the Brazilian Methodism from the missionary Methodism. It detects the contradiction between the mentality of the Brazilian Methodist elite and the American Latin theology. It identifies the UNIMEP as propitious field for the construction of a Methodism compromised to the praxis Christian revolutionary, and the NUC as a concrete instrument of this philosophy.

Key-words: university; confessional education; history; culture.

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	I
Resumo.....	III
Abstract.....	IV
Sumário.....	V
Lista de Anexos.....	VII
Introdução.....	1
1. A Educação Metodista no Brasil: Possibilidades de Vida.....	5
1.1. O processo da Educação.....	6
1.2. A presença dos imigrantes norte-americanos na gênese da Educação Metodista.....	8
1.3. O cotidiano das escolas – ênfase na prática da Educação Física e nas Linguagens Artísticas.....	10
1.4. O aprender a fazer vem acompanhado de princípios éticos.....	12
1.5. Comprometer-se com a vida.....	15
2. Metodismo no Brasil: aculturação e busca de identidade.....	17
2.1. Construindo um Metodismo nacional.....	18
2.2. Em busca da maturidade: o Metodismo no século XX (1930/1945).....	26
2.3. O Metodismo pós-guerra: 1945 – 1955.....	29
2.4. Ufanismo econômico e Metodismo: 1955 – 1965.....	30
2.5. As conseqüências do Golpe de 64 na vida da Igreja.....	33
3. A UNIMEP e a Identidade Metodista.....	37
3.1. Década de 80: concretização da esperança.....	38
3.2. As contradições: expansão das idéias revolucionárias.....	40
3.3. A prática da fé: Metodismo em busca de uma Identidade.....	42

3.4. A educação Metodista: UNIMEP.....	45
4. A UNIMEP sob o olhar da Cultura.....	51
4.1. O Conjunto Jovem Som.....	52
4.2. Surge novo grupo de música na Instituição.....	61
4.3. O Setor de Música da UNIMEP – 1980 a 1985.....	66
4.4. O Setor de Teatro da UNIMEP – 1980 a 1985.....	94
Últimas Considerações.....	109
Bibliografia.....	113
Bibliografia Referenciada.....	113
Fontes Primárias.....	118
Entrevistas Orais.....	120

LISTA DE ANEXOS

Portaria de criação do NUC.....	121
Carta encaminhada aos alunos da Faculdade de Teologia em 28/12/1978...	123

INTRODUÇÃO:

PISTAS HERMENÊUTICAS

A compreensão do Núcleo Universitário de Cultura - NUC da Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP e o conhecimento de sua história permitem-nos entender sua relevância no processo da formação universitária.

Foi muito interessante compreender a história da humanidade através das condições materiais que regem a vida em sociedade. Segundo Karl Marx, "... a forma como os indivíduos manifestam sua vida, reflete muito exatamente aquilo que são". (QUINTANEIRO, 2002, p. 37).

Neste trabalho pretendo fazer uma análise do grupo social a quem serviu o NUC, de suas origens e classes. Observo também o papel da religião, notadamente pelo viés da Igreja Metodista, expressão cristã do ramo protestante, representante do capitalismo norte-americano e brasileiro, mantenedora de uma universidade particular, vivendo a contradição de ser fruto do sistema capitalista e optar por uma visão pedagógica libertadora, ainda que, de certa forma, inconsciente.

A história social se torna instrumento valioso de análise de uma determinada comunidade, particularmente a universitária, com

suas influências, quer da repressão havida no Brasil nesse período, como da arte, ora perceptiva, ora meramente instrumento dos detentores do poder.

A leitura de Boaventura de Souza Santos levou-me a orientar a análise não apenas sob a ótica da história particular do NUC.

É hoje reconhecido que a excessiva parcelização e disciplinarização do saber científico faz do cientista um ignorante especializado e que isso acarreta efeitos negativos. Esses efeitos são sobretudo visíveis no domínio das ciências aplicadas. (SANTOS, 1997, p. 74).

A expressão artística deve ser compreendida como resultado de um momento da sociedade. A vida não se percebe nos fragmentos, nem na compartimentalização das idéias. Não há possibilidade de compreendermos a humanidade retirando o ser humano da sua realidade, à maneira como ele se relaciona com a natureza.

Devo frisar que meu olhar na história do NUC não se pauta por uma análise apenas localizada, mas necessário se faz uma visão mais abrangente, de sua contribuição à vida universitária, quer do corpo discente, objeto de nosso trabalho, como na universidade como um todo, por meio dos compromissos, apresentações e expressões artísticas ao longo dos anos. Entendo que o conhecimento científico deve ter sentido prático na vida das pessoas.

Marx afirma que a crise é a mola mestra da história e Edgard Morin reforça nossa percepção de que, em tempos de crise, devemos persistir no caminho, certos de que a complexidade gerada pela crise trará novas perspectivas. “Pode-se dizer do mundo que é ao desintegrar-se que o mundo se organiza”. (MORIN, 1990, p. 91).

Morin deixa claro que a complexidade não é complicada, mas ela se amplia continuamente, que é o sentido da vida. À medida que certos aspectos da complexidade são entendidos, outros se manifestam por meio do imprevisto, do incerto.

O paradigma da complexidade surgirá do conjunto de novas concepções, de novas visões, de novas descobertas e de novas reflexões que vão conciliar-se e juntar-se. (MORIN, 1990, p. 112).

Ao analisar a história do NUC, percebo que a mesma não pode ser pesquisada como um elemento separado dos demais. É necessário que o tecido do conhecimento não fique rasgado, desfeito em partes, mas retome a sua totalidade e, para tal, Morin sugere a associação entre elementos do saber e a reflexão sobre eles.

O que se aprende sobre as qualidades emergentes do todo que não existe sem organização, regressa sobre as partes. Então pode enriquecer-se o conhecimento das partes pelo todo e do todo pelas partes, num mesmo movimento produtor de conhecimentos. (MORIN, 1990, p. 109).

Este trabalho, em sua primeira parte, se preocupou em analisar o metodismo transplantado dos Estados Unidos pelos missionários sulistas que em nossa região se fixaram, dando origem ao Colégio Piracicabano e conseqüentemente, a um novo modo de promover educação, notadamente, com ênfase cultural norte-americana.

Na segunda parte, entendemos ser necessário verificar como esse protestantismo norte-americano culturalmente diferenciado, sulista e escravocrata, se comportou e se espalhou em território brasileiro, modificando, mas também se transformando, dando origem a uma forma religiosa e educacional, que no correr dos anos se defronta e aprofunda as contradições sociais, econômicas e teológicas, no debate com a teologia latino-americana, nascente pelos idos das décadas de 60 e 70 do século XX.

E como chegamos aos anos 80? A UNIMEP encarna a necessidade de uma identidade metodista, divorciada do pietismo missionário, do regime ditatorial brasileiro e do capitalismo norte-americano representado pelo ressurgimento do liberalismo, através do neoliberalismo. Essa é nossa preocupação, ao construirmos nossa análise na terceira parte de nosso trabalho.

Essa necessidade de identidade metodista, a partir do engajamento da Universidade, proporciona a expressão artística musical e teatral da igreja unida com a instituição educacional. Os repertórios e representações não mais são importados da Igreja Mãe norte-americana, mas surgem a partir da criação e da difusão do material libertário produzido pelos compositores e artistas cristãos brasileiros e latino – americanos. Isso culmina na criação, institucionalização e solidificação do NUC, na UNIMEP.

A economia determina o caminhar de um grupo social. O neoliberalismo, a democratização da sociedade brasileira, e os reclamos do mercado, por meio da divinização do Capital, se tornam o novo desafio não só da teologia, mas principalmente, da Educação. Em nosso momento atual, o NUC enfrenta os desafios da mercantilização educacional, e dos seus efeitos na vida artística e cultural da Universidade. Essa é nossa preocupação à guisa de considerações finais de nosso trabalho.

CAPÍTULO I

A EDUCAÇÃO METODISTA NO BRASIL: POSSIBILIDADES DE VIDA

Introdução

Igreja e educação são conceitos que se complementam, em especial, quando se trata do Metodismo. As comunidades eclesiais se formaram, e como parte integrante de sua essência, com elas surgiram as escolas.

Assim, religião e cultura não se dissociaram no protestantismo de missão, novamente afirmo, notadamente no Metodismo.

Diante disso, neste capítulo procurarei mostrar que na gênese da experiência do Núcleo Universitário de Cultura da UNIMEP está essa característica fundamental de construir uma fé que não abre mão da razão, muito menos da experiência da arte e da consciência de ser que ela proporciona ao fiel, quer seja pela música, teatro ou a poesia, porque isso também é educação na fé

e na justiça e o firme compromisso com a construção do ser humano melhor, à imagem de Deus.

1.1. O processo da Educação

A Educação se entende como processo. Nela, o vivente – adulto ou criança – convive com o outro e, nessa condição, transforma-se. O viver de um se faz na dependência do outro.

O educar ocorre em todo tempo e de maneira recíproca, e o resultado disso é que as pessoas passam a viver de uma maneira que as identifica com a comunidade onde vivem: grupo cultural.

Todos os seres humanos fazem parte de um determinado grupo, e, portanto, todos constróem cultura. Essa cultura engloba um conjunto de experiências e práticas que conferem ao grupo/povo um saber que fundamenta seu sentido de vida.

O viver implica relações. Viver em relação é conhecer. O mundo dos homens é, com efeito, uma sociedade, em que os sócios compartilham o que são e, daí, o que têm... Os contatos, que agora são sinônimos de modificações, isto é, de formas concretas de ser, são cumulativos, ou seja, o anterior determina as possibilidades dos demais. É assim que se formam as culturas, modos específicos de viver. (PAIVA, 2007).

Algumas tensões estão presentes nas sociedades, em maior ou menor intensidade, e devemos lidar com este fato. Não de forma passiva e conformada, mas com a perspectiva de que existem meios de atenuar as diferenças, que às vezes trazem dor às pessoas, decorrentes da intolerância. Antes de poder colaborar com o conjunto da humanidade, os povos necessitam reafirmar sua própria identidade. Antes de saber com quem estão, necessitam saber quem são. Como é possível construir um

sentido – uma espécie de lei natural reconhecida pela humanidade – como o resumo de diferentes lógicas culturais? A mesma sobrevivência da humanidade exige um mundo, cujos fundamentos são a unidade na diversidade, articulados com a igualdade na liberdade.

Educação pressupõe construção,

ou seja, o processo pelo qual as pessoas, em interação, se constituem... Cada homem encontra no seu grupo uma visão de mundo, as grandes interpretações, as crenças, os conhecimentos, a organização familiar, econômica, política, religiosa, etc. Cada homem tem sua identidade biológica e psíquica. Cada homem, considerados estes limites, se move com liberdade. (PAIVA, 2007.)

Segundo Alexei N. Leontiev, “podemos dizer que cada indivíduo aprende a ser homem”. (LEONTIEV apud FONTANA e CRUZ, 2002, p. 58).

A criança não nasce em um mundo “natural”, mas em um mundo humano.

A criança, analisam Vygotsky e seus colaboradores... Começa sua vida em meio a objetos e fenômenos criados pelas gerações que a precederam e vai se apropriando deles conforme se relaciona socialmente e participa das atividades e práticas culturais. (FONTANA e CRUZ, 2002, p. 57).

Lev S. Vygotsky afirmava também que o homem transforma, pelo trabalho, o meio, produzindo cultura. Portanto, homem e meio são sempre mediados por produtos culturais humanos e pelo “outro”. O ser humano é humano por espécie, mas tem que se hominizar – social e culturalmente, para então, produzir e reproduzir cultura.

... a relação entre o homem e o meio- físico e social não é natural, total e diretamente determinada pela estimulação ambiental. E também não é uma relação de adaptação do organismo ao meio. (FONTANA e CRUZ, 2002, p. 58).

1.2. A presença dos imigrantes norte-americanos na gênese da Educação Metodista

A compreensão da educação no Brasil e especificamente, aquela desenvolvida pelas instituições metodistas em nosso país, exige que lancemos um olhar sobre um processo de junção, justaposição e transformação cultural provocados com a presença dos imigrantes e missionários norte-americanos na gênese das instituições de ensino metodistas. A cultura trazida, aqui compartilhada, não se manteve intacta. Foi modificada, mas também muito contribuiu para a construção e o surgimento de uma nova manifestação cultural em nosso país.

A influência dos sulistas sobre a tecnologia agrícola brasileira mais do que refletir a habilidade brilhante dos indivíduos que emigraram para o Brasil (se bem que alguns indicam engenho considerável), ela demonstra o processo de difusão de uma cultura sobre a outra. (DAWSEY, 2005, p.139).

Essa influência cultural não se fez apenas nos aspectos tecnológicos, mas aprofundou-se na disseminação de uma visão econômica, filosófica e religiosa, tudo isso implantado por meio da educação formal, amparado pela propagação religiosa. É importante assinalar que esse processo foi profundamente desejado e deveras favorecido pela sociedade brasileira:

Por isso, constatamos que os indivíduos, os grupos e as forças sócio-políticas e culturais brasileiras que deram seu apoio e seu respaldo moral e financeiro aos missionários metodistas interessavam-se muito mais pelos benefícios culturais, morais e materiais que a educação metodista poderia trazer à nação pela formação das futuras elites dirigentes, do que pelo metodismo enquanto sistema religioso. (MESQUIDA, 1994, p.123).

Os imigrantes norte-americanos, por seu lado, ao virem para o Brasil, também tinham suas expectativas. Acalentavam o sonho de

construir aqui um novo estado confederado. A possibilidade de continuidade do seu modo de vida cultural e social, impulsionou muitos a investirem na nova terra. Afirma David Gueiros Vieira:

Diversos fatores podem ter influenciado o movimento migratório dos confederados para o Brasil. O interesse sulista nesse país era, sem dúvida, um resquício dos antigos dias dos filibusteiros. Naquelas eras passadas assevera-se que havia muitos planos e rumores de planos para criar novos estados escravocratas ao sul dos EUA, que fortificariam o bloco escravocrata no Congresso, em Washington. (VIEIRA, 1980, p. 211).

A propaganda sobre o Brasil como alternativa para a imigração foi muito articulada, dadas as condições da época.

A expedição de 1852 de Herndon e Gibbon e a campanha de Matthew Fontaine Maury, em prol da abertura do Amazonas à navegação internacional, despertaram ainda mais o interesse do Sul dos EUA pelo Brasil. Matthew Fontaine Maury fora um dos fundadores da Marinha Confederada e dirigira as defesas costeiras da Confederação. (VIEIRA, 1980, p. 211).

Afinal, nosso país era ainda um estado escravocrata. Os sulistas estavam informados do atraso científico, da fragilidade governamental no controle da grande extensão territorial, e a baixa densidade populacional, juntando-se ainda a esse rol, a guerra do Paraguai.

É sabido também que houve empenho da Coroa no sentido de facilitar a penetração protestante, explicitamente o imigrante norte-americano.

O governo abriu um escritório em Nova York, que começou a funcionar em 1866, sob a chefia de Quintino Bocaiúva. A maior parte dessas notícias e informações apontava a província de São Paulo como a região mais adequada. E, de fato, foi para cá que se dirigiu a atenção dos olheiros norte-americanos que viajaram para examinar as condições locais, recebendo do governo imperial auxílio financeiro, guias e garantias de livre trânsito. A iniciativa oficial e o movimento de propaganda boca a boca trouxeram cerca de 2.000 americanos, embora os que se fixassem fossem na sua maioria fazendeiros da Guerra

Civil e da Reconstrução dos fins da década de 1860. (HILSDORF, 2002, p. 95-96).

Está claro que há uma motivação de natureza ideológica nesse processo de aculturação. O sentimento de superioridade cultural, a prática de um modelo de estado mais avançado por meio do sistema republicano e a convicção de que o “atraso” social se devia à presença e domínio do catolicismo, norteia as estratégias e metodologias de implantação e desenvolvimento educacional norte-americano no Brasil. Constata Peri Mesquida:

Os missionários metodistas, conscientes de que sua ação deveria provocar mudanças ao nível da formação da mentalidade e da cultura, empregaram uma tática de dupla face para penetrar na sociedade brasileira e para ocupar uma posição que lhes permitisse exercer influência dominante nos destinos do país: a) mostrar a superioridade de suas idéias, de sua ética e de seus sistemas de valores, com relação ao que estava em vigor; b) combater o catolicismo, tido como principal elemento formador da cultura brasileira, no terreno que a Igreja Católica privilegiava com a finalidade de exercer influência sobre a elite, isto é, a educação. (MESQUIDA, 1994, p. 131).

Assim, inegavelmente, os norte-americanos que para cá vieram, em meados do século XIX, não apenas introduziram novos conhecimentos, costumes e visões de mundo, como eles mesmos sofreram as influências da terra a que chegaram.

1.3. O cotidiano das escolas – ênfase na prática da Educação Física e nas Linguagens Artísticas

As instituições metodistas nascem desse contexto. E causam profundo rompimento com a educação vigente, principalmente ao introduzir no Brasil aquilo que era comum nos EUA, como por exemplo, a prática da Educação Física, conforme descrito em Ribeirão Preto:

Convictas de que o corpo estava no mesmo nível do espírito, as missionárias evidenciavam na Educação Física uma pedagogia voltada para a formação integral do aluno. Ao adotá-lo, as mestras não procuravam somente estimular a recreação ou os folguedos, mas sim preparar os jovens para uma vida saudável, dentro da expectativa de uma sociedade urbanizada que então se formava. (ALMEIDA, 2004, p. 24).

Ainda com respeito à Educação Física, fica-nos demonstrada a preocupação com a formação integral, pois,

O hábito, de fazer com que as aulas acontecessem ao som de música, sendo tocada ao piano permaneceu durante anos, sendo a própria Dulcina uma das alunas encarregadas de sua execução, o que lhe permitiu ser dispensada das aulas, como ela mesma registrou em depoimento deixado anos depois. (ELIAS, 2006, p. 57).

No que se refere ao aprendizado da arte, nas suas diferentes linguagens, temos os seguintes testemunhos do que era a prática pedagógica, notadamente em Piracicaba. Há o registro de que, ao dispor-se a abrir uma escola metodista em Piracicaba, a Srta. Anne Newman tomou as seguintes providências, em julho de 1879:

... fundou a escola em Piracicaba com a ajuda da irmã Mary Newman, três assistentes e uma professora de arte em tempo parcial. (DAWSEY, 2005, p. 194).

O Colégio Piracicabano, segundo Beatriz Elias, promoveu em 1882, seu primeiro exame público que incluía apresentações de canto e poesias escritas por professores e alunos. A respeito do efetivo funcionamento do Colégio Piracicabano, no primeiro prédio, lemos:

Todos os olhares lançados aos primeiros anos do Colégio comprovarão que música e, depois pintura, literatura e outras manifestações de arte, sempre foram consideradas fundamentais. O primeiro prédio, inaugurado em 1884, para acolher seus sessenta e seis alunos, possuía uma sala de música no térreo, equipada com um piano e duas cadeiras. No primeiro andar, um dormitório foi inicialmente utilizado como sala de piano. (ELIAS, 2006, p. 43).

Apesar da ênfase no ensino da música, em se tratando das artes, encontramos nos registros históricos peças teatrais sendo encenadas nas festas anuais realizadas pelo Colégio Piracicabano:

Dirigido por Lilly Stradley, tornaram-se famosos os “Garden parties” do Colégio já a partir da década de 20, festas anuais que envolviam toda a comunidade de alunos, em atividades de música, declamação, teatro. (ELIAS, 2006, p. 57).

Os exemplos acima nos mostram a preocupação de se construir, a par da obra missionária evangelística, uma nova visão de mundo e um novo referencial cultural. As missionárias apresentaram uma formação que se propunha mais completa, que não apenas exercitava as faculdades mentais nas filosofias, mas também privilegiava as áreas das exatas e médicas, não se esquecendo do corpo como o instrumento do espírito.

1.4. O aprender a fazer vem acompanhado de princípios éticos

Não se favorece somente ao saber técnico, mas também a uma construção ideológica do ser, tornando-o devidamente operacional e paralelamente despertando-o para a condição de ser e existir socialmente.

Naturalmente que essa compreensão do ser, essa construção ideológica, passa por uma visão de mundo, que exclui a monarquia e o catolicismo.

O metodismo norte-americano que chegava ao Brasil trazia uma ideologia capaz de mostrar aos brasileiros que ele desejava partilhar os benefícios da civilização protestante americana com os menos afortunados. Usa a ideologia do transplante dos benefícios culturais para as nações menos favorecidas e a do destino manifesto enquanto elementos constitutivos da obra missionária. A Igreja contribuiria pela

educação para o expansionismo transnacional e transcultural. (MESQUIDA, 1994, p. 125).

Os missionários e missionárias que para cá vieram, consideravam ser o seu “destino manifesto” transplantar uma sociedade melhor e verdadeiramente cristã, dissipando assim, a idolatria e seu instrumento nefasto, a monarquia, da mente e da vida dos brasileiros.

Esse novo modo de ensinar e construir um cidadão não somente do reino deste mundo, mas também dos céus, tornou-se a marca que caracterizou e ainda caracteriza as instituições metodistas, como o notou Boaventura:

A metodologia tornou as instituições metodistas realmente diferenciadas, isto porque, não fazia delas um fim em si mesmas, mas instrumentos eficazes para o objetivo final que seria a formação integral do aluno focalizado como indivíduo, para quem se propunha formação integral e não simplesmente instrução. (BOAVENTURA, 2005, p. 85).

O objeto dos missionários, e também das instituições metodistas, foi a formação de uma elite, capaz de provocar uma verdadeira revolução, tanto na educação como na sociedade, ampliando os conceitos e os sentimentos de cidadania. John Wesley já manifesta essa preocupação ao deixar claro sua meta: “... transformar a nação”...

... uma das principais preocupações das Instituições Metodistas no princípio do século, era alcançar a elite dirigente e através dela levar a influência evangélica ao poder constituído. (BOAVENTURA, 2005, p. 87).

Ainda é preciso anotar os sentimentos de Marie Rinotte, que se traduziram não somente na formação de suas alunas, mas também publicamente, por meio de artigos veiculados na Gazeta de Piracicaba em 30 de agosto de 1882:

É difícil de dar-se aquilo que não se possui e a mulher ignorante não pode passar à sua progenitura o gosto do belo, do bom, do útil, se ela própria não sabe discernir o preferível, o vantajoso. Como a ignorância é sempre irmã da servidão, ela, (a mulher), não se sentindo à altura d'aquela que a escolheu, humilha-se e desce ao grau de criada. (ELIAS, 2006, p. 26).

Sabemos que a cidadania só é possível quando existe consciência de quem somos, do nosso lugar e da necessidade de participar da construção social. Um cidadão é alguém comprometido com o bem comum, ciente de que devemos viver em sociedade, cõnscios de nossa condição de sujeitos de direitos e de deveres. Onde desenvolver esse aprendizado? Nas instituições formadoras, como a Igreja e a Escola. Os missionários que se engajaram nessa tarefa acreditaram firmemente que instituições de ensino seriam os instrumentos por excelência para construir esse edifício.

É importante salientar essas particularidades. Isto é exatamente o que faz a diferença entre uma instituição voltada para si mesma e para o lucro, e outra, vinculada à construção do Reino de Deus, descrito pelo apóstolo Paulo como “justiça, paz e alegria”.

Mesmo assim, devemos nos lembrar das tribulações que viveram as primeiras educadoras, elas mesmas às voltas com o mercado e com as necessidades, como nos informa Beatriz Elias:

Ela (Martha Watts) deixou, também, o registro de saber-se uma estranha que precisaria de tempo para enfrentar, inclusive, uma concorrência que envolvia preço das mensalidades, qualidade do ensino oferecido, demanda de alunos, exigências do mercado, conceitos que já surgem claramente em seus relatos de 125 anos atrás. (ELIAS, 2006, p. 24).

1.5. Comprometer-se com a vida

A escola tem a responsabilidade de inculcar nas crianças os padrões de comportamento aceitáveis pelo grupo social, bem como a garantia de formação de profissionais para atenderem às diversas áreas.

É nosso entender que as instituições de ensino devem priorizar o compromisso com a transformação social, a construção de uma sociedade melhor, comprometida com a capacitação comunitária.

Nessa perspectiva, o saber técnico não é o único favorecido, mas são apresentadas aos educandos as infinitas possibilidades de viver, despertando-os para a condição de ser e existir socialmente.

O aprender a fazer vem acompanhado de princípios éticos, de valorização do outro e convivência inteligente com o meio ambiente. Esse objetivo se constitui na difícil, mas gratificante tarefa das instituições educacionais: transformar a mente egoísta e predadora do homem em participativa e comunitária.

É necessário colocar todos os avanços, pesquisas e serviços produzidos por uma comunidade acadêmica à disposição da sociedade, contribuindo para uma saúde melhor, cidadania, arte, renovação e esperança. É dever estar alerta para que o academicismo não distancie o povo e sua cultura da universidade e de seu saber científico. (PEREIRA, 2003).

Assim, pode-se caracterizar a Igreja Metodista como fruto do trabalho dos missionários norte-americanos. Estes trouxeram uma mensagem liberal-ideológica, misturada com a fé cristã, encontrando respaldo nos grupos de oposição no Brasil. Opondo-se ao catolicismo, os missionários se opuseram na verdade ao brasileirismo, criando um espaço social restrito. Diante disso, ser metodista era não participar da vida cultural e social, como o cinema, o futebol, o teatro, as procissões, carnaval, danças e jogos, criando um outro modo de ser e existir para os brasileiros protestantes.

Os missionários orientaram a educação para uma ética, combatendo vícios, entendidos como vivência profana e obstáculo para uma vida de comunhão com Deus.

Apesar de ser feita com dedicação, na certeza de se estar fazendo o melhor, na verdade, a pregação missionária desenvolveu e fortaleceu uma mentalidade burguesa. Cumprir os deveres pessoais tornou-se quase uma obsessão. Disso tudo resultou uma comunidade fechada e conservadora.

O NUC se tornará um espaço de conflitos e afirmação de uma nova mentalidade que rejeitará o modo de vida norte-americano, com suas músicas importadas e seu comportamento típico da sociedade estadunidense.

CAPÍTULO II

METODISMO NO BRASIL:

ACULTURAÇÃO E BUSCA DE IDENTIDADE

Introdução

O NUC exerceu seu papel também como agência evangelizadora, a partir do surgimento da UNIMEP, pois era o espaço na Universidade em que os jovens evangélicos, especialmente metodistas, realizavam o ponto de contato entre a Igreja e a Instituição.

Neste capítulo é preciso reler o processo de crescimento da Igreja, que redundou no conjunto de instituições de ensino superior.

Como a comunidade de fé se estruturou no capitalismo nascente e se relacionou com ele e suas contradições? Como produziu resultados e, ao mesmo tempo, foi influenciada pela macro estrutura do Estado Nacional? Tais condições provocaram uma busca de identidade própria? Com o conseqüente abandono da

visão teológica e social dos missionários norte-americanos, como se comportou a nova Igreja diante dos desafios existentes?

A pesquisa sobre a educação e cultura produzidas no Brasil pelas instituições de ensino, particularmente metodistas, devem contribuir com o papel da Igreja e de sua missão evangelizadora. Fica-nos a pergunta: Como se deu a implantação do Metodismo no Brasil?

2.1. Construindo um Metodismo Nacional

A análise do processo de implantação da Igreja levou em conta a necessidade da construção e funcionamento de instituições de ensino como uma estratégia de evangelização, vale dizer, de implantação de uma nova sociedade:

... combater o catolicismo, tido como principal elemento formador da cultura brasileira, no terreno que a Igreja Católica privilegiava com a finalidade de exercer influência sobre a elite, isto é, a educação. (MESQUIDA, 1994, p. 131).

A propagação pressupôs uma comunidade de fé liderada por um ministério devidamente preparado para essa missão. Para tanto, nas instituições criadas pelos missionários e nas próximas que foram fundadas, como o Instituto Americano de Lins, houve desde cedo uma séria preocupação de preparar os candidatos ao ministério.

Diante disso, as escolas não só evangelizavam, como também se tornavam as formadoras de liderança teológica para a Igreja, iniciando o processo de formação superior nas instituições de ensino, vale dizer, professores e pastores.

O crescimento do Metodismo no Brasil dependeu principalmente da conversão de católicos. A Igreja Católica Romana era encarada como uma Igreja sem Bíblia, que havia caído na idolatria, e que mantinha os seus membros em erros teológicos sérios como a infalibilidade papal, a mariologia, o purgatório e a transubstanciação.

... É evidente que durante uma grande parte do período em apreço, o crescimento dependia principalmente da conversão de católicos. (REILY, 1990, p. 77).

Durante todo o período da Primeira República, o Metodismo brasileiro era uma parte da obra missionária da Igreja Episcopal do Sul, dos EUA. O Metodismo era, para esses metodistas, uma missão. A autonomia só seria alcançada na década de 1930.

Dentre as denominações protestantes norte-americanas, coube à Igreja Metodista Episcopal (Methodist Episcopal Church), a iniciativa pioneira de se fazer presente no Brasil, inaugurando o que convencionamos chamar de Protestantismo de Missão. Adiantamos, contudo, que a palavra “missão” não se restringe à obra evangélica de propagação da fé, mas assume, no nosso estudo, um sentido sócio-político e cultural que amplia consideravelmente o seu significado. (MESQUIDA, 1994, p. 93).

Apesar de ser visto como uma missão, em 1886, o bispo John C. Granbery constituiu uma primeira Conferência Anual Brasileira, o que demonstra que a “missão brasileira” já possuía alguma estrutura básica.

As estatísticas da Conferência Anual de Julho de 1889 acusaram 359 membros da Igreja Metodista, dez Escolas Dominicais com 283 arrolados, nove missionários (as esposas destes não foram computadas, embora em geral estas constituíam dedicadas obreiras), e cinco pregadores nativos, com nomeação. As paróquias, agrupadas nos Distritos de Rio de Janeiro e São Paulo, se encontravam concentradas principalmente nos centros do Rio de Janeiro e Juiz de Fora (MG), São Paulo e Piracicaba, com colégios em Piracicaba e Juiz de Fora. (REILY, 1990, p.69).

Uma segunda presença metodista, a Igreja Metodista Episcopal, conhecida como Metodista Nortista, se fazia perceber em duas áreas geográficas extremas em nosso país, qual seja: no Norte e no Sul.

O esforço missionário dessa igreja se fez sentir com a figura de um brasileiro, João Corrêa, o qual se filiou à Igreja Metodista em Montevideu. Veio em 1885, acompanhado da jovem professora Carmem Chaccon, a Porto Alegre/RS, onde fundaram uma igreja e uma escola, sendo esta a semente do Colégio Americano de Porto Alegre, o atual Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista.

A missão no Rio Grande do Sul desenvolveu-se normalmente, como uma extensão da Missão da Igreja Metodista Episcopal em Montevideu, cujo responsável era o Revdo. Thomas B. Wood.

As informações que possuímos acerca do metodismo nessa província nos dizem que o mesmo caminha satisfatoriamente em Porto Alegre sob a liderança do Revdo. João da Costa Corrêa. A congregação deixara de reunir-se no lar do pastor, transferindo-se para uma sala e abriu assim, as suas portas ao público. O Colégio ainda em mãos da jovem professora Carmem Chaccon, precisou contratar novos mestres, pois a matrícula ia se desdobrando de ano em ano. (SALVADOR, 1982, p.245).

É preciso anotar também o ministério do Revdo. William Taylor. Ele estabeleceu missões metodistas e deixou missionários em diversos dos principais portos do norte e do nordeste brasileiro. Os missionários mais conhecidos são Benjamin Ninde, que trabalhou por dez anos no Recife (1882/1892) e Justus H. Nelson, que esteve trabalhando de 1880 a 1925 nas cidades de Belém, Manaus e Santarém. (SALVADOR, 1982, p.90/91).

O trabalho missionário de Nelson nunca logrou grandes resultados numéricos e nem recebeu o apoio que merecia da Junta de Missões. Também não chegou a ser anexado pela Igreja

Metodista Episcopal. Quando ele deixou o trabalho, após 45 anos, os membros de sua igreja se filiaram aos trabalhos batistas e presbiterianos existentes. Sua herança missionária se concentrou nos hinos traduzidos e incorporados pelo Hinário Evangélico. (SALVADOR, 1982, p.103).

Podemos dizer que o território metodista, ao tempo da Proclamação da República, compreendia as cidades de São Paulo, Piracicaba, Juiz de Fora, Rio de Janeiro, Porto Alegre e o trabalho isolado dos missionários do norte.

Em 1930, esse padrão original estava ainda sendo seguido. O Metodismo se encontrava concentrado no Distrito Federal e nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, tendo avançado até ao sul do estado do Espírito Santo. O Rio Grande do Sul, em 1900, se incorpora, graças à cessão que a Igreja Metodista Episcopal (nortista) faz à Igreja Metodista Episcopal do Sul. Diante disso, podemos dizer que o Metodismo Brasileiro da Primeira República é basicamente trazido do Sul dos EUA.

Embora ainda incipiente, o metodismo nacional se esforçava para realizar sua missão. É digno de nota o empenho de Nelson Araújo, formado pelo Granbery, e depois feito médico pela Universidade Federal de Minas Gerais, de participar da Missão dos Índios Caiuá, em 1929, nas cercanias da cidade de Dourados/MS. (REILY, 1990, p.72).

A metodologia metodista diferia dos demais grupos missionários existentes no Brasil, no final do século XIX. Enquanto anglicanos e luteranos realizavam seus ofícios religiosos e suas atividades apenas de forma a atingir os imigrantes, os metodistas se preocupavam com a população nativa.

Ao afirmar essa característica, não podemos deixar de anotar que o pai do metodismo piracicabano, Junius E. Newman, iniciou o seu trabalho entre os rebeldes, os sulistas norte-americanos que

imigraram para o Brasil, após a Guerra Civil dos EUA. O circuito de Santa Bárbara, como ele intitulara seu campo missionário, tinha seus ofícios realizados em inglês. A seu favor conta o fato de haver solicitado muitas vezes à Junta de Missões, missionários que viessem trabalhar com os brasileiros nativos.

Ao tempo do Império, o povo atingido pela pregação metodista se caracteriza por uma boa leva de imigrantes, visto que o Brasil do século XIX, devido à política do governo, incentivava a imigração.

No Rio Grande do Sul, o trabalho entre imigrantes de origem italiana e alemã era especialmente significativo. Quando da adesão do metodismo riograndense à IMES, havia igrejas organizadas apenas em Porto Alegre, Forqueta, Bento Gonçalves e Alfredo Chaves. Em 1903, o Presbítero Presidente Michael Dickie se queixou que a grande fraqueza da obra metodista Riograndense era de que compunha principalmente de alemães e italianos. O elemento puramente nacional era muito pouco atingido. Em 1906, o Revdo. Matteo Donatti, pastor do Circuito Colonial, se oferecia para preparar quatro ou cinco jovens italianos para o ministério. (REILY, 1990, p. 73).

O trabalho principal, no entanto, visava a população nativa. E outra coisa que fica evidente, é o fato de que essa população nativa é pobre.

Um cálculo mostra que os 373 metodistas do Brasil, cuja a maioria é extremamente pobre, contribuíram uma média de \$7.48 por cápita. Há poucas paróquias da IMES que fazem tão bem. Isto é, os metodistas eram pobres mas generosos em suas contribuições à Igreja. Uma das teclas mais constantemente tocadas era a do sustento próprio, ideal ainda longe de ser realizado quando da Autonomia, em 1930. (REILY, 1990, p.73).

Também, apesar de não haver uma missão voltada especificamente para os negros, esse segmento é significativo nas comunidades metodistas.

O único trabalho evangélico do gênero que se conhece foi a tentativa por C. A. Bowen, missionário batista que trabalhara

com os loruba na África e que tentou trabalho entre escravos da mesma fala nas redondezas do Rio de Janeiro, em 1860. Suspeito de atividades abolicionistas, foi preso e logo voltou para os Estados Unidos. (REILY, 1990, p. 73).

No Rio Grande do Sul, por haver sido iniciado o Metodismo ali por meio da Igreja Metodista Episcopal, também chamada de Igreja Metodista Nortista¹, embora não realizando objetivamente missão entre os negros, por outro lado, favoreceu o aparecimento e desenvolvimento de comunidades com grande quantidade de pessoas afro-descendentes.

... há evidência de um significativo peso de negros nas congregações metodistas, o que sugere uma ligação estreita entre cor e pobreza. Em Cruz Alta/RS, o pastor conta de um crente, uma velha negra que ganhava seu pão cotidiano por lavar roupa, teve suas mãos tão feridas por um prefeito cruel... que foi incapacitada para a vida toda... A figura da lavadeira devia ser comum entre os metodistas. Uma outra imagem, conhecidíssima aos metodistas de Juiz de Fora é a “Tia Mariana”, fiel metodista negra que ganhava sua vida como catadora de papel. Não é comum, mas há evidência incontestável de pelo menos uma congregação metodista, com sua capela própria, de negros. (REILY, 1990, p. 74).

O protestantismo, e particularmente, o Metodismo, compôs-se inicialmente de comunidades construídas em fazendas, sendo, portanto, uma prática religiosa essencialmente rural. O entendimento era de que as populações da “roça” eram mais hospitaleiras e receptivas à pregação da mensagem metodista.

O nome do circuito geralmente era de uma cidade, quando, na realidade, era comum que grande parte dos membros morava na zona rural. O Presbítero Presidente escreveu sobre o trabalho metodista em Capivari/SP, assim: “Sempre insisti com os obreiros na necessidade de enfatizar o trabalho nas partes rurais, pois são

¹ Essa designação era particularmente utilizada pelos norte-americanos do Sul dos EUA, referindo-se aos habitantes da parte norte do país, causa da Guerra de Secessão, que dividiu o país em Nortistas e Sulistas (Rebeldes). A Igreja Metodista Episcopal era oriunda da parte norte dos EUA, em contraposição à Igreja Metodista Episcopal do Sul, presente na parte sul do estado americano.

de longe as mais prometedoras. O povo da cidade é tão indiferente...”. O trabalho metodista de Minas Gerais era essencialmente rural.

Obviamente, os metodistas acima descritos são trabalhadores rurais, onde mulheres metodistas trabalhavam ombro a ombro com seus maridos, e onde jovens e menores também pegavam na enxada. (REILY, 1990, p.74).

O Metodismo evangelizador, que privilegia o surgimento de comunidades eclesiais, se caracteriza por implantação de suas igrejas na zona rural, entre pessoas mais pobres e pouco letradas, dentre a população brasileira.

Apesar dos apelos oficiais para um investimento nas áreas rurais, os missionários metodistas marcam sua presença na área urbana da sociedade brasileira, travando contato com as massas operárias, por meio de uma comunidade fundada no bairro Jardim Botânico, na cidade do Rio de Janeiro.

No meio dos operários, nasceu uma igreja metodista, descrita como pobre mas leal. A sua sociedade feminina, chamada de Sociedade Feminina de Ajuda era composta principalmente de esposas e filhas de operários. No local, a igreja mantinha uma escola paroquial para ensinar às crianças dos operários as primeiras letras. (REILY, 1990, p.75).

Ao mesmo tempo em que o Metodismo se infiltrava na sociedade rural e operária brasileira, havia a preocupação de fazer aquilo para o quê o Metodismo se caracterizaria no futuro: a missão de atingir as classes dominantes e intelectuais do país. Não podemos nos esquecer de que o inimigo comum aos protestantes se constituía da presença majoritária da Igreja Católica.

A intelectualidade brasileira, desejosa de ver o país desenvolvido nos moldes da França ou Estados Unidos, se deixava seduzir pelo discurso protestante.

Estas classes eram muito suscetíveis às influências intelectuais oriundas da França desde o iluminismo do tipo da Revolução Francesa, o deísmo, o livre-pensamento, a Maçonaria do Grande Oriente e finalmente, a filosofia positivista de Auguste Comte (1798/1857), que nutria o republicanismo no Brasil. Na medida em que estas idéias floresciam entre os intelectuais, o seu catolicismo definhava. É notório o anticlericalismo, ou pelo menos a indiferença religiosa do intelectual brasileiro da época em pauta. A rejeição do mundo moderno pela Igreja simbolizada no Sílabo do Papa Pio IX (1864) de fato tornava a participação da Igreja Católica muito incômoda para um homem aberto a novas idéias. (REILY, 1990, p. 75).

Como proceder para atingir essa classe intelectual? A igreja era pequena e não conseguia se fazer presente de forma efetiva nos meios dirigentes do país. A estratégia adotada foi a fundação de instituições de ensino que pudessem formar uma elite de intelectuais favoráveis à nova visão religiosa.

O ponto de contato poderia ser a educação, uma educação de ambos os sexos, de qualidade superior e baseada em modernas técnicas. Mesmo se não ocorressem muitas conversões, deveria haver a possibilidade de ensinar os aspectos universais do cristianismo e incluir um alto padrão ético nos alunos, fazendo com que estes futuros dirigentes do país pensassem e agissem de modo cristão. Sempre havia a esperança, porém, que por preceito e exemplo, os mestres protestantes conseguissem converter ao protestantismo os seus discípulos. (REILY, 1990, p.75).

A primeira tentativa de uma escola metodista se deu em Piracicaba, através do Colégio Newman, e

... foi realizada pelas filhas do Rev. J.E. Newman, Annie e Mary, sob a pressão dos irmãos Moraes Barros, em 1879, em Piracicaba, São Paulo. O casamento, e pouco depois, a morte de Annie, a diretora do colégio, provocaram seu fechamento em julho de 1880... (MESQUIDA, 1986, p. 148).

Entretanto, os irmãos Moraes Barros e amigos não desistiram da idéia de Piracicaba abrigar uma escola metodista, e continuaram insistindo com a Igreja Metodista na reabertura do colégio, o que ocorreu em 1881.

Aos 13 de setembro de 1881, a missionária Martha Watts fundou uma escola em Piracicaba, onde durante três meses, estudou apenas a aluna Maria Escobar! Com o passar do tempo, porém, começaram a afluir alunos de ambos os sexos, das melhores famílias de Piracicaba. Isto se deveu, em parte, à influência e amizade dos irmãos Prudente e Manoel de Moraes Barros, os quais ajudaram Miss Watts a comprar o lote onde se construiu o primeiro edifício próprio do educandário. (REILY, 1990, p. 76).

O Piracicabano foi o primeiro. Veio após ele o Granbery, em Juiz de Fora; o Isabela Hendrix, em Belo Horizonte; O Bennett, no Rio de Janeiro; o Colégio Americano e o IPA, de Porto Alegre, o Centenário, em Santa Maria/RS, e o Instituto Americano de Lins.

Em relação aos colégios, dois aspectos é preciso que se anotem. Primeiro: granjearam um grande número de amigos, gente que protegia e admirava o tipo de educação que se praticava na instituição. Em segundo: a prática evangelística, gerando alguns convertidos através da exigência dos internos na participação da Escola Dominical, nos cultos e as práticas devocionais diárias.

2.2. Em busca da maturidade: o Metodismo no século XX (1930 - 1945)

A metodologia utilizada para a evangelização consistia de cruzadas e do estabelecimento de escolas dominicais, deixando claro que, nesse período, o Metodismo visava principalmente, com seu trabalho, resultados evangelísticos. Ao final de 1930, a Igreja Metodista contava com cerca de quinze mil membros, sendo que a matrícula da Escola Dominical, surpreendentemente, possuía um número maior: dezoito mil alunos.

É difícil aquilatar acuradamente os efeitos da Escola Dominical na obra de evangelização metodista. Mas, como já era o caso nos EUA quando se estabeleceu a missão metodista no Brasil,

parece certo que a Escola Dominical, como instrumento de edificação, crescia em importância. Dos fatos à disposição é possível tirar-se algumas inferências. Parece razoável concluir que até mais ou menos 1920, a evangelização direta é a que produzia mais crescimento, mas entre 1920 e 1930, o crescimento era mais interno (da recepção de filhos dos membros) e da Escola Dominical. (REILY, 1990, p. 79).

Em todo esse processo, fica evidente que a implantação do Metodismo no Brasil não seguiu a mesma filosofia adotada em outros lugares, qual seja, a construção de uma igreja autônoma, gerida aos poucos, pelos chamados nativos. Aqui, o Metodismo, desenvolvido a partir de imigrantes norte-americanos humilhados pela destruição de seu mundo e de seu modo de vida, viveu desde cedo, a tensão entre a reprodução das condições culturais da pátria mãe, e uma nova cultura, surgida da mistura dos elementos norte-americanos e brasileiros. Isso se reflete na dificuldade dos missionários de entender o Brasil apenas como missão.

... a chamada à vida de igrejas autogovernadas, auto-suficientes, e auto-propagadoras da fé. E falou também da eutanásia da missão. Assim que este fizesse surgir uma igreja numa dada área, devia desaparecer em seguida. Os missionários deviam dirigir-se para as regiões não evangelizadas e deixar que a igreja que havia trazido à existência, realizasse, sob a inspiração do Espírito Santo, todas as funções de uma verdadeira igreja. (VENN, apud REILY, 1990, p. 82).

Estas palavras de Henry Venn, citadas por Duncan Reily, evidenciam bem o conflito vivido pelos missionários que, ao instalarem trabalhos missionários, que se transformavam em igrejas, tinham depois dificuldades de deixá-los aos cuidados de um pastor local, e seguirem evangelizando. Continuando a reflexão sobre esse ponto de tensão no nascente Metodismo, diz Reily:

A estrutura que os missionários criaram não comportava a distinção missão/igreja, pois nunca houve delimitação de território entre missão e igreja e a missão metodista como tal

foi de mui breve duração. Quase desde o início, missionários e nacionais faziam parte da mesma Igreja e das mesmas conferências. Qualquer retirada dos missionários para as “regiões não evangelizadas” resultaria em ruptura da única estrutura existente, que era ao mesmo tempo missão e igreja. A falta de uma clara compreensão desta segunda parte da filosofia missionária de Venn certamente propiciou conflito entre missionários e nacionais, conflito este que cada parte procurou esconder. (REILY, 1990, p. 83).

A nascente igreja sofre um certo descompasso em virtude das duas grandes guerras mundiais. Ao final da Segunda Guerra, depois da dura luta contra forças ditatoriais, o mundo é marcado por um desejo de reconstruir, despertar os antigos ideais.

O Brasil se vê, ao final da Guerra, com uma população eminentemente rural, praticando uma agricultura artesanal, com altos índices de analfabetismo, bem como uma reduzida elite com formação universitária. Os transportes, em condições muito desfavoráveis.

A Igreja Metodista desse período é pobre. Até 1950, praticamente a maioria dos templos tinham sido construídos com recursos norte-americanos. As aulas de Escola Dominical aconteciam debaixo de árvores ou em locais abertos.

A vida cultural dos membros da Igreja girava em torno dela mesma. É curioso que os anexos dos templos destinados à educação religiosa, tanto metodistas como presbiterianos, sempre tenham sido construídos com um pequeno teatro, onde aconteciam os encontros sociais. Os jovens promissores eram encaminhados para as instituições de ensino da Igreja, para serem pastores.

As comunidades não eram grandes. Elas floresciam em cidades cujos centros se constituíam de poucas quadras além da avenida principal e que prosperavam com base na agricultura.

A preocupação com a evangelização, com a criação de novas comunidades em bairros ou vilas, era eminentemente leiga, e superava a ênfase na educação religiosa. Este período é ainda marcado pelas séries de cruzadas evangelísticas financiadas pela Igreja norte-americana.

Talvez pela presença forte da pobreza, esse período tenha se caracterizado principalmente por uma preocupação com a evangelização, ou antes, com a criação de novas igrejas.

O ano de 1942 assinala um fato importante na vida da Igreja Metodista, que produziria frutos décadas mais tarde. Foi a aceitação ao convite de afiliação junto ao Concílio Mundial de Igrejas, produzido pelo Concílio Geral reunido em Piracicaba em fevereiro de 1942, posicionando a Igreja oficialmente como ecumênica.

Agora estamos contentes em informar-vos que o Concílio Geral da Igreja Metodista do Brasil, na sessão quadrienal em Piracicaba, Estado de São Paulo, fev. 8/20, 1942, votou, por uma maioria considerável de seus membros, aceitar o convite e aprovar o plano sobre consideração.(REILY, 1984, p. 265).

2.3. O Metodismo pós-guerra: 1945 - 1955

A Igreja Metodista desse período, 1945 - 1955 era uma organização inspirada na igreja norte-americana. Possuía uma legislação democrática e administração centralizada baseada no Colégio Episcopal. Este, formado ao momento, de três bispos e um ministro com Juntas Gerais, dirigidas geralmente por missionários. Acreditava-se, assim, que essa forma administrativa

facilitaria a gestão da significativa contribuição financeira norte-americana.

Aliás, a participação financeira da igreja norte-americana atingia praticamente toda a vida da igreja, desde as construções, administração, até a literatura, como se percebe nos relatórios episcopais produzidos nos anos de 46 a 50. A abundante literatura produzida foi toda ela de origem norte-americana.

Graças a esta maciça presença missionária, esse foi também um período no qual se cultivou as raízes wesleyanas. A disciplina pessoal na base das regras gerais era uma das mais importantes ênfases, marcando a distinção do metodista frente ao católico romano.

2.4. Ufanismo econômico e Metodismo: 1955 - 1965

A partir de 1955, até 1965, o país vive um período de grande progresso. O padrão de vida nacional eleva-se. As famílias passam a ter acesso a eletrodomésticos e automóveis. Reduz-se gradativamente o percentual de analfabetos, com participação direta das igrejas, que incentivavam o fiel a aprender a ler e escrever, com a finalidade de ensinar-lhe melhor os artigos de religião e a leitura pessoal da Bíblia.

É um fato que esse período é marcado pelo maior engajamento da igreja na vida das comunidades: o evangelho vivido na realidade da pobreza e da injustiça social. Talvez tenha sido esse o período de maior vitalidade da Igreja.

Em termos de Igreja Metodista, sua literatura passou a ser produzida pelos próprios pastores e escritores. Construções

iniciadas tiveram sua conclusão nesse período, com mais igrejas e casas paroquiais edificadas.

Em 1960 o relatório episcopal no Concílio Geral relaciona a fé aos problemas políticos. Os ventos da teologia latino americana já começam a arejar a prática da igreja. Assim, percebe-se que o progresso econômico não afeta o dinamismo da fé. Antes, leva grande parte da liderança da igreja a uma posição de contestação e crítica social, em nome do engajamento por Cristo.

É digno de nota que a encarnação da fé numa nova situação, bem como o completo envolvimento na vida cotidiana, assim como o alinhamento ideológico com a Igreja Católica Apostólica Romana, levou os metodistas a viverem um intenso diálogo ecumênico.

Outro fator importante: a partir de 1960 toda a liderança da Igreja Metodista é nacional, em consequência do sentimento anti-americano que toma conta da sociedade brasileira, e, em especial, na Igreja Metodista. Há um sentimento de gratidão, mas também, o desejo de gerir a própria igreja, em moldes mais latino-americanos. O protestantismo brasileiro, e mais especificamente o Metodismo, estava preparado e receptivo para participar mais ativamente, legitimando o processo social e econômico em crescimento.

O nacionalismo, a renovação da Igreja Católica, os ventos teológicos a partir de um cristianismo latino americano, causam uma mudança radical no comportamento protestante, que se vê rejeitando tudo o que é importado, buscando uma identidade mais brasileira para uma Igreja Metodista ansiosa de ser instrumento mais ativo de construção do Reino de Deus.

O Metodismo chegou ao Brasil trazendo juntos a capela/templo e a escola, mantendo as mesmas

características da matriz, o Metodismo norte-americano. E, assim, se manteve até metade da década de 1960, quando a Igreja, em sua totalidade, passou a questionar sua própria Missão... Esta nova Missão corresponde a um enfoque teológico da Igreja Metodista, agora priorizando a Missão que afirma novamente a unidade de propósitos e ação da Igreja/congregação e da Igreja/escola. As ênfases teológicas principais são o Reino de Deus, amor, justiça, transformação social, nova vida/novo mundo, libertação, pobres e oprimidos, solidariedade, paz e serviço. (OLIVEIRA, 2003, p. 19).

Com o fim das lideranças centralizadas, em 1965 se consagra a regionalização através da eleição de seis bispos e o esvaziamento da Faculdade de Teologia, com a criação dos seminários regionais.

Inicia-se o processo de introdução de princípios administrativos defendidos por uma classe emergente de tecnocratas na direção da Igreja: noções de eficiência associada à de autoridade centralizadora e não mais colegiada, para uma maior flexibilidade no uso do poder, noções de lucro, principalmente nas instituições.

Tudo isso se torna a pedra de toque dos debates, doravante, nos espaços político-eclesiásticos. É digna de nota uma proposta ao Concílio Geral de criação do IMS, com o argumento de que a criação de uma outra faculdade poderia ajudar a Faculdade de Teologia.

... Conselho Diretor da Faculdade de Teologia ao concílio, propôs aos conciliares a criação do Instituto, citando literalmente em seu relatório, a recomendação do Reitor da Faculdade para a criação de uma outra Faculdade cujo o lucro poderia ajudar a Faculdade de Teologia, independentemente da situação financeira a IMB. (MATTOS, 2000, p. 69).

2.5. As conseqüências do Golpe de 64 na vida da Igreja

Paralelamente, o país estava vivendo o chamado Milagre Brasileiro. Entre 1968 a 1974, o país cresceu, em seu PIB, noticiado largamente pelos jornais da época, cerca de 10%.

Houve um aumento da concentração de riqueza nas mãos de uma elite, aprofundando o estado de miséria de uma maioria da população. As contradições se tornam mais evidentes. A frase mais ouvida nos meios de comunicação era de que para dividir, o bolo precisava crescer. Já alertavam os mais lúcidos, as falácias desse “milagre”:

Refiro-me à situação, no essencial, de dependência e subordinação da economia brasileira com respeito ao contexto internacional do capitalismo em que nos enquadrámos e onde comandam os centros financeiros do sistema: as matrizes dos velhos trustes conhecidos hoje, pela eufêmica designação de "multinacionais". (PRADO, 1985, p.345/346).

O crescimento do “bolo” foi perverso. Entre 1958 a 1969, houve redução do poder aquisitivo do salário do chefe de família em cerca de 36,5%. A compensação dessa perda veio na participação dos outros membros da família no mercado de trabalho.

Outro dado é o significativo aumento do índice de mortalidade infantil no período. Em 1960, de cada 1000 novos nascidos, morriam 62,94 em São Paulo. Na década de 70, esse número aumentou para 88,28.

Fator também preocupante, no bojo de muitos outros, foi a constatação de que a migração interna se tornou mais intensa. O que se percebe é que a “revolução” militar, que alterou a face política da nação, gerou uma centralização econômica, produzindo uma concentração de riquezas, agravando a qualidade de vida da

maioria da população, ao lado da crescente dependência de capital externo.

Por ser uma ditadura, a burocratização administrativa concentrou o poder, reduziu a participação dos grupos de classe, esvaziou a atuação do Congresso Nacional e foram caladas as associações estudantis e os sindicatos se transformaram em aparelhos estatais, com a finalidade de controlar a classe trabalhadora. É importante mencionar que, culturalmente, o país viveu um êxodo de seus artistas, músicos e poetas. Os que aqui ficaram tiveram suas expressões ora censuradas, ora totalmente caladas.

E a Igreja Metodista? Antes de 1964, já vinha discutindo o problema da administração eclesiástica, do uso do poder e da secularização de seus pastores, cada vez mais inseridos no grupo dos “remediados”, com salários em média na faixa dos dez mínimos e de aumento nas atividades paralelas, o chamado tempo parcial, consagrado em 65.

Com a euforia da classe média, onde estava situada praticamente toda a liderança metodista, saudou-se alegremente o chamado progresso econômico que a beneficiava. Assim, com esvaziamento das Juntas Gerais e conseqüente extinção, a produção literária passou a ser feita por decisão exclusiva da administração da Imprensa Metodista.

Consagrou-se a regionalização política, acentuando-se os conflitos pessoais nas regiões mais politizadas. O bispo passou a depender, para sua reeleição, de seu bom desempenho no episcopado, gerando uma relação de troca mais ou menos explícita entre colegas presbíteros.

O poder, antes exercido pelos Concílios, passou a novos órgãos, os Conselhos, tornando o bispo um executivo, agravando a situação do Conselho Geral, visto que a Igreja não possuía a figura de um bispo primaz, ou um arcebispo.

No discurso, a mensagem muda. A pregação do Evangelho é alterada por pressões políticas. O credo social perde sua relevância, pois aquela leitura profética realizada nos idos de 1955-1965, onde se fazia o julgamento profético das injustiças que se defrontam com o Evangelho, é completamente alterado pela posição neutra da maioria e os aplausos da minoria privilegiada.

O processo de relaxamento dos costumes também se acentua. A contradição entre o pregado e o vivido é denunciado pelos mais jovens, atentos ao exemplo dos mais velhos. Essas causas estão presentes nas crises que resultaram no fechamento da Faculdade de Teologia em 1968, com a conseqüente perda de toda uma geração de pastores.

Diante da ênfase no progresso, feita pelo governo de exceção no país, o número de estudantes aumentou, modificando o rol de membros da Igreja Metodista e causando uma situação incômoda na comunidade local, onde os alunos sabem mais do que os professores, dado o aumento de escolaridade dos mais jovens.

A vida paroquial se modifica diante de um novo quadro, aquele da indisponibilidade. Para compensar, os mais pobres trabalham mais, e com o sonho de ascender socialmente, ocupam o tempo ocioso para estudar. Os mais ricos, dadas as oportunidades geradas pela modernização da sociedade e dos recursos, usam seu tempo para viagens, passeios e outras atividades, deixando de lado a igreja e sua missão.

Essa situação gera uma nova condição para a Igreja, pois seu setor econômico tem um novo problema, o da falta de recursos, agravado pela perda da ajuda norte-americana.

A nova Igreja produziu uma geração de jovens cultivadora da pureza do dom de si e voltada para sua fé. Essa juventude não encontra uma igreja preparada para orientá-la nesse novo mundo.

Essa nova geração não foi educada para a reflexão e a auto-análise, que é a marca do cristão. Sua característica principal é cultivar um pietismo incapaz de levar à formação de uma sólida base de fé.

Conclusão

Concluo este capítulo constatando que, uma igreja que viveu seu crescimento maior entre os anos de 1955 a 1965, na década seguinte, passa pela experiência da imobilidade e do declínio e da incapacidade de responder aos novos desafios do Reino de Deus.

CAPÍTULO III

A UNIMEP E A IDENTIDADE METODISTA

Introdução

O Núcleo Universitário de Cultura nasceu na UNIMEP. No entanto, o processo de gestação, que culminou com a institucionalização da expressão cultural e artística, aconteceu no espaço litúrgico e na visão metodista sobre a educação, graças à pressão exercida por um segmento da Igreja cada vez mais presente e decisivo: a juventude universitária.

Neste capítulo, procuramos refletir sobre a Igreja durante a década de oitenta, sua busca de identidade, justamente por meio do advento da teologia libertadora latino - americana, finalmente se fazendo presente na vida protestante brasileira.

A Universidade Metodista de Piracicaba assumiu um papel importantíssimo nesse momento histórico. Ocupou o seu lugar junto aos veículos condutores do processo revolucionário. Em consequência, ajudou a arejar a teologia da Igreja Metodista que,

como de resto das instituições brasileiras, experimentou a volta da democracia ao Brasil.

3.1. Década de 80: concretização da esperança

A Igreja, como um universo micro estrutural, sofre os reflexos do contexto maior representado pelas mudanças no Brasil e também no mundo.

O nacionalismo brasileiro, pouco evidente no regime Dutra (1945/50), quando o comunismo foi proibido (1947) e o país estava em quase completa subserviência aos Estados Unidos, ressurgiu sob Getúlio Vargas (1950/54) e se fortaleceu sobremaneira no regime de João (Jango) Goulart. Representava resistência à dominação norte-americana; e por essa razão adquiriu o colorido marxista, tanto russo quanto chinês maoista. Em meio a estas tensões criadas pela guerra fria, crescia uma população universitária evangélica cuja presença se fazia sentir em diversos níveis, desde o movimento de estudantes cristãos até a sociedade metodista de jovens, especialmente nos congressos regionais e nacionais. (REILY, 1984, p. 353).

Essas mudanças se tornaram ainda mais significativas, dado à crescente população evangélica universitária que buscava novas experiências de vida cristã e eclesial. Diante disso, a Igreja sentiu-se cobrada, pois o modelo em vigência estava por demais submetido à visão missionária norte-americana, entendido como centralizador, e um instrumento eficaz para a propagação e massificação de uma visão colonialista estadunidense.

A juventude universitária e os acadêmicos de teologia pleiteavam uma igreja mais voltada para a ação social e a política, e exigiam as mudanças estruturais necessárias. (REILY, 1984, p. 353).

Em resposta à pressão exercida por essa membresia jovem crescente, a Igreja Metodista, dirigida por uma classe média

tendente ao conservadorismo, procurou manter-se, diante dos ventos de renovação teológica e ideológica.

Para tanto, refugiou-se na busca de uma regionalização. Procurou isolar os focos de transformação existentes, ao mesmo tempo em que permitiu que se vislumbassem atualizações e modificações estruturais, sem, contudo, perder o controle da Igreja como um todo. Em outras palavras, aliviou a pressão.

... a IMB tendeu a voltar-se muito mais para si mesma do que para o mundo. Visando aperfeiçoar sua própria organização e estrutura, ela de fato introduziu mudanças estruturais substanciais sem, contudo, se tornar mais apta para a efetiva participação na missão de Deus no Brasil. A mais evidente tendência foi o regionalismo; já em 1971, cada concílio regional elegeu, pela primeira vez, seu próprio bispo (sempre os bispos tinham sido eleitos no concílio geral, como superintendentes gerais da IMB). A tendência regionalista, reforçada pela atitude de desconfiança da igreja quanto à faculdade de teologia na sua nova fase, se expressou na proliferação de seminários regionais, cuja criação teve o respaldo dos Cânones de 1971. (REILY, 1984, p. 355).

O regionalismo era visto pela Igreja como solução para resistir às novas lideranças e suas idéias ecumênicas. Entretanto, arejada pelos ventos da nova teologia latino americana ensinada na Faculdade de Teologia, e praticada pelos expoentes teológicos surgidos nas regiões onde haviam instituições de ensino superior, acabou contestado e modificado no Concílio Geral de 1978, ainda que não inteiramente extinto.

O regionalismo... foi contestado no concílio geral de 1978... de fato, pode ser visto como a antítese da anterior centralização de autoridade (tese) cuja síntese foi alcançada em 1978. Os bispos seriam eleitos novamente pela igreja toda, no concílio geral, mas “para as regiões eclesiásticas” logo, não para a igreja toda. Também, a proliferação de seminários regionais tão evidente no começo da década já se encontrava freada, estando em funcionamento apenas dois em 1978 e um em 1981. (REILY, 1984, p. 355).

3.2. As contradições: expansão das idéias revolucionárias

É fácil perceber que, no campo da Igreja, as questões caminharam para o confronto. Isso se tornou evidente na crise vivida pela Faculdade de Teologia, bem explicitada em correspondência enviada pelo então diretor da mesma:

Prezado aluno:

... É bem provável, que perante este quadro criado pela atitude do novo Conselho Diretor, uma boa parte do corpo docente atual não se sinta em condições de continuar o seu trabalho acadêmico nesta casa de ensino. Enquanto vigorar decisões que consideramos arbitrárias e que ferem frontalmente o espírito de trabalho e de estudo considerados necessários para uma Faculdade de Teologia, e tendo em vista a ocasião e a rapidez com que tudo foi feito, a maioria de nós se sente compelida a deixar a casa. Não podemos trabalhar com duas medidas: uma que serve para a Igreja Metodista em geral no cumprimento de sua missão, principalmente a pregação de fraternidade, amor e compreensão e ao mesmo tempo usar outra medida "interna" para uma instituição geral da Igreja, que desrespeita estas mesmas orientações. ...

Fraternalmente,

Ely Eser Barreto César.

(Carta encaminhada aos alunos da Faculdade de Teologia, datada de 28 de dezembro de 1978, Rudge Ramos).

As dificuldades foram sanadas, entretanto, muitos profissionais saíram do Instituto Metodista Superior – IMS, em São Bernardo. Piracicaba se beneficiou recebendo alguns, dentre os quais: Ely Eser Barreto César e Umberto Cantoni, personagens que assumiriam lugar de destaque na nova instituição universitária metodista, a UNIMEP, e no projeto de criação do Núcleo Universitário de Cultura.

Diante disso, como resultado, a Educação Teológica ficou definida a partir de regulamentação feita pelo Concílio Geral de 1978. Em 1982, a Faculdade de Teologia passou a ser superintendida por

um Conselho Diretor próprio, independente do Conselho Diretor do IMS.

Com o desdobramento da decisão do Concílio Geral de 1978 para a elaboração de uma nova política educacional metodista, a Comissão Geral de Educação Teológica – COGETE, além de cumprir com suas responsabilidades regulamentares, se envolveu no debate das questões concernentes às implicações que a nova política traria para a educação teológica. As Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista, aprovadas pelo Concílio Geral de 1982, dedicaram uma seção inteira à educação teológica. O mesmo Concílio, entretanto, extinguiu a COGETE.

A partir de então, se desenvolveu na Igreja um processo que visava à elaboração de um Plano Nacional de Educação Teológica – PNET que, depois de marchas e contramarchas, de consultas e de discussões nas Regiões Eclesiásticas, sob a coordenação da Faculdade de Teologia, foi finalmente aprovado pelo Concílio Geral de 1987. O Plano aprovado possuía três eixos fundamentais para o exercício do ministério da docência teológica metodista: unidade, descentralização e integração.

Foi atribuída aos seminários regionais a responsabilidade de oferecer a formação teológica sistemática e regular para a capacitação do laicado da Igreja, e, concomitantemente, os dois primeiros anos da formação teológica dos candidatos ao ministério ordenado da Igreja. À Faculdade de Teologia foram atribuídos, segundo as diferentes alternativas possíveis, os dois ou três últimos anos da formação teológica para o ministério ordenado metodista. (MATTOS, 2000, p. 52).

Esse modelo de Igreja descentralizada não se tornou permanente. Durante os anos seguintes, persistiu a controvérsia. Na prática, a centralização ou descentralização do ensino teológico, dadas as implicações doutrinárias, sofreram as influências regionais, e cada

vez mais, adquiriram importância e espaço no universo teológico metodista brasileiro.

Ainda hoje, a mesma questão da centralização ou descentralização revela-se indefinida, ora para um lado, ora para o outro.

3.3. A prática da fé: Metodismo em busca de uma Identidade

O Brasil da década de 80, conforme jornais e análises feitas por inúmeros estudiosos, experimentou um processo de redemocratização com o final dos governos militares. As lideranças políticas que foram exiladas começaram a voltar para o Brasil.

Paralelo a isso, os movimentos sociais, tais como: sindicatos, associações de bairro, conselhos municipais, surgiram ou retomaram seus espaços, dando origem a partidos políticos, como é o caso do Partido dos Trabalhadores, surgido em 1979, e fundado legalmente em 1980. (HARNECKER, 1994, p. 88).

Um fato é digno de nota: as eleições gerais em 1982. Foram eleitos o parlamento e os governos estaduais. No campo das idéias, sempre com a participação popular, formularam-se propostas de transformação social. Questionaram-se as diversas formas de dominação, reforçando-se o debate entre os partidos tidos de direita, com os partidos tidos de esquerda: os já existentes e os nascentes.

A Igreja, como uma micro estrutura, também sofreu um processo de releitura de sua realidade eclesial. A Igreja Metodista buscou reerguer-se, revitalizando o Metodismo por meio de uma proposta

de ação no país, através dos planos quadrienais de 1974 e 1978, com propostas de crescimento quantitativo e qualitativo.

Aprofundou-se, nesse momento, a preocupação com a identidade metodista. Urgiu buscar uma identidade metodista brasileira, a partir de uma teologia latino americana. A hinologia e prática pastoral precisavam ser engajadas na realidade de nosso país. Era preciso romper com a teologia herdada, norte-americana, focada em uma classe privilegiada, inconsciente das realidades e necessidades do povo brasileiro. O objetivo da nova teologia era libertação completa, da alma e do corpo, com vistas a experimentar as realidades do Reino de Deus.

Em 1982, o Concílio Geral aprovou o Plano para a Vida e a Missão da Igreja Metodista. A propósito dos cinquenta anos de autonomia da Igreja, o Conselho Geral realizou em 1980 a Consulta Nacional Vida e Missão.

Esta Consulta se realizou por meio de dois instrumentos: 1) consulta externa – um questionário remetido a lideranças locais, que não alcançou o resultado desejado e acabou sendo assumido como opiniões gerais acerca da Igreja; e 2) consulta interna – um encontro promovido entre 29 de outubro e 2 de novembro de 1981, que reuniu lideranças regionais e nacionais, representativas de todos os segmentos da Igreja. Foram temas de reflexão: “O Metodismo Brasileiro: passado e presente”; “Análise Teológica da missão da Igreja à luz da realidade nacional”; “A missão da Igreja e a ação evangelizadora”; “A missão da Igreja: a ação comunitária”; “A missão da Igreja: vida de adoração”.

O documento resultante da Consulta apresentado ao Concílio Geral de julho de 1982, reunido em Belo Horizonte, foi o alvo de um estudo profundo pelos 88 delegados durante cinco dias. No

primeiro momento, 11 grupos analisaram o texto da primeira parte do documento. Na segunda etapa, eles foram divididos pelas “áreas de vida e trabalho” para debater o plano proposto para cada uma delas.

As críticas em plenário da parte de pessoas afinadas com a ala conservadora da Igreja, centradas no tom político do documento, não impediram que o texto fosse aprovado pela quase totalidade dos delegados. Foram 78 votos favoráveis, dois votos contrários e uma abstenção, justificada pelo votante como: “Não posso aceitar essas premissas teológicas”. (RIBEIRO, 2002, p. 24).

Bem se vê pela citação acima, o embate existente entre as tendências não só teológicas da Igreja, mas as convicções ideológicas e também os compromissos políticos, definindo-se dentro da igreja, como direita e esquerda, teologia tradicional e Teologia da Libertação. Essa situação fica mais bem explicitada na análise que se segue:

O Vida e Missão expressa, nos inícios dos anos 80, um movimento de renovação no interior da Igreja Metodista brasileira. Ao contrário dos movimentos carismáticos e/ou pentecostais, apresenta um carácter progressista. Configura-se como um indicativo de retorno ao Cristianismo primitivo, ao início do movimento inovador de John Wesley no interior da Igreja Anglicana e, teologicamente, se assemelha a movimentos outros, cristãos ou não, que, naquele momento, apontavam a direção de uma sociedade mais justa. (PUCCL, 2003, p. 36).

A Igreja, ao assumir o Plano para a Vida e a Missão, revelou a consciência da acomodação vivida em década anterior, por parte do laicado e também do clero.

Também foi preciso dar um salto na qualificação do ministério pastoral, desburocratizando seu papel, promovendo maior participação leiga, junto com uma maior qualidade na preparação bíblico-teológica da Igreja como um todo.

A década de 80 favoreceu um exercício de maior criatividade nas formas de atuação pastoral. Envolveu as lideranças com movimentos de educação popular, com os movimentos de novas formas de leitura da Bíblia, de reflexão teológica com base na Teologia da Libertação, e com o movimento ecumênico internacional e nacional.

A Igreja Metodista ampliou sua presença e participação nos movimentos sociais. Seu interesse por projetos com grupos empobrecidos se fez sentir em todo território metodista.

3.4. A Educação Metodista: UNIMEP

Onde e como podemos encaixar a educação metodista? É claro, até pelos documentos e textos já citados e conhecidos, que a educação sempre ocupou o centro das preocupações do mundo metodista.

O metodismo da década de 70, em meio à explosão da população estudantil universitária, entrou com decisão na educação superior, e nesse período quase todos os seus principais colégios criaram faculdades. (REILY, 1984, p. 355).

O entrelaçamento da teologia e da educação passou, a partir de 1974, por sucessivas discussões, visto que o eixo ideológico da Igreja havia mudado. Era cada vez maior a presença da teologia latino americana e do ecumenismo, se fortalecendo no compromisso dos metodistas chamados de progressistas.

Em 1979 foi estabelecido um processo de pesquisa em igrejas e nas instituições educacionais e a partir dele, em 1980, realizou-se um seminário, convocado pelo Conselho Geral, com lideranças de instituições e de segmentos da Igreja relacionados com a educação. O resultado foi a elaboração do documento “Fundamentos, diretrizes, políticas e objetivos para o sistema educacional metodista”. (RIBEIRO, 2002, p. 31).

A Educação se tornou o campo para o desenvolvimento da nova mentalidade metodista. A pesquisa, a propósito do documento “Fundamentos, Diretrizes, Políticas e Objetivos para o Sistema Educacional Metodista”, ocorrida na igreja, gerou um Seminário em janeiro de 1982 intitulado: “Diretrizes para um Plano Nacional de Educação”. Ele aconteceu com a participação de lideranças nacionais, regionais, representantes das instituições de ensino secular e teológica, bem como alunos das mesmas. Disso resultou, para o Concílio Geral de 1982, o documento “Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista”. (MATTOS, 2000, p. 74).

Houve muito debate no Concílio sobre tal material, no clima do já acalorado estudo do Vida e Missão. O tom político e social do “Diretrizes para a Educação”, na linha do “Vida e Missão”, acendia profundamente a tensão teológico-ideológica entre as principais tendências presentes na Igreja (usualmente denominadas “conservadora”, “progressista” e “carismático-pentecostal”, esta última ganhando força nesse período). Exemplo disso foi a declaração registrada em ata, contrária ao documento, assinada por Ulisses Panisset, Sebastião Campos e Gilvado dos Santos: “A educação está comprometida com a verdade e não com uma prática libertadora”. (RIBEIRO, 2002, p. 32).

Foi nesse período que a UNIMEP começou a engajar-se intensamente nas militâncias políticas e sociais. Os projetos da Educação Popular, tão caros à Instituição, e parte dos planos de trabalho dos Setores de Música e Teatro, foram retomados com força.

... somente ao final dos anos de 1970, já com a UNIMEP, seria retomada uma fase de contestação, de organização da população e de reivindicações políticas. Criada em 1975, a Universidade empossou seu segundo reitor, Elias Boaventura, justamente a partir de uma crise sucessória, em meio à qual professores e alunos começaram a exigir posturas mais democráticas, comprometimentos políticos até então inexistentes e participação mais efetiva nos rumos da Instituição. (ELIAS, 2001, p. 288).

Encanta analisar as muitas ações que a UNIMEP empreendeu:

Foi nesse período que a Instituição entrou em ebulição internamente e se projetou junto à sociedade local, nacional e em certos aspectos, internacionalmente... foi por meio de suas atividades extensionistas que mudou e se projetou na sociedade. (QUEIROZ, 2002, p. 58).

Estas ações se materializaram principalmente nas atividades extensionistas, como já citado. Ressaltamos o primeiro projeto de extensão (Pronto Atendimento Integrado à Comunidade – PAIC) de caráter permanente, na gestão de Elias Boaventura, criado em janeiro de 1979:

Seu objetivo inicial era atender alunos, funcionários e professores da Universidade procurando solucionar problemas emergenciais... o PAIC não se restringiu apenas à comunidade universitária, estendendo seus serviços à população carente da periferia piracicabana nas áreas jurídica, serviço social, psicológica, pastoral, de terapia educacional, de serviços ambulatoriais e de fornecimento de amostras grátis de medicamentos. (QUEIROZ, 2002, p. 58/59).

A expressão teológica de chamamento, a “encarnação do evangelho”, pode muito bem se aplicar à práxis da Instituição. É significativo o reconhecimento de estudiosos não metodistas das ações empreendidas:

Em 1979, surgiu o Projeto Periferia, a “menina dos olhos” da nova administração. ... Sua principal motivação era cuidar de crianças desassistidas pelos pais trabalhadores. O objetivo geral era “criar um programa de extensão da Universidade, em nível de estágio de alunos e de prestação de serviços que a Universidade mantém em função dos cursos, à comunidade de baixa renda através da implantação de pré-escolas em bairros periféricos da cidade”. (QUEIROZ, 2002, p. 60).

As ações se multiplicaram: discussão de problemas de discriminação racial, questões sobre a marginalização do menor e maus tratos ao mesmo, violência, apoio ao movimento estudantil na realização do 32º Congresso da União Nacional dos Estudantes – UNE, posicionamento ante as questões indígenas,

debates sobre a conjuntura nacional e discussões sobre educação popular. Enfim,

... a UNIMEP procurou colaborar com a criação de uma nova consciência local e nacional. Num processo de redemocratização de uma nação, do qual ela se interessou em participar, não se poderia deixar de lado a opinião e o interesse do favelado, do menor abandonado, do negro, do índio, do trabalhador ou do estudante. (QUEIROZ, 2002, p.65).

Uma proposta de identidade para a Igreja Metodista se delineava por meio do compromisso social da Instituição de Ensino:

... o compromisso da Universidade com uma transformação social que privilegiasse as camadas mais carentes e marginalizadas da população fê-la romper com os limites da sala de aula e ousadamente se inserir em movimentos locais, nacionais e internacionais. (QUEIROZ, 2002, p.66).

A UNIMEP, como uma extensão da Igreja, assumiu a Teologia da Libertação como práxis. Divulgou o compromisso de outros revolucionários, tanto de idéias, como de ação, de âmbito internacional, tais como: representantes das Comunidades Cristãs Camponesas da Nicarágua, na figura dos padres Pedro Leoz e Juan Isidro Betanco.

Outros nomes igualmente importantes passaram por aqui, emprestando à Instituição o aval ao seu compromisso com o Reino de Deus: Henrique Dussel, filósofo, e os teólogos George Casalis e Juan Luiz Segundo.

Ainda nesse período, dissidentes demissionários da Faculdade de Teologia do IMS começaram a chegar à Piracicaba. Integraram a vida acadêmica e a Pastoral Universitária, entre eles: Nilo Belotto, Peri Mesquida, Park Renshaw e Alba Belotto.

Este grupo, na verdade, foi compondo a Pastoral Universitária. Por sugestão de Elias Boaventura, Darlene Barbosa Schützer passou

a integrar a mesma, respondendo pelo contato com os estudantes, mocidade metodista e apoio musical litúrgico nas celebrações.

A Pastoral Universitária dos anos 80 congregou diferentes setores, entre os quais os de música e teatro. Naquela equipe todos estavam juntos e, embora os setores fossem independentes, eram articulados pelas diretrizes da Pastoral, dentro de uma postura ecumênica.

Os trabalhos com música e teatro eram parte da confessionalidade, sendo que a Pastoral traduzia o conceito metodista de espiritualidade, expresso na cultura, na ação social e no atendimento à comunidade.

Havia trabalhos sendo desenvolvidos na periferia, nos canaviais, com as crianças de rua e com as questões de meio ambiente. Tal conceito de espiritualidade era muito amplo, e os setores artísticos de então tinham compromisso com isso tudo. E, em função desse pensar, deu-se a ampliação de repertório, e a conseqüente elaboração e concretização de projetos, tais como: Coral do Movimento Negro, Canções dos Meninos de Rua e a montagem da “Missa da Terra sem Males”.

Conclusão

A Igreja Metodista, diante das práticas institucionais universitárias, viveu uma contradição. Suas elites dirigentes ficaram incomodadas com os rumos do compromisso social das Instituições. Buscaram dominar ou manipular a educação, intervindo na administração, na produção de conhecimentos e nas atividades sociais das mesmas. Quiseram refrear o avanço da

nova postura universitária. Essa tentativa provocou a perda do respeito da comunidade, que não admitia a incoerência teológica.

CAPÍTULO IV

A UNIMEP SOB O OLHAR DA CULTURA

Introdução

Para compreender a criação do NUC, é necessário recuar no tempo, mais precisamente no início da década de 1970, e conhecer um pouco da história do Conjunto Jovem Som, grupo musical composto por alunos e funcionários da Instituição, e pessoas da comunidade externa; esse grupo participou ativamente das atividades de música e evangelização do Colégio Piracicabano e das Faculdades Integradas.

Neste capítulo, nos utilizamos de informações obtidas tanto em documentação, como relatórios do NUC, publicações da imprensa e também depoimentos. Achamos por bem registrar as memórias de alguns dos personagens que contribuíram para a construção do NUC. Utilizamos-nos de depoimentos gravados, procedimento este legítimo como instrumento documental.

Muitas informações foram obtidas em entrevista com a Prof^a. Darlene Barbosa Schützer. Darlene integrou o Jovem Som a partir

de 1973 até seu término, em 1978. Também nos utilizamos das memórias do Maestro Umberto Cantoni, relativas ao Setor de Música, no período de 1980 a 1985. Quanto ao Setor de Teatro, nos servimos das lembranças de Sebastião Martins. Tião, como era conhecido, atuou no Grupo de Teatro de 1980 a 1986.

4.1. O Conjunto Jovem Som

Em 1970 Richard Edward Senn veio a Piracicaba para tornar-se o diretor geral do Instituto Educacional Piracicabano.

Richard Edward Senn, um americano nascido no Colorado, Estados Unidos, em 1926, e que se encontrava no Brasil desde o início dos anos 50, tornou-se diretor geral do Instituto Educacional Piracicabano em março de 1970. Vindo de Goiás, onde atuou como missionário e diretor do Colégio Couto Magalhães, Senn foi o criador, em Anápolis, da Faculdade de Filosofia “Bernardo Sayão”. (ELIAS, 2001, p. 269-270).

Dr. Senn assumiu, além do Colégio Piracicabano, a direção da então Faculdades Integradas, que naquele período contava com as Faculdades de Educação, Economia, Administração e Ciências Contábeis, Direito e Ciências. Sua prioridade foi a criação de uma Universidade Metodista.

A ele, coube continuar a expansão dos cursos superiores de maneira mais urgente, conseguindo, em 1975, que o Ministério da Educação reconhecesse a Instituição como Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, da qual foi o primeiro reitor, empossado em dezembro daquele ano, cargo em que permaneceu até 1978. (ELIAS, 2001, p. 270).

Como era normal naquela época, os diretores das instituições eram pessoas também encarregadas da parte pastoral. O Dr. Senn dirigia as devocionais e a Sr.^a Noeme Senn e os filhos do casal, Mark e Linda, davam apoio litúrgico a essas reuniões por meio da música. O culto semanal acontecia ao final do expediente,

às 18h, antes da aula da noite. O grupo que se reunia era pequeno, mas às vezes chegava a contar com aproximadamente 50 pessoas, entre estudantes, funcionários e professores.

Dr. Senn dirigia semanalmente as devocionais, e a D^a Noeme (sua esposa), que gostava de música, dava o suporte musical para essas reuniões devocionais que ele fazia. Ela foi reunindo pessoas interessadas. No começo era a família, e depois foi juntando funcionários que tocavam, e aos poucos virou um conjunto. (Entrevista com Schützer, 2008).

O Conjunto Jovem Som nasceu em 1970, de um ideal de promover a música moderna religiosa no ambiente estudantil. Contava então, com três pessoas pouco aparelhamento e uma experiência cristã a compartilhar. (Relatório sobre o Conjunto Jovem Som, 1977, arquivo do NUC).

O conjunto que surgiu a partir daí, denominado de Jovem Som, não era ligado à igreja de forma direta, mas podemos dizer que, de certa maneira, era a voz da igreja na universidade, bem como a voz da universidade na igreja.

O Conjunto Jovem Som tem sido freqüentemente convidado para programas nas igrejas da região, e principalmente nos encontros, congressos regionais e Nacional de Jovens da Igreja Metodista. (Relatório sobre o Conjunto Jovem Som, 1977, arquivo do NUC).

Os estudantes inicialmente tiveram bolsa integral para participar do conjunto, mas depois de um tempo, passou a parcial. Portanto, havia apoio institucional para a participação discente, e os funcionários realizavam essas atividades geralmente durante horário de trabalho.

Com o passar do tempo o grupo cresceu, se modificou e também seu trabalho aumentou. Em 1972 chegou a ter mais de 20 jovens que cantavam nas assembléias, no velho Salão Nobre.

Por ocasião do início da reforma do Salão Nobre, a pequena capela do prédio Centenário abrigava as reuniões semanais, compostas de música, testemunhos, filme, palestras e rápidos estudos bíblicos. Os alunos começavam a conhecer mais o

conjunto através desses encontros, e a semente era semeada. (Relatório sobre o Conjunto Jovem Som, 1977, arquivo do NUC).

Em 1973, com o grupo em andamento desde 1970, Darlene Barbosa passou a integrar o conjunto em substituição a Linda Senn, que estava em licença maternidade. Naquele período eram 5 ou 6 pessoas que participavam, mas devagar o grupo foi crescendo.

Eu entrei no Jovem Som em 1973, mas o grupo já existia desde 1970... Quando entrei no grupo, que foi na licença gestante da filha deles, era para ficar só aquele período, mas eu fui ficando... Eu estava completando meus estudos de piano, tinha um pouco mais de orientação teórica para ajudar o grupo... (Entrevista com Schützer, 2008).

Um detalhe interessante é a variedade de instrumentos que compunham o conjunto: guitarra elétrica, baixo elétrico, bateria eletrônica e teclado, contando às vezes, dependendo da composição no momento, com flauta, violino e trompete.

... uma coisa que era característica desse grupo é que não tinha nada acústico: era guitarra elétrica, era contrabaixo elétrico, a bateria era uma caixinha eletrônica que eles trouxeram dos Estados Unidos e aí a gente virava uns botõezinhos, daí tocava diferentes ritmos, tinha outro botão que acelerava ou diminuía o andamento e era isso que era a bateria, nem bateria de verdade a gente tinha, nada de percussão, era tudo eletrônico mesmo, e o órgão eletrônico. (Entrevista com Schützer, 2008).

Musicalmente, era um avanço muito grande para a Igreja. Desde a criação do conjunto, as novidades foram muitas, causando, em certos momentos, “escândalo” na Igreja. Talvez essa prática fosse uma reação à música tradicional executada na Igreja.

Mesmo no começo, já era um avanço muito grande, e trazia muitos instrumentos diferentes para a Igreja, que era meio que escândalo: microfone e outras coisas, que hoje a gente tem tanto, e com tanta naturalidade, mas que naquele tempo não era, mas não tinha nada de violão, nada de instrumento

acústico, isso é uma coisa interessante. (Entrevista com Schützer, 2008).

Outra novidade que o grupo lançou, segundo Schützer, foi o gesto associado ao canto, o precursor da dança litúrgica, hoje tão disseminado no meio das igrejas evangélicas,

... mas com muito respeito, pois era muito forte esse viés evangelical em tudo que a gente fazia. As músicas que se fazia algum gesto, eram geralmente as músicas mais lentas, que tinha gestos muito delicados, e com eles tinham também essa interface com vídeos... (Entrevista com Schützer, 2008).

Conforme depoimento, o casal Senn trazia dos Estados Unidos filmes que misturavam ciência e fé, que eram projetados em reuniões, com posterior comentário. Outra prática adotada em algumas apresentações foi a associação da música com imagens, de forma simultânea. Enquanto o grupo cantava, havia a projeção de slides, um após o outro, como pano de fundo ao tema. Isso tudo em um tempo onde poucos sabiam manusear slides no Brasil.

Em Piracicaba o conjunto transpôs os portões da Igreja Metodista e da UNIMEP. Começaram os convites de outras denominações religiosas para apresentações, na expectativa de conhecerem as propostas inovadoras do grupo. O apoio musical às devocionais continuou e, aos poucos, o conjunto começou a viajar para se apresentar em igrejas, escolas, eventos da mocidade, dentre outros.

Logo começaram as viagens a cidades vizinhas e até mesmo Brasília, visitando igrejas, colégios e outras instituições metodistas. (Relatório sobre o Conjunto Jovem Som, 1977, arquivo do NUC).

O número de integrantes do grupo não era fixo. Às vezes tinha bastante gente, às vezes ficava bem reduzido. Segundo depoimento ouvido, um dos motivos para a oscilação era a

dificuldade de relacionamento com a Sr.^a Noeme, que era autoritária. As pessoas se cansavam de algumas situações e saíam. Além da questão relacional, outras questões interferiam:

Houve uma época também que o grupo reduziu muito para viajar, por causa da crise da gasolina, uma época que era muito complicado, então a gente reduziu o grupo para poder viajar num carro só. Tinha um carro grande que a gente colocava todos os instrumentos ali dentro, e ainda cabia todo mundo para viajar, com isso, o número variava. (Entrevista com Schützer, 2008).

O Conjunto Jovem Som se consolidou e tornou-se um setor da Instituição em 1974. Mark Senn era o coordenador, e Darlene Barbosa foi contratada como funcionária para lá trabalhar. Neste ano surgiu também a idéia de ampliar o atendimento aos estudantes para além do campo musical, sendo criado o Departamento de Atividade Cristã.

Em 1974, surgiu a idéia de se proporcionar maior assistência espiritual aos universitários... A princípio funcionava numa sala acanhada, nos fundos do prédio do Salão Nobre, mas sua influência foi marcando a vida dos alunos... (Relatório sobre o Conjunto Jovem Som, 1977, arquivo do NUC).

Em 1976 foi constituída a Associação Cristã de Moços Universitários – ACMU, e o Conjunto Jovem Som passou a ser um organismo dentro dessa associação. Dentre as atividades desenvolvidas pelo setor, estava a questão da moradia para estudantes, estudos bíblicos, e até projetos relacionados a emprego e liderança. Darlene era responsável pela parte religiosa, de estudos bíblicos e de música.

A Associação Cristã de Moços Universitários teve sua origem no Departamento de Atividade Cristã, cujo trabalho se estendera para além da área espiritual, abrangendo, em 1976 outros 3 departamentos: Intercâmbio Cultural, Integração Universitária e Esportivo. ...fora construído no subsolo do mesmo prédio (Salão Nobre) um ambiente agradável, preparado para receber os universitários – o centro de

vivência que abriga a ACMU. (Relatório sobre o Conjunto Jovem Som, 1977, arquivo do NUC).

No começo de sua formação, conforme entrevista, o grupo cantava os “corinhos” – música litúrgica mais simples, sem complexidades – já conhecidos pelos evangélicos brasileiros. Depois foi acrescido ao repertório músicas do conjunto Palavra da Vida e algumas dos Vencedores por Cristo.

Como havia muitas pessoas interessadas em participar do conjunto, em janeiro de 1975 foi montada a primeira cantata: a “Cantata Vida”.

Contava esse trabalho com a participação de 75 jovens, alunos ou membros das diversas igrejas de Piracicaba e Rio das Pedras. (Relatório sobre o Conjunto Jovem Som, 1977, arquivo do NUC).

Outro fator que colaborou para essa montagem, segundo Schützer, foi a chegada da família Milazzo a Piracicaba, composta de bons cantores, que passaram a integrar o grupo, incrementando a proposta.

... a gente convocou gente da cidade, pessoal das igrejas, pessoas que a gente conhecia e ensaiou e preparou aquela cantata e apresentou. Depois disso, anualmente em janeiro, a gente reunia grupos desse tipo para ensaiar uma cantata muito grande. (Entrevista com Schützer, 2008).

Essa cantata teve sua estréia no Teatro do Centro Acadêmico “Luiz de Queiroz” – CALQ, pois o Salão Nobre do Colégio Piracicabano passava pela sua primeira reforma. Porém, a inauguração do Salão foi marcada pela presença do Jovem Som:

Em fins de 75 a reforma do Salão Nobre terminava, sendo inaugurada com a reapresentação da cantata Vida... (Relatório sobre o Conjunto Jovem Som, 1977, arquivo do NUC).

Os grupos que participavam das cantatas contavam com cerca de 60 a 70 pessoas, e às vezes até mais. A partir dessa primeira

experiência, foi adotada a prática de ensaiar durante todo mês de janeiro uma nova cantata e depois se apresentar no início do semestre no Salão Nobre.

Os eventos eram bastante divulgados e contavam na platéia, além dos alunos, professores e funcionários da Universidade, com pessoas da comunidade em geral. Durante todo o ano aquelas músicas constavam do repertório do Conjunto, e eram apresentadas em diferentes momentos, com formação do grupo que variava: ora reduzida, ora formação completa.

Essa Vida era de uma cantata que havia no Brasil, já em português, mas depois disso a D^a Noeme viajava para os EUA e trazia todo o material pronto já: os livros com as partituras, as fitas gravadas, aí a gente traduzia e escolhia o que servia e montava uma coisa diferente geralmente. Era de diversas cantatas, a gente escolhia e montava uma idéia diferente, e aí intercalava músicas de estilos diferentes, com os instrumentos que a gente tinha disponíveis, porque esses grupos que a gente convocava tinha, por exemplo, uma flautista da Escola de Música que gostava e vinha cantar, tinha um violinista de outro lugar, então algumas músicas tinham essas participações especiais de pessoas diferentes, e com isso incrementava muito também toda a parte musical e de exigência mesmo da gente. (Entrevista com Schützer, 2008).

Nos anos seguintes outras cantatas foram ensaiadas. A cantata “Grande Descoberta” abriu a programação do ano de 1976, no mês de março. O grupo era integrado por 50 alunos da UNIMEP e foi apresentada

... para todos os calouros e demais alunos, que optaram pela apresentação. A partir daí, mensalmente, são apresentados, numa promoção da ACMU programas aos alunos, em regime de validade de frequência na aula que o aluno perde. (Relatório sobre o Conjunto Jovem Som, 1977, arquivo do NUC).

O ano de 1977 chegou com expectativa para a nova cantata: “Estrelas Poeira”, preparada por outros 40 jovens, também com

estréia no início do ano. Esta experiência causou impacto e trouxe resultado positivo ao grupo,

... com a formação de um grupo permanente de 30 alunos – os CANTORES JOVEM SOM – que tem se encarregado dos programas mensais e especialmente das reuniões de CONFRATERNIZAÇÃO CRISTÃ, todos os terceiros domingos de cada mês, iniciadas em abril de 77. (Relatório sobre o Conjunto Jovem Som, 1977, arquivo do NUC).

A razão principal de o repertório vir dos Estados Unidos era o desejo que a Sr.^a Noeme tinha do ineditismo das músicas. Conforme o depoimento ouvido, ela queria que tudo fosse absolutamente novo e exclusivo, chegando ao exagero de proibir que os integrantes do conjunto cantassem o repertório em outro local que não fosse no Jovem Som.

Do ponto de vista musical as partituras eram bem complexas, com bastante variedade de instrumentos, de timbres vocais e instrumentais, e riqueza de arranjos. Entretanto, não se tinha praticamente nada de música brasileira, era música norte-americana mesmo. Não tinha a ver com nosso rock, samba, MPB ou bossa nova, nem com a música litúrgica brasileira.

Mas a partir da 2ª ou 3ª cantata que a gente montou, a Dª Noeme sempre colocava uma música popular, o que era um escândalo para muitas pessoas. Ela colocou uma vez uma do Roberto Carlos que falava sobre as baleias, uma coisa assim, veja, imagina falar de meio ambiente nos anos 70... Então ela lançou uma coisa desse tipo, muita gente não gostava dessa mistura, imagina cantar música popular na igreja... (Entrevista com Schützer, 2008).

A colocação de uma música popular nas cantatas demonstra a visão ecumênica do casal Senn, que era impressionante para aqueles tempos, e pouco comum nas igrejas evangélicas. Outro ponto interessante era sua tolerância para com todas as pessoas, o respeito pelos que pensavam diferente, visto que os integrantes

não eram só evangélicos, mas também, católicos que cantavam e participavam ativamente das atividades.

Além das reuniões próprias do setor, eram tradicionais as comemorações da Páscoa na Instituição, contando com a participação do conjunto,

... com um programa ao ar livre, no pátio da UNIMEP, numa noite próxima à Semana Santa, constando de música, filme ou encenação. (Relatório sobre o Conjunto Jovem Som, 1977, arquivo do NUC).

Outros momentos institucionais que contavam com a presença do Jovem Som, eram as sessões de formatura,

... de todas as turmas da UNIMEP, compartilhando da vitória obtida por centenas de alunos, anualmente. (Relatório sobre o Conjunto Jovem Som, 1977, arquivo do NUC).

Esse foi o período do Conjunto Jovem Som. Período em que celebrou a fé através do canto, mas o canto norte-americano; período em que não era permitido, da parte da Sr.^a Noeme, executar nem mesmo as composições locais, feitas por integrantes do conjunto, como era o caso de um rapaz de Limeira, da Igreja do Evangelho Quadrangular que, conforme depoimento compunha músicas bem interessantes, mas que não podiam ser cantadas nem mesmo nas reuniões menores, pois não eram parte da proposta. Situações como essa, começaram a causar incômodo:

Com o tempo então foi criando, uma porque a gente ia ficando mais maduro e já não gostava muito daquele jeito meio autoritário dela dirigir o grupo, outra porque a gente começava na faculdade, nas próprias igrejas e em outros ambientes que a gente circulava, a gente começava a conhecer outras alternativas, então começou a haver muita dissensão dentro do próprio grupo. Às vezes era com dificuldade que a gente se segurava lá, tinha gente que participava do grupo porque precisava da bolsa, quer dizer, deixou de ser aquela coisa tão

*maravilhosa porque a gente começou a criticar bastante...
(Entrevista com Schützer, 2008).*

Dr. Senn deixou a direção da UNIMEP em 1978 e retornou aos EUA com sua esposa. Assumiu a instituição nova liderança, com outras características, diferentes do modelo anterior. Nesse momento de mudança de filosofia administrativa, o Jovem Som se desfez.

4.2. Surge novo grupo de música na Instituição

A prática musical desenvolvida na UNIMEP entre 1976 e 1978 ficou bastante desgastada. Com o início da abertura tanto no campo político quanto no campo educacional, começaram os questionamentos dentro da própria universidade.

*Daí então, quando tem a crise em 78 e o Senn é afastado, todo mundo saiu, o conjunto desmanchou, e nessa época eu já estava envolvida com Federação de Jovens, e aí então eu falei com o Elias, que assumiu a reitoria na época, como que a gente faria com esse setor, e aí então que ele sugeriu que a gente ficasse e tentasse trabalhar outras alternativas.
(Entrevista com Schützer, 2008).*

Conforme depoimento, Darlene permaneceu como funcionária do Setor e, atendendo à sugestão do próprio reitor, Prof. Elias Boaventura, novo projeto foi iniciado. Outros estudantes se agregaram a ela, não mais como bolsistas, mas voluntários, e desempenharam as funções musicais nas devocionais e nas celebrações de formatura, atividades desenvolvidas pelo extinto Jovem Som.

Talvez como reação ao modelo anterior, o novo grupo cantava somente música brasileira, de maneira mais livre e informal. Os instrumentos eletrônicos não mais foram utilizados. Os acústicos tiveram toda exclusividade: violão, piano e percussão. Novas

propostas na área musical foram experimentadas, com temática contestadora, característica do final da década de 1970 e início da década de 1980.

Além das apresentações musicais do grupo, o Setor Musical foi além em seus projetos: assumiu a responsabilidade de proporcionar aos interessados a possibilidade de formação de grupos musicais diversos, através de curso preparatório em 1979:

O Setor Musical... promoveu no mês de janeiro um curso de Teoria e Leitura Musical, que se estende pelo mês de fevereiro, atendendo 25 alunos. (Relatório de Atividades do Setor Musical, 1979, arquivo do NUC).

Esse curso foi viabilizado pelo Centro de Treinamento – CTU da UNIMEP e, inclusive, com a entrega de certificados aos concluintes,

... o que motivou muito a participação, além de melhorar sensivelmente o nível musical dos participantes nas demais programações do semestre. (Relatórios de Atividades do Setor Musical, 1979, arquivo do NUC).

Para atender à demanda das formaturas, o Setor Musical preparou grupos para se apresentarem em todas as cerimônias de conclusão de cursos da UNIMEP e CTU,

... entrando em contato com as comissões de formaturas dos cursos e secretárias dos centros para acertar detalhes da solenidade, colaborando para o seu bom andamento. (Relatório de Atividades do Setor Musical, 1979, arquivo do NUC).

Em janeiro de 1979, sob a coordenação do Setor de Música, um grupo de alunos da UNIMEP começou a se reunir para planejar a execução de uma cantata jovem com repertório religioso.

Essa equipe elaborou programa, textos básicos e esquema geral de trabalho a ser desenvolvido pelo grupo que executaria a cantata. O recrutamento dos participantes foi feito por cartazes elaborados pela equipe e alguns membros

visitaram as salas de aula convidando a todos... (Relatório de Atividades do Setor Musical, 1979, arquivo do NUC).

A proposta era um trabalho diferente, com uma visão mais ampla da música litúrgica, inclusive com a inclusão de composições dos próprios alunos,

... e um ambiente realmente de equipe, onde todos opinassem e sentissem o trabalho como seu. (Relatório de Atividades do Setor Musical, 1979, arquivo do NUC).

Segundo Relatório, o grupo era composto por 45 jovens, entre funcionários e alunos da UNIMEP e pessoas da comunidade externa, que aceitou o desafio e, em março, começou a se reunir para discutir o projeto, liderados por Darlene. Após essa fase, os ensaios foram iniciados. No repertório constavam músicas compostas por integrantes do grupo, e outras de amigos da equipe, com estilos que variavam entre bossa nova, samba e ritmos nordestinos.

A gente montou daí a Cantata Liberdade, e o cartaz de propaganda do vestibular nesse ano tinha um desenho rústico de uma pessoa levantando a mão, e aí dizendo: Levanta a mão quem quer estudar em uma escola livre, ou algo assim. Então, era tudo numa outra linguagem já, compatível com aquela loucura que foi a ascensão, digamos assim, do Elias na reitoria, com tudo que representou. (Entrevista com Schützer, 2008).

É interessante observar a preocupação desse grupo com a evangelização, o despertar dos jovens para o exercício da religiosidade. O tema Liberdade, desenvolvido na Cantata, foi abordado com bastante ênfase na mudança que Cristo pode proporcionar aos seus filhos:

... foi para a liberdade que Cristo nos libertou; liberdade sem Cristo só causa destruição; Cristo é o modelo do homem livre. (Relatório de Atividades do Setor Musical, 1979, arquivo do NUC).

As apresentações ocorreram em 7 de junho para a comunidade da UNIMEP, e no dia 23 de junho para o público em geral.

Entretanto, mesmo desenvolvendo uma série de atividades, a situação do Setor não era confortável,

... especialmente pelo fato de não haver até o presente momento qualquer oficialização de departamento, dos funcionários, do espaço físico e nem ligação hierárquica dentro da estrutura do IEP. (Relatório de Atividades do Setor Musical, 1979, arquivo do NUC).

Esse fato provavelmente se deu em função do momento de transição administrativa que a Instituição passava, onde adequações eram necessárias, mas não descaso para com o departamento, pois o

... Prof. Hugo acaba de ser contratado pela Reitoria, estando também à espera de oficialização e espaço físico para seu trabalho. (Relatório de Atividades do Setor Musical, 1979, arquivo do NUC).

A contratação do maestro Hugo Chamorra foi uma conquista do Setor de Música que, visando a criação de um coral universitário, manteve contato com profissionais interessados em trabalhar na Universidade para desenvolver esse projeto. Sua contratação ocorreu em meados de maio de 1979, entretanto, por questões particulares, permaneceu na Instituição por poucos meses.

Porém, o impasse permanecia: a funcionária Darlene e o maestro Hugo que, extra-oficialmente, se vinculou ao Setor de Música, permaneciam sem definição oficial no organograma da Instituição.

Em paralelo a essa situação, em fevereiro de 1979 foi instalada uma equipe de Pastoral Universitária – PU,

... composta de teólogos e leigos que tem se esforçado no sentido de incrementar atividades de cunho religioso e, em especial, apresentando ao universitário um cristianismo

fincado na realidade e nos seus valores originais, voltado para a comunidade e a ação... (Relatório de Atividades do Setor Musical, 1979, arquivo do NUC).

A Pastoral Universitária passou a contar com o Setor de Música em suas programações, que delas participava

... providenciando músicas adequadas ao tipo de programa, reunindo alunos e preparando para que a música seja parte integrante do programa e motivo de maior participação dos alunos. (Relatório de Atividades do Setor Musical, 1979, arquivo do NUC).

A partir do trabalho realizado com a presença dos dois setores, o Setor de Música, após entendimentos com a Pastoral, encaminhou documento à Reitoria onde constava a proposta de sua vinculação à Pastoral, que ofereceria

... como um de seus serviços a possibilidade de formação de grupos sacros para aprimoramento da expressão artístico-religiosa. O Setor Musical apresentou proposta à Reitoria no dia 22 de março, em que solicitava a vinculação citada, do Setor Musical à Pastoral. (Relatório de Atividades do Setor Musical, 1979, arquivo do NUC).

Por sugestão da Reitoria, a proposta foi encaminhada à Pastoral para apreciação, que concordou com a vinculação. Já nessa nova perspectiva, muitos foram os trabalhos desenvolvidos em parceria entre os dois setores:

Assim, o Setor Musical preparou programas musicais para os cultos da Semana Santa na Igreja Betânia (dia 01 de abril), no pátio da UNIMEP – Centro (dia 02), na Caminhada para a Vida (dia 04) e nos campus de Santa Bárbara D'Oeste (dia 03) e Taquaral (dia 05). (Relatório de Atividades do Setor Musical, 1979, arquivo do NUC).

Esse foi apenas o início da caminhada. A identidade da Pastoral foi se consolidando, podendo ser observada em sua atuação no interior do Instituto Educacional Piracicabano – IEP, bem como em sua relação com a cidade. Muitos foram os projetos desenvolvidos

pelos setores que, no ano seguinte, contariam também com a presença do Grupo de Teatro da UNIMEP.

A equipe da Pastoral funcionou como guarda-chuva para outras atividades que se iniciavam na Universidade e que de alguma forma se relacionavam com a missão da Igreja na Instituição; assim, faziam parte da equipe pessoas que coordenavam os setores de Música e Teatro da Universidade... As atividades desenvolvidas por esses grupos freqüentemente tinham interface com os movimentos internos da Igreja. Teatro e Coral, por exemplo, participavam de eventos da Igreja Metodista, reforçando e pontuando ênfases progressistas. (SCHÜTZER, 2000, p. 60 e 61).

Devido a ampliação de atividades, tornou-se necessária e urgente a ampliação da equipe da Pastoral. Assim, em 1980, o maestro Umberto Cantoni, bastante conhecido no meio musical evangélico, foi convidado a integrar o Setor de Música da UNIMEP, bem como Claudemir “Kiko” Ferreira, que aceitou a proposta de criar e desenvolver trabalho no Setor de Teatro.

4.3. O Setor de Música da UNIMEP – 1980 a 1985

As atividades do Setor de Música, a partir de março de 1980, estiveram diretamente ligadas à iniciativa de Umberto Cantoni. Ele trouxe novas idéias sobre a prática musical para o meio estudantil da Universidade que, aos poucos, foi deixando de ter apenas função litúrgica, para assumir um caráter mais abrangente, que contemplava outros repertórios e variados estilos musicais. O Setor contava ainda com a colaboração de Sérgio Paulo de Freitas. Ambos estavam ligados à Pastoral Universitária, sob a coordenação do Rev. Nilo Belotto.

A Pastoral desse período era composta de gente moderna, muito boa, de conteúdo, que tinha norte, tinha direção para caminhar. E com isso tudo coincidiu com o Elias, que era um cara que impressionou todo mundo, um cara que veio do

nada, veio de uma fazenda, cresceu, aprendeu, teve contato político, e optou em ajudar os pobres... (Entrevista com Cantoni, 2008).

Portanto, em consonância com a Reitoria, através de seu reitor Prof. Elias Boaventura, a Pastoral e, conseqüentemente, o Setor de Música, trabalhavam na mesma linha, qual seja, a busca da libertação do ser humano em sua totalidade. A programação das atividades do Coral foi desenvolvida em comum acordo com a Pastoral Universitária, bem como

... a preocupação com os textos dos hinos cantados tem sido alvo do nosso cuidado, levando em conta a linha teológica da Pastoral. (Relatório do Setor Musical no Ano de 1980, arquivo do NUC).

Segundo depoimento, a prática de um repertório litúrgico essencialmente brasileiro, resultado da Teologia da Libertação, não era novo para Cantoni que, entre 1960 e 1970, começou a executá-lo em São Paulo, nos grupos corais onde trabalhava: Coral da Igreja Metodista Central, Coral Evangélico e Coral do Instituto Metodista em Santo Amaro/SP.

... tinha Jaci Maraschin, Simeí Monteiro, entre outros. Esse povo todo começou a produzir música, e a minha grande atuação em São Paulo nesse movimento foi divulgar esse repertório. O povo da Igreja não gostava muito, ficavam reclamando, e nos taxavam de comunista, de gente perdida, pervertida, que ia tudo para os quintos do inferno. Tínhamos um pouco de medo de cantar, mas eu fui com jeito, falando: "olha gente, nós temos que trabalhar com o que nós temos de comum, que é um Cristo único, que nos salva, o resto, não interessa. Nós temos que ter uma força unificadora". E assim foi caminhando. Isso foi entre 60 e 70. Tudo que era da linha da libertação do homem, de todos os males da vida, inclusive das coisas da Igreja, não de Deus, mas que o homem inventa, a gente brigava. (Entrevista com Cantoni, 2008).

Cantoni trabalhava em consonância com a Pastoral não por conveniência, mas por convicção pessoal, resultado de experiência vivida ainda na juventude.

... antes eu era um jovem romântico da Igreja, que só enxergava a música, naquela visão de “Somos todos irmãos”, aquelas coisas. Então fui assumindo posição política, não só como pessoa, mas também no meu trabalho. (Entrevista com Cantoni, 2008).

Essa postura teve início quando Cantoni começou a viver um drama pessoal, que durou um longo tempo. Um de seus irmãos, professor de Sociologia da USP – Universidade de São Paulo em São José do Rio Preto foi cassado durante o período do golpe militar, em 1964.

... ele era muito ativo, e quando estourou a revolução, cassaram os professores dessa área e prenderam todos. Ele tinha ido para São Paulo para visitar meu pai que estava muito mal de saúde, e não foi preso. (Entrevista com Cantoni, 2008).

Para se livrar daquela situação e da possibilidade de ser preso, ele foi para o Chile, onde viveu exilado por um tempo. Isso causou bastante sofrimento a Cantoni, pois tinham um relacionamento muito próximo. Por outro lado,

... tinha as meninas que foram minhas alunas no Instituto Metodista em Santo Amaro. Elas foram torturadas, foi horrível. Inclusive, moços da Igreja Central foram presos e torturados brutalmente, pois eram tidos “comunistas”. E o pior: foram entregues pelo próprio pastor. Com essas coisas todas eu sofri muito e depois de alguns anos meu irmão voltou, estava com câncer. Nesse período ele estava morando na Costa Rica... (Entrevista com Cantoni, 2008).

Diante das situações vivenciadas, conforme depoimento, Cantoni assumiu uma posição política que seria a pauta de sua vida em família, na prática religiosa e no exercício de sua profissão.

Eu me apaixonei pela causa, pelas coisas que eu sofri. Eu vi que meu irmão era um cara formidável. Eu me empolguei, dei o meu tempo, a minha vida toda para essa causa. A Teologia da Libertação pregava a libertação do povo, do povo evangélico inclusive, que fica preso a credices e outras coisas mais, a jugo de pastores, um evangelho todo deturpado. (Entrevista com Cantoni, 2008).

O irmão de Cantoni faleceu em 1977 e, em 1980, o maestro partiu de São Paulo para Piracicaba, para trabalhar na UNIMEP, atendendo a convite da Pastoral Universitária. Trouxe sua experiência profissional, mas também toda carga emocional, resultado de tudo que sofreu e continuou sofrendo,

... por tanta gente amiga que morreu, e a Igreja, por um lado, foi praticamente torturadora de muita gente. Pregava o evangelho, mas não tinha amor pelos irmãos. Ao invés de libertá-los e ajudá-los, mandava prender, matar, etc. (Entrevista com Cantoni, 2008).

No primeiro ano de trabalho na UNIMEP, o objetivo principal de Cantoni foi a sensibilização e escolha de pessoas interessadas em participar da atividade musical na Universidade. No segundo momento,

... objetivou-se encontrar canais para fluir para a atividade prática do potencial musical encontrado através de grupos organizados. Surgiu assim o Coral Universitário composto de jovens estudantes na sua maioria, professores, funcionários e outros interessados. (Relatório do Setor Musical no Ano de 1980, arquivo do NUC).

O Coral Universitário da UNIMEP era composto, naquele ano, de 45 cantores, e participou ativamente de atividades culturais em Piracicaba e cidades vizinhas:

... Simpósio sobre a Violência, Abertura do Centenário do Metodismo, Congresso da UNE, apresentações nos campi da Universidade, na Câmara Municipal, na inauguração da Prefeitura de Santa Bárbara D'Oeste e na Programação de Natal da cidade, encerrando suas atividades com o Concerto de Natal na Catedral Católica da cidade dia 07 de dezembro. (Relatório do Setor Musical no Ano de 1980, arquivo do NUC).

O trabalho de Cantoni não ficou restrito à UNIMEP, mas estendeu-se a Piracicaba e cidades da região.

Aqui em Piracicaba, nos primeiros cinco anos, fiz o diabo. Eu me lembro: criei o Coral de Santa Bárbara D'Oeste, e aqui no centro também. (Entrevista com Cantoni, 2008).

Em 1980 foi criado também o Coral do Movimento Negro de Piracicaba. O grupo era composto de aproximadamente vinte cantores de Piracicaba, Americana, Rio Claro, Nova Odessa, Sumaré e Santa Bárbara D'Oeste. O Movimento encontrou no Coral um importante meio de fortalecer a sua organização.

A dinâmica do trabalho e os contatos com outros grupos negros do país através do Coral, tem criado uma consciência crítica necessária para sobrevivência do grupo. (Relatório do Setor Musical do Ano de 1980, arquivo do NUC).

Segundo Cantoni, quando o Coral foi criado, muitas pessoas da cidade criticaram a iniciativa, sob a alegação de que, com esse trabalho, ele estaria incentivando o preconceito. Porém, essas manifestações não o desestimularam, pelo contrário:

Mas fui em frente. Trabalhei bastante os Negro Spirituals bem movimentados, bem cantados, e foi um momento muito bom para eles. (Entrevista com Cantoni, 2008).

O grupo se apresentou em várias cidades do estado de São Paulo em 1980: Rio Claro, Americana, São Carlos e São Paulo, onde participou do encerramento da II Semana Cultural Negra do país, patrocinada pela Prefeitura de São Paulo, no Teatro Municipal da capital.

Foi iniciado também o Coral da Guarda Mirim, composto por cerca de 30 meninos e meninas, todos ligados à Guarda, com idade entre 12 e 17 anos. Os trabalhos eram dirigidos pelo maestro Umberto Cantoni e o guarda José Carlos de Oliveira.

Outra iniciativa do Setor de Música foi a organização de pelo menos dois grupos de jovens instrumentistas. Os grupos trabalhavam essencialmente Música Popular Brasileira, e se apresentavam para alunos no *campus* Centro e no *campus* Taquaral.

Outros grupos corais foram criados na rede oficial de ensino através de contatos com a Delegacia de Ensino de Piracicaba, assessorados por Umberto Cantoni:

As escolas Olívia Bianco, João Conceição e Francisca Elisa da Silva já têm também o seu grupo coral organizado... Assumimos a responsabilidade direta de treinamento e apresentações de todos os grupos corais criados acima mencionados com exceção dos da Rede Oficial. (Relatório do Setor Musical do Ano de 1980, arquivo do NUC).

Visando o treinamento de pessoas interessadas em atividades corais, Cantoni organizou o Grupo de Regência Coral. Os alunos eram oriundos de Piracicaba e cidades vizinhas como: Americana e Santa Bárbara D'Oeste. Todos possuíam formação musical razoável e, em sua maioria, eram ligados a igrejas evangélicas. Como resultado desse trabalho, verificamos a participação de alunas da UNIMEP no Festival de Música de Campos do Jordão em 1980:

Escolhidos pelo regente regional Umberto Cantoni, participam do Festival de Música de Campos do Jordão até o final do mês, Suzana Cabral, Cássia Cavalcanti, Selva do Amaral Garcia e Moisés Granado, todos estudantes da Universidade Metodista de Piracicaba... que são alunos do curso de regência ministrado por Cantoni semanalmente na UNIMEP... (O Diário, 10/07/1980 e Tribuna Piracicabana, 11/07/1980).

A preocupação em compartilhar o conhecimento musical, especialmente por meio da prática coral, foi uma das ênfases de Cantoni em sua trajetória desde o início, o que resultou em outra iniciativa. Além do Grupo de Regência Coral, que era regular, houve o Curso de Regência de Corais Infantis,

Promovido pela Universidade Metodista de Piracicaba, através do seu Setor de Música e pelo Movimento Coral do Estado de São Paulo será realizado no próximo dia 21 de outubro, na própria UNIMEP, um curso de regência coral infantil. Composto por duas partes distintas que serão ministradas por Lenice Prioli, da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo

e pelo maestro Teruo Yoshida, do Coral Eco de São Paulo... (Tribuna Piracicabana, 10/10/1980 e O Diário, 09/10/1980).

O fato de Cantoni estar ligado também à Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, através do Movimento Coral de São Paulo, onde permaneceu até 1985 como regente regional, quando este foi extinto, facilitou bastante as atividades de intercâmbio entre corais, especialmente no tocante aos intercâmbios culturais.

... o Coral da UNIMEP, com cerca de 50 componentes, apresenta-se neste final de semana no Encontro de Corais Universitários que se realizará em Bauru, sob o patrocínio do Movimento de Corais do Estado de São Paulo. Dirigido pelo maestro Umberto Cantoni, o coral da UNIMEP objetiva, segundo suas declarações “socializar o grupo que o compõe, fazer da música uma forma de expressão, vivenciar aspectos da cultura brasileira e realizar intercâmbios com outros grupos corais”. (Jornal de Piracicaba, 26/04/1980).

Outra questão bastante relevante naquele momento foram os contatos mantidos por Cantoni nos diversos segmentos culturais da cidade: grupos de arte como Ação Cultural, Escola de Música de Piracicaba Maestro Ernst Mahle, Sociedade de Cultura Artística, além de outros setores como: Delegacia de Ensino, SESC, Câmara Municipal de Piracicaba e Prefeituras de cidades vizinhas.

Tivemos também contatos com todas as denominações evangélicas da cidade, assim como com o Padre Otto da Catedral de Piracicaba. Trabalhamos com uma boa parte deles durante todo o ano. (Relatório do Setor Musical do Ano de 1980, arquivo do NUC).

Após realizar muitas atividades artísticas, a maioria delas como promotor, o Setor de Música encerrou as atividades do ano de 1980 com apresentações na Catedral de Santo Antônio e nas ruas de Piracicaba, cantando repertório de Natal.

... o Coral Universitário da UNIMEP, apresenta, hoje na Catedral de Santo Antônio, um programa de Natal, a partir das 21:00 horas. Na primeira parte, o grupo apresentará música

de Natal brasileira e um repertório mais variado. Num segundo momento, juntamente com o Coral do Grupo de Regência, formado por diversos elementos da região, apresenta a Cantata 142 de Bach, para órgão e coral. ...a partir do dia 10, o Coral Universitário estará apresentando-se à noite, nas ruas centrais da cidade, prosseguindo na programação de Natal dos corais envolvidos no movimento. (O Diário, 07/12/1980).

O Setor de Música iniciou o ano de 1981 realizando ampla divulgação nos jornais da cidade da abertura de inscrições aos interessados em participar do Coral Universitário da UNIMEP. É interessante destacar a intenção de envolver pessoas da cidade nas atividades corais, visto a abertura de participação da comunidade externa.

Já se encontram abertas as inscrições aos interessados em participarem do Coral Universitário da UNIMEP, criado no ano passado e que já realizou diversas apresentações na região... Dele poderão participar todas as pessoas interessadas em canto coral, independente de manterem ou não alguma ligação com a Universidade Metodista. (Jornal de Piracicaba, O Diário e Tribuna Piracicabana, 12/03/1981).

Em continuidade à proposta de formar regentes em Piracicaba e região, foi novamente oferecido o Curso de Regência Coral. Em 1980 houve a participação de 13 pessoas das cidades de Piracicaba, Santa Bárbara D'Oeste e Americana. Outro ponto de destaque é que a maioria dos alunos concluintes da primeira turma, terminaram 1980 à frente de corais.

Também o curso de regência coral já encontra-se com as inscrições abertas. Com a duração de um ano, o curso é totalmente gratuito, sendo promovido pela UNIMEP e Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo... O curso, que já foi ministrado em 80, atingirá toda a região de Campinas. Dele poderão participar quaisquer pessoas que já possuam formação musical, independente de dirigirem ou não um coral atualmente. (Jornal de Piracicaba, O Diário e Tribuna Piracicabana, 12/03/1981).

Visando ao enriquecimento dos grupos corais por meio do conhecimento de novos repertórios e novas formas de trabalho,

além da convivência com outros coralistas, a participação do Coral Universitário em intercâmbios entre corais foi incentivada por Cantoni.

Estará se apresentando no próximo Domingo, no Salão Nobre da UNIMEP, o Coral da Escola de Medicina da Santa Casa de São Paulo, cumprindo plano de intercâmbio entre corais promovido pela Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo. Na mesma oportunidade, se apresentará também, o Coral Universitário da UNIMEP... (Tribuna Piracicabana e Jornal de Piracicaba, 26/06/1981).

Na apresentação, o coral paulistano, sob regência de José Ferraz de Toledo, trouxe em seu repertório peças do Padre José Maurício, como “In Monte Olivetti” e “Sepulto Domino”. Já o Coral da UNIMEP, em consonância com a forma de pensar de Cantoni, no sentido de valorizar a música brasileira, inseriu em seu programa peças como: “Eu sei que vou te amar” e “Carinhoso”.

Fizemos realmente bastante música brasileira. Todos aqueles que escreveram na época da revolução: Chico Buarque, Caetano Veloso. A música Viola Enluarada, aquelas coisas... Olha, a gente cantou muito essa coisa toda. E a moçada gostava, porque era um modo diferente de fazer coral, fora do repertório tradicional. (Entrevista com Cantoni, 2008).

Em julho o Coral participou, em Curitiba, do I Encontro Nacional de Corais Universitários, patrocinado pela Universidade Federal do Paraná. Contando com a participação de 20 corais de Universidades, o Coral Universitário da UNIMEP fez sua apresentação no dia 16, priorizando em seu repertório a música brasileira, além de conter canções da Renascença, Barroco e Negro Spiritual, e foi muito aplaudido, conforme narrativa de um de seus integrantes:

E por falar em UNIMEP, Antônio Alves de Moraes contou que o Coral da UNIMEP foi aplaudido de pé no Festival de Corais Universitários recentemente realizado no Teatro Guaíra, de Curitiba. (O Diário, 09/08/1981).

Neste mesmo ano o Metodismo comemorou seu Centenário em Piracicaba, com extensa programação entre os dias 5 e 13 de setembro, e contou com a participação do Coral na Semana Comemorativa.

Estão previstos os seguintes atos: ... apresentação teatral e musical, com participação do Grupo de Teatro Experimental e do Coral da UNIMEP, no Teatro Municipal... (Folha de São Paulo, 28/08/1981).

No dia 13 – Culto em Ação de Graças, às 10h30 no Salão Nobre da UNIMEP... com a participação do Coral Universitário da UNIMEP. (Jornal de Piracicaba, 18/08/1981).

O Coral participou ativamente da vida universitária, realizando apresentações durante todo o ano, nos diferentes segmentos:

Formatura de Direito (12/03), Culto da Páscoa (14/04), Seminário “Música e Missão” (23 a 26/04), Assembléia dos Funcionários (1º/05), Encontro de Corais (31/05), I Encontro de Universitários Metodistas (6 e 7/06), II Curso Nacional de Metodismo para Juvenis (25 a 30/07), Assembléia Universitária (9/09), Seminário “O Novo Canto para a Nova Igreja” (8 a 11/10), Abertura da 3ª Jornada Científica (4/11) e Culto em Ação de Graças (26/11). (Relatório das Atividades do Setor de Música da UNIMEP, 1981, arquivo do NUC).

Em setembro Cantoni organizou o Coral UNIMEP de Santa Bárbara D'Oeste. Ao lado do trabalho tradicional de coral, o grupo experimentou uma nova linha dentro da atividade coral, como a montagem intitulada: O Incrível *Campus* de Santa Bárbara, trabalho que consistia

... numa mistura de coral e encenação. Além desta experiência nova este coral se apresentou em outros lugares como Piracicaba... (Currículo do Coral de Santa Bárbara, 1981, arquivo do NUC).

Outra característica do coral naquele período, era o fato de ter mais cantores do sexo masculino em razão de pertencer a um *campus* com poucas mulheres. Foram realizados intercâmbios

entre os dois corais da UNIMEP, incentivando a troca de experiências e convivência entre os grupos.

Em novembro o Setor de Música promoveu o Encontro de Corais em Piracicaba.

... segundo o maestro Umberto, o objetivo deste encontro de corais é manter um intercâmbio entre os mesmos, visando o conhecimento de repertório novo, novas técnicas de trabalho do coral, e, também para motivar assistentes, no sentido de se integrarem a um coral. (Jornal de Piracicaba, 14/11/1981).

Participaram do Encontro: Coral Adventista Vozes da Colina, Coral da EEPG “Dr. João Conceição”, Coral do Movimento Negro de Piracicaba, Coral da Escola Superior de Agronomia Luiz de Queiroz, Coral Rev. James William Koger, da Igreja Metodista Central de Piracicaba, Coral Universitário da UNIMEP – Centro e Coral Universitário da UNIMEP – Santa Bárbara D’Oeste e Coral Telesp de Bauru.

Como no ano anterior, as atividades de 1981 foram encerradas com a apresentação do Coral Universitário na Catedral de Santo Antônio, no dia 6 de dezembro, com a “Audição de Natal”. No programa, canções de Natal brasileiras que, conforme depoimento, eram muito apreciadas por Cantoni, especialmente pela sua poesia.

Tínhamos problemas com repertório de Natal, pois só cantávamos as músicas americanas. Por que as americanas? Não tem brasileira? Tem, e de qualidade. Então começamos a fazer o repertório brasileiro na Universidade, na Igreja Metodista. Eles viravam a cara... Vê o que a gente passa por pensar diferente... Mas tudo bem. Tem a música “O Esperado”, letra do Jaci Maraschin: Vem Jesus nossa esperança, nossa vida libertar, vem nascer em nós criança, vem o teu poder nos dar... e assim por diante. (Entrevista com Cantoni, 2008).

No primeiro semestre de 1982 os Corais do *campus* Centro e do *campus* de Santa Bárbara D’Oeste realizaram apresentações, em

sua grande maioria, em eventos da Universidade. Participaram de formaturas, celebrações, apresentações aos alunos no Projeto 30 Minutos, abertura e devocional do Conselho Geral das Instituições Metodistas de Ensino – COGEIME e Posse do Diretor Geral e Vice-Diretor Geral do IEP e Reitor e Vice-Reitor da UNIMEP, quadriênio 1982-1986.

Em março o Coral realizou duas apresentações na Pontifícia Universidade Católica – PUC em Campinas: uma no *campus* I e outra no *campus* Centro,

... com o objetivo de incentivar a formação de corais naquela instituição. Durante as apresentações, o maestro Umberto Cantoni, regente do coral, fez rápidas exposições sobre o funcionamento e montagem de corais universitários. (Jornal de Piracicaba, 26/03/1982 e O Diário, 31/03/1982).

Ainda em março, para comemorar a Páscoa, o Coral Universitário participou do espetáculo “Vida”, montado pelo Grupo de Teatro da UNIMEP. As apresentações ocorreram no *campus* Centro, *campus* Taquaral e *campus* de Santa Bárbara D’Oeste.

A partir de junho as atividades externas se intensificaram. A primeira ocorreu no Teatro Municipal de Piracicaba, dia 25, com objetivo de arrecadar fundos para viagem do grupo a Curitiba, no II Encontro Nacional de Corais Universitários.

Com 80 cantores, o Coral da UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba estará se apresentando no próximo dia 25 às 21 horas na Sala 1 do Teatro Municipal de Piracicaba, numa promoção da Coordenadoria de Ação Cultural da Prefeitura. Os ingressos terão preço único de Cr\$ 200,00. Sob a regência do maestro Umberto Cantoni, o Coral UNIMEP apresentará 14 músicas, desde clássicos de Brahms a músicas populares de Chico Buarque de Holanda, Marcos e Paulo Sérgio Valle e chorinhos. (O Diário e Jornal de Piracicaba, 17/06/1982).

Em continuidade às atividades propostas para 1982, o Coral Universitário participou do II Encontro Nacional de Corais

Universitários em Curitiba/PR, no período de 5 a 11 de julho. O Encontro foi promovido pela Universidade Federal do Paraná, com o apoio do MEC – Ministério da Educação e Cultura e da Secretaria da Cultura do Estado do Paraná. As apresentações ocorreram no Teatro Guaíra, e no repertório do grupo constaram peças de Lindemberg Cardoso, B. Palombo, Chico Buarque e um Negro Spiritual. Nesse período Cantoni era o regente titular e contava com os regentes auxiliares: Suzana Cabral e Moisés Granado.

No mês de setembro a Pastoral Universitária, por meio dos Setores de Música e Artes, promoveu a Semana de Artes. Peças, intercâmbio de corais e mostras de arte popular fizeram parte da programação que ocorreu entre os dias 14 e 17. Segundo o Rev. Nilo Belotto, coordenador da Pastoral, em entrevista a jornal local,

... o evento procura dar aos alunos, principalmente, “uma consciência crítica da realidade, utilizando a arte como meio de expressão e comunicação de valores da cultura brasileira”. Acrescentou, ainda, que “mantém o papel da Universidade junto à sociedade, procurando desenvolver o senso dos acadêmicos nesse sentido, aguçando-os a buscar novas soluções e caminhos através da visão crítica”. (O Diário de Piracicaba, 16/09/1982).

Constou da programação: apresentação do Grupo de Teatro da UNIMEP, com a peça “Nadim, Nadinha contra o Rei de Fuleiró”, uma comédia que tem como tema central a opressão; Mostra de Arte Popular, com apresentação de grupos de Capoeira, Cururu e exposições; Encontro de Corais Universitários, com a participação dos Corais Universitários da UNIMEP, dos *campi* de Santa Bárbara D’Oeste e Centro e Coral da Escola Superior de Agronomia Luiz de Queiroz – ESALQ e, encerrando a Semana, apresentação dos grupos de teatro e coral do Instituto Metodista de Ensino Superior de São Bernardo do Campo.

No dia 21 de novembro a UNIMEP, por meio do Setor de Música, promoveu a I Feira Coral. A iniciativa reuniu aproximadamente 400 cantores, de 7 grupos do estado de São Paulo. Segundo Cantoni, em entrevista ao Tribuna Piracicabana,

“Será uma experiência bastante rica que objetiva estimular a participação popular no movimento coral e levar a arte para fora das casas convencionais onde normalmente se realiza, como os teatros, clubes e igrejas”. (Tribuna Piracicabana, 11/11/1982).

A Feira ocorreu em Piracicaba, na Praça José Bonifácio, pois

“A praça pública não é para ser usada apenas com objetivos políticos e sim também para o lazer e a cultura da população”, é o que acha o Coral Universitário da UNIMEP, que estará se apresentando na Praça José Bonifácio, no próximo dia 21 de novembro, às 16 horas. (O Diário de Piracicaba, 11/11/1982).

...e teve a seguinte dinâmica: os sete corais foram distribuídos em diferentes pontos da Praça simultaneamente, e executaram seu repertório específico,

... mas em certos momentos cantarão músicas populares que sejam do conhecimento de todos para que o público também participe. Ao final, todos os corais, acompanhados pela Orquestra Sinfônica da Escola de Música de Piracicaba estarão cantando juntos, nas escadas da Catedral. (Tribuna Piracicabana, O Diário de Piracicaba e Jornal de Piracicaba, 11/11/1982).

Participaram do evento os grupos corais da UNIMEP Centro e de Santa Bárbara, o Coral da ESALQ, o Coral da UNICAMP, o Coral da Universidade Federal de São Carlos, o Iteano de Bauru e o Conjunto Viva Voz, também de Bauru.

Além das atividades externas já mencionadas, citamos ainda: XIII Festival de Inverno de Campos do Jordão (24/07), Celebração pelos 429 Anos de São Bernardo do Campo (22 e 23/08), Comunidade Terapêutica Maxwell Jones, em Atibaia (08/08), VII Encontro de Corais e I Encontro de Regentes em Itu (25/09),

Encontro de Corais Evangélicos em Piracicaba (26/09), Universidade Estadual de Londrina (17/10), IV Concertos do Advento, em Rio Claro (27/09), Aniversário do SESC/Piracicaba (03/12) e VIII Festival de Corais de Bauru (04/12).

Em agosto de 1982 foi apresentado à Direção Geral do IEP projeto propondo a criação do Núcleo de Música. O Núcleo estaria

... a serviço da Igreja, funcionando como parte integrante do Centro de Teologia e Filosofia da UNIMEP. Com programação própria, visando atender a seus objetivos específicos. (Projeto para Criação do Núcleo de Música, 1982, arquivo do NUC).

O Núcleo de Música, aprovado ainda em 1982, pretendia atender a uma expectativa da Igreja Metodista em geral, com relação a preparação de liderança musical.

Nossa Igreja está organizada de tal forma que não prevê recursos para manter um profissional de música. É preciso abrir um espaço para elementos leigos de formação sólida, atuarem nas igrejas locais, como grupo organizado que a partir da prática possa conscientizar a comunidade do valor da música na educação e no culto. A vida comunitária da Igreja deve ser uma expressão de fé e cultura. (Projeto para Criação do Núcleo de Música, 1982, arquivo do NUC).

Portanto, seu objetivo era possibilitar o desenvolvimento de recursos humanos e materiais para incentivar, apoiar e orientar a utilização da música na Igreja. Diante disso,

A primeira atividade do Núcleo será exatamente a realização de Seminários de Música de Férias para treinar um grupo de jovens líderes com potencial musical a ser desenvolvido, e, cujo espaço de trabalho está aberto há muito em nossas igrejas. (Carta encaminhada às Igrejas Metodistas, 1982, arquivo do NUC).

É interessante ressaltar que Cantoni foi um incentivador da expressão da fé por meio da arte, e sempre refletiu sobre a questão da influência da música estrangeira no repertório das igrejas, principalmente a americana, que veio para o Brasil através

dos missionários. Diante disso, propôs a renovação musical religiosa, através de uma nova linha de trabalho, com músicas brasileiras, as quais refletiam melhor a realidade do país.

... “a Teologia da Libertação que é a nova linha da Igreja Metodista, entre outras, trouxe uma nova carga cultural a todos, influenciando, também, a música religiosa, uma vez que está intrinsecamente ligada à liturgia e à linha religiosa de denominação. Existe um espaço para experiências musicais nesse sentido, e vamos aproveitá-lo” (O Diário, 24/09/1982).

Na perspectiva de apresentar novas propostas, foram programados três cursos intensivos de férias, com datas previstas para os meses de janeiro e julho de 1983, e janeiro de 1984, elaborados dentro de uma linha de aprendizagem crescente. Pretendia-se, com essa iniciativa, proporcionar ao jovem crescimento musical e visão da Igreja e sua missão.

Seguindo o previsto, o I Seminário de Música aconteceu no início de 1983, no período de 21 a 30 de janeiro. Constaram do programa as disciplinas:

História da Música – Estércio Marques Cunha, Estrutura Musical – Naomi Munakata, Fundamentos de Canto – Luiz Arlindo Dip Tenaglia, Iniciação a flauta doce – Moisés Granado, violão – Clemer Andreotti e órgão – Elisa Augusta Amaral Freixo (disciplinas opcionais), Prática coral – Umberto Cantoni e Prática de acompanhamento de hinos. (Relatório do I Seminário de Música, 1983, arquivo do NUC).

O Seminário teve bastante êxito, trazendo a Piracicaba cerca de quarenta pessoas, com idade entre vinte e trinta anos, procedentes de seis estados: Rio Grande do Sul, São Paulo, Bahia, Goiás, Santa Catarina e Rio de Janeiro. Também o corpo docente era de referência, merecendo destaque nos jornais locais:

Para ministrar tais disciplinas estarão trabalhando na UNIMEP, professores como a vice-presidente da Associação Paulista de Organistas, Elisa Freixo, o professor titular da Universidade Federal de Goiás, doutor em Música, Estércio

Cunha, o concertista em violão Clemer Andreotti, entre outros. (Jornal de Piracicaba, O Diário e Tribuna Piracicabana, 22/01/1983).

Outro aspecto relevante do Seminário foram os concertos abertos ao público, realizados todas as noites, na Igreja Metodista Central de Piracicaba.

Outro ponto de destaque em 1983 foi que, como resultado da participação do Coral Universitário da UNIMEP no I Encontro de Corais Universitários em Curitiba, que apresentou uma proposta diferenciada de repertório, onde a música brasileira foi priorizada, Cantoni recebeu correspondências dos regentes dos corais universitários das Universidades Federais do Maranhão, de Viçosa, e de São Paulo, dentre outros, solicitando cópias das partituras interpretadas pelo Coral.

Apreciamos muito o repertório apresentado e gostaríamos de que, se possível, enviasse, ao endereço abaixo, um xerox das peças indicadas, pelo que desde já agradecemos. (Carta da regente do Coral da Universidade Federal do Maranhão, 1983, arquivo do NUC).

Em 1983, segundo depoimento, os Corais Universitários do Centro e de Santa Bárbara, em conjunto com o Grupo de Teatro da UNIMEP, vivenciaram momentos muito ricos:

... foi a apresentação da "Missa da Terra Sem Males". Foi uma experiência maravilhosa. Nós ficamos cantando esse repertório cerca de 8 ou 10 anos. Porque sempre este tema é atual. O problema do índio, o problema das minorias, sempre existiu. Então, é um prato cheio para, através disso, você estar cantando, anunciando e denunciando esses males todos. Foi muito bom! A receptividade do público era muito boa. (Entrevista com Cantoni, 2008).

A Missa da Terra Sem Males, de D. Pedro Casaldáliga e Martin Tierra, teve sua estréia dia 27 de maio, no encerramento do I Seminário Internacional de Educação Popular. Sobre a

apresentação, Prof. Elias Boaventura, então Reitor da UNIMEP, avaliou:

... “a apresentação da Missa da Terra Sem Males foi um momento de muito significado, muito alto e muito importante, sendo que a mensagem foi muito positiva”. (O Diário, 29/05/1983).

Ainda em maio, os Corais realizaram uma nova experiência, resultado do trabalho desenvolvido por alunos: uma montagem sobre o FMI.

O processo de criação dessa montagem foi coletivo. A partir de consultas e pesquisas sobre o funcionamento e objetivos do próprio Fundo Monetário Internacional, feitas junto a economistas e professores da Universidade, os alunos passaram a desenvolver o tema, de maneira a apresentá-lo de forma mais rica possível: envolvendo expressão musical, dança e expressão corporal. (O Diário, 29/05/1983).

Para o grupo, foi uma iniciativa nova no gênero, dentro do trabalho realizado até aquele momento pelos corais. Constituiu-se em uma linha de vanguarda, muito positiva com relação à criatividade e estímulo dos participantes.

Teatro e Corais da UNIMEP realizaram um espetáculo no Teatro Municipal de Piracicaba dia 30 de junho. O programa, na primeira parte, foi a reapresentação da “Missa da Terra Sem Males”. Em seguida, foi a estréia da montagem sobre o FMI. A apresentação foi bastante aplaudida pelo público.

Mais de 300 pessoas compareceram a Teatro Municipal para assistir, no último dia 30 de junho, as apresentações da “Missa da Terra Sem Males” e a uma montagem sobre FMI... (Jornal Opção da UNIMEP, 11 a 17/07/1983).

Seguindo o projeto de formação de líderes na área musical da Igreja Metodista, o Núcleo de Música da UNIMEP realizou o II Seminário de Música, no período de 22 a 30 de julho, na Fazendinha da UNIMEP.

As disciplinas oferecidas, com seus respectivos professores, foram:

Canto –Luiz Arlindo Dip Tenaglia; Regência Coral – maestro Umberto Cantoni; Flauta Doce – Ana Cristina Rossetto Rocha; Violão – Euclides Fagundes; Estruturação Musical – Naomi Munakata; Harmonia – Nabor Nunes Filho e Elementos Básicos para Liturgia Contextualizada – Ernesto Barros Cardoso. (Relatório do II Seminário de Música, 1983, arquivo do NUC).

O II Seminário contou com a participação de trinta e sete alunos, oriundos de sete estados brasileiros: Mato Grosso, Goiás, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo.

Um dos aspectos tratados no Seminário

... foi o cultural, ou seja, atentou-se para a “nossa expressão litúrgica nacional, através de concertos, aulas, gravações, palestras, audições e treinamentos especializados. O importante do encontro, finalizou Cantoni, foi tomar conhecimento da reflexão musical que se faz hoje nas igrejas, com o objetivo de atingir o povo, pois é importante que a arte seja mais popular, e que todos possam participar dela, mas sempre com a preocupação de que não sejam produzidas músicas “baratas”, de baixo nível, como são as cópias de expressões estrangeiras, que não têm nada a ver com a nossa cultura. (Expositor Cristão, 1ª Quinzena de setembro de 1983).

Portanto, além das disciplinas práticas, houve preocupação em refletir com os alunos sobre a música que estava sendo executada nas igrejas. Além disso, foi importante perceber que o Seminário despertou nos jovens a intenção de melhor realizar o trabalho como líder musical na comunidade.

Estou certo de que levarei novos e fundamentais conhecimentos para o melhoramento do louvor a Deus em nossa Igreja, através da Música. ... Uma das coisas que me fizeram incentivar estudar música, foi este seminário, e esperamos que novos sintam quão importante é esse estudo. (Avaliação de um aluno sobre o II Seminário, 1983, arquivo do NUC).

Além das aulas e demais atividades, o Seminário contou com concertos no período noturno. Dentre os grupos que se apresentaram, citamos: Conjunto de Metais de Piracicaba, da Guarda Mirim e Coral da Universidade Federal do Vale dos Sinos, do Rio Grande do Sul.

Na semana de 13 a 17 de setembro o Colégio Piracicabano comemorou seu 102º aniversário. Integrando as comemorações, os Setores de Música e Teatro da Pastoral realizaram a II Semana de Arte.

Na programação constou: lançamento de livro de funcionário da UNIMEP, apresentações de dança por alunas do Colégio Piracicabano, documentário sobre o Carimbó do Pará, Noite de Seresta, apresentações com os grupos de teatro e coral da UNIMEP e, encerrando a Semana, houve a II Feira Coral. Neste ano a Feira contou somente

... com a participação de corais piracicabanos, por solicitação do público, e também para mostrar a evolução da arte em Piracicaba. A Banda da Guarda Mirim acompanhará os corais da UNIMEP, Centro e Santa Bárbara D'Oeste, que apresentarão a peça FMI, uma crítica ao acordo realizado pelo Brasil e o Fundo Monetário Internacional. (Jornal de Piracicaba, 17/09/1983).

Podemos citar ainda outras apresentações do Coral Universitário em atividades da Instituição: formaturas do Colégio Piracicabano (31/01 e 1 e 2/02) e apresentação aos alunos do *campus* Centro (17/04) e *campus* de Santa Bárbara (16/04). Houve também as apresentações externas além das citadas: Igreja Metodista Central de Juiz de Fora (15/05), Escola Agrícola Arthur Bernardes, em Viçosa (14/05) e Encontro de Corais na ESALQ (19/05), esta última contou com a presença do Coral de Santa Bárbara.

Um fato que marcou muito o Setor de Música em 1983, foi o falecimento de Moisés José Nabarrete Granado, aos 19 anos, no dia 6 de novembro. Regente auxiliar de Cantoni, segundo depoimento, era uma pessoa muito querida e apreciada por todos.

Conviver com ele foi um privilégio para nós. Na verdade fomos mestres algumas vezes e discípulos outras tantas. As escolas convencionais não ensinam conteúdo de vida como integridade, humildade, respeito a cada pessoa não obstante seu credo, cor, formação política ou classe social. Moisés testemunhou com sua vida estes valores... (Carta de Cantoni aos amigos de Moisés, novembro de 1983, arquivo do NUC).

Moisés era bolsista do Setor de Música e, além de exercer a função de regente auxiliar, colaborava com Cantoni nas atividades administrativas e, como compositor, deixou composições próprias e arranjos de peças para coral.

Encerrando as atividades propostas para o ano de 1983, os Corais Universitários da UNIMEP – Centro e Santa Bárbara realizaram Culto de Natal no dia 11 de dezembro, no Salão Nobre da UNIMEP, como espaço de confraternização, aberto a toda comunidade.

O ano de 1984 foi iniciado com a realização do III Seminário de Música, conforme cronograma previsto, no período de 21 a 30 de janeiro, encerrando-se assim, o ciclo de estudos com a finalidade de capacitar os alunos participantes a assumirem trabalho musical em suas comunidades de origem.

Outra finalidade é abranger a parte da cultura brasileira, não apenas a informal ou estrangeiro e sim, o âmbito religioso numa expressão e formas próprias, sem a massificação dos hinos, músicas e contextos mistificados, observou o maestro e coordenador do evento, Umberto Cantoni. (O Diário, 27/01/1984).

O Seminário foi dirigido prioritariamente às lideranças musicais metodistas, entretanto, como foram oferecidas disciplinas de

interesse geral, as inscrições foram abertas a outras pessoas interessadas.

O conteúdo abordado foi o seguinte: Estruturação Musical, Harmonia, Técnica Vocal, Regência Coral, Técnica Instrumental (Flauta Doce, violão, órgão e piano) e Repertório para Liturgia do Culto e Composição Musical Coletiva.

Os professores que desenvolveram os conteúdos foram: Eduardo Janho Abumrad, do Teatro Municipal de São Paulo; Naomi Munakata, da Escola de Música de São Paulo; Nabor Nunes, da Faculdade de Música da UNICAMP; Umberto Cantoni, da UNIMEP; Elisa Freixo, presidente da Associação de Organistas de São Paulo; Maria Cristina Rocha e Euclides Fagundes, do Conservatório de Brasília; Estércio Marques Cunha, da Universidade Federal de Goiás e Ernesto Cardoso, do Instituto Bennett, do Rio de Janeiro.

Durante a semana do Seminário foram promovidos diversos concertos, abertos a toda comunidade.

Deverão se apresentar, além dos próprios alunos do Seminário, a maioria dos próprios docentes: a organista Elisa Freixo, o cantor Eduardo Abumrad, o violonista Euclides Fagundes e Ana Cristina Rocha, que fará um concerto de flauta doce. (Jornal de Piracicaba, 21/01/1984).

Ao final do curso, os alunos fizeram avaliação pessoal do Seminário, onde ficou expresso que os objetivos propostos foram alcançados. Além do despertar pessoal, que resultou em investimento no estudo da música nas diferentes áreas, os alunos começaram a atuar em suas comunidades de forma efetiva.

É muito gostoso chegar ao final desta terceira e última etapa sentindo por dentro uma realização grande, plena de vitórias. Isto foi o que resultou desta última fase da série dos três seminários... Foi bom sentir um crescimento nas áreas de

estudo... Estes encontros com a música despertaram em mim a música, até então, guardada. Descobri também que tenho áreas que devo me dedicar mais... Em se falando de resultados nasceram, como fruto desses encontros, um estudo sério de canto, piano e flauta; a regência de um pequeno coral... Isso tudo brotou aqui do seminário. (Avaliação de uma aluna sobre o III Seminário, 1984, arquivo do NUC).

Em maio e junho o Coral Universitário participou do Projeto Arte-Educação em Piracicaba. O projeto não estava ligado a nenhuma instituição, mas foi uma iniciativa de pessoas atuantes na área cultural da cidade, e que se preocupavam em preencher um vazio cultural entre os estudantes.

O projeto, que teve início em maio, já levou a várias escolas, corais da cidade, que têm se apresentado nos intervalos das aulas, acompanhados de explicações didáticas sobre música e arte. (O Diário, 22/05/1984).

O Projeto Cultural Arte-Educação tinha como objetivo maior

Proporcionar apresentações culturais nos intervalos de recreios nas escolas de Piracicaba (rede oficial e particular) de modo sistemático usando grupos organizados da cidade. (Projeto Cultural Arte-Educação, 1984, arquivo do NUC).

Inicialmente o projeto contou com a participação dos grupos corais das instituições: ESALQ, Faculdade de Odontologia, UNIMEP, Escola de Música de Piracicaba, Conservatório de Piracicaba, Escola Artmusi de Piracicaba e escolas da Delegacia de Ensino de Piracicaba.

O encerramento das atividades do projeto aconteceu com apresentações de mais de dez corais, conjuntos de câmara e da Orquestra Sinfônica Juvenil do Estado de São Paulo, em diferentes locais da cidade.

No dia 9 de julho o Coral Universitário da UNIMEP se apresentou na Sessão Solene de Instalação do MPB – Movimento Pacifista Brasileiro, no Teatro Municipal de São Paulo. O Movimento

Luta pela paz mundial, pelo fim da corrida armamentista e pela melhoria da vida na terra. Não tem alinhamento com o Leste ou o Oeste... (Folder de divulgação do MPB, 1984, arquivo do NUC).

O Coral Universitário realizou um concerto na Igreja Metodista Central de Piracicaba, nas comemorações do seu 103º aniversário. O Setor de Música contava ainda com a colaboração da maestrina auxiliar, a cantora e pianista Suzana Cabral. O grupo coral, constituído de 63 cantores aproximadamente,

... oriundos de vários estados e cidades do país. Morando geralmente em repúblicas, estes jovens têm no coral universitário um ponto de encontro de troca de idéias e experiências muito importantes para o grupo. É como se fosse uma segunda família. (Boletim Mensageiro, da Igreja Metodista Central de Piracicaba, 30/09/1984, arquivo do NUC).

No período de 10 a 15 de setembro a Pastoral Universitária, por meio dos setores de música e teatro, promoveu a III Semana de Arte da UNIMEP. O evento foi bem elaborado, com proposta mais abrangente, envolvendo desde a Pré-escola até a Universidade.

As atividades artísticas foram divididas entre os *campi* Centro e Taquaral e contaram com a participação, por meio de apresentações, do Teatro e dos Corais Universitários da UNIMEP, de Grupo de Chorinho, da Escola de Ballet “Studio 415” e Grupo de Teatro de São José dos Campos. Foram oferecidas ainda oficinas de Música, Dança, Artes Plásticas e Teatro.

Em outubro o Coral Universitário e o maestro Cantoni receberam voto de apreciação do Conselho Universitário, aprovado por unanimidade na sessão de 24 de outubro, pela apresentação que realizaram na Solenidade de Outorga do Título de “Doutor Honoris Causa” a D. Helder Câmara. A Solenidade ocorreu dia 23 de outubro, na Catedral Santo Antônio.

Estejam certos, o maestro e o coral, de que sua atuação foi muitíssimo apreciada, mais que o louvor, a gratidão do Conselho e de toda comunidade universitária. (Ofício da Secretaria Geral da UNIMEP – 180/1984, arquivo do NUC).

Com os objetivos de favorecer a troca de experiências e de novos métodos; estudar o papel do educador; incentivar a percepção e expressão da criança e possibilitar a formação de um grupo para continuidade de troca de experiências e promoção de novos encontros, o Setor de Música da UNIMEP e o Setor de Artes do Colégio Piracicabano promoveram o “Curso Intensivo de Atualização Pedagógica na Pré-Escola”. A realização foi da Assessoria de Extensão Universitária e Treinamento, com fornecimento de certificado pela mesma.

O curso ocorreu no período de 29 a 31 de outubro, no *campus* Centro, e as vagas foram abertas para

Educadores de escolas públicas e particulares, alunos dos Cursos de Pedagogia, Normal, Educação Física, profissionais pertencentes aos Projetos Educacionais populares e/ou especiais, e outros interessados. (Projeto do Curso, 1984, arquivo do NUC).

As aulas foram ministradas pela Prof^a. Ida Meirelles,

... formada pela Escola de Música de Piracicaba, com especialização em Iniciação Musical no Instituto Orff, em Salsburg/Alemanha. Participou, recentemente, da III Semana de Arte da UNIMEP, na montagem de Oficinas de Música da Pré-Escola. (Projeto do Curso, 1984, arquivo do NUC).

Outras apresentações foram realizadas pelo Coral Universitário: celebrações, formaturas, recepção aos calouros, semanas de cursos, Culto de Páscoa para funcionários, Encontro de Corais em Campinas, ESALQ, Faculdade de Odontologia (UNICAMP).

Encerrando as atividades propostas para o ano de 1984, o Coral se apresentou na Festa de Natal dos Funcionários da UNIMEP,

em Hospitais de Piracicaba e realizou uma Alvorada de Natal pelas ruas de Piracicaba.

A primeira atividade na área musical em 1985 foi a realização do Seminário de Música “A Simbologia da Obra de Bach”, promovido pelo Centro de Teologia e Filosofia da UNIMEP e Núcleo de Música, com a colaboração da Escola de Música de Piracicaba e da Associação Paulista de Organistas.

O Seminário ocorreu no período de 8 a 12 de janeiro, e sua abertura foi marcada pelo Concerto de Órgão com a organista Elisa Freixo, na Igreja dos Frades.

Tinha como público alvo

... organistas e estudantes de música em geral, e será desenvolvido pela presidente da Associação Paulista de Organistas, Elisa Freixo; pelo regente da III Igreja Batista Independente de São Paulo, Parcival Módolo e pelo regente dos corais da UNIMEP, Umberto Cantoni. (Tribuna Piracicabana, 11/12/1985).

Foram treze alunos inscritos, oriundos de Piracicaba e cidades da região, e uma aluna de Goiânia – Goiás. No programa constaram

... os temas “A Música do Século XVII”, “O Compositor J. S. Bach”, “Introdução à Simbologia na Obra de Bach” e “Análise Ilustrada de Trechos Expressivos da Obra”, que serão desenvolvidos das 8 às 12 e das 14 às 18 horas, durante a noite haverá concertos didáticos por alunos e professores. (O Diário, 6/01/1985).

Conforme citado no Capítulo III, dia 13 de janeiro foi instalada uma crise de grandes proporções na UNIMEP,

... motivada pela deposição arbitrária de nosso Reitor, Vice-Reitor e Diretor Financeiro, pelo Conselho Diretor do Instituto Educacional Piracicabano. (Carta Aberta à População II, 1985, arquivo do NUC).

Segundo depoimento, a crise contou com um grupo de resistência, composto por funcionários e professores,

... muito bem instruídos, que nos ajudaram a superar aquela crise, a fazer as articulações. Começávamos o dia cantando o Hino Nacional e depois vinham as músicas da Teologia da Libertação, cantado por todos: “Momento Novo” e outras da Igreja Católica daqui da região, que tinham nos grupos de base. Tínhamos como um despertar, nos motivando a resistir. E foi uma coisa horrível, inclusive com a Polícia Federal vindo prender a gente. Depois de muita luta, finalmente ganhamos a causa. Foi concedida a autonomia universitária. (Entrevista com Cantoni, 2008).

O Setor de Música teve participação essencial naquele momento. O início do dia era marcado por cânticos dirigidos por Cantoni, entoados por todos os participantes da paralisação. Essa prática colaborou no processo de aglutinação das pessoas, bem como no despertar de novas possibilidades, onde a acomodação não era permitida, mas sim, o convite para agir, na esperança de viver novos tempos, como expresso na criação coletiva “Momento Novo”, que era cantada diariamente, como um hino do movimento:

Deus chama a gente prá um momento novo, de caminhar junto com seu povo. É hora de transformar o que não dá mais, sozinho, isolado, ninguém é capaz. Por isso vem, entra na roda com a gente também. Você é muito importante, vem!

Não é possível crer que tudo é fácil. Há muita força que produz a morte, gerando dor, tristeza e desolação. É necessário unir o cordão. Por isso vem, entra na roda com a gente também. Você é muito importante, vem!

A força que hoje faz brotar a vida, atua em nós pela Sua graça. É Deus quem nos convida prá trabalhar, o amor repartir e as forças juntar. Por isso vem, entra na roda com a gente também. Você é muito importante, vem! (Criação Coletiva).

Com o término do movimento, as atividades foram retomadas em toda Universidade. O Setor de Música imprimiu material informativo, distribuído aos discentes com a intenção de

conscientizá-los do valor da Arte na vida acadêmica, bem como as atividades artísticas oferecidas pelo Setor.

As artes no Brasil são tratadas como algo marginal e incômodo dentro das propostas de educação. Elas são abordadas de modo improvisado, optativo, festivo e assistemático, dependendo, é lógico, dos recursos financeiros e do “comprometimento” da instituição... dos anos 80 para cá, criou-se um espaço muito importante de vivências artísticas... que marcaram um período de crescimento... Com mais estas propostas estamos abrindo o espaço de opções para os universitários no sentido de criar uma vida acadêmica mais rica... (Projeto Cultural da UNIMEP, 1985, arquivo do NUC).

Naquele ano foram oferecidos cursos livres de Saxofone, Bateria, Violão, Piano e Flauta Transversal e Doce. Além dos cursos, foram disponibilizados aos discentes laboratórios de Coral, Teatro, Capoeira e Dança, com possibilidade de bolsa de estudo aos aprovados no teste realizado para ingresso nos grupos. Após o início das aulas, o maestro Cantoni e o diretor teatral Sebastião Martins apresentaram aos calouros e aos demais alunos as opções artísticas oferecidas pela UNIMEP.

Apesar das dificuldades enfrentadas no início de 1985, o ano foi bastante significativo para o Setor de Música, que se envolveu com a comunidade interna e externa, através de apresentações do Coral nos diversos espaços da cidade e da Universidade: Culto de Páscoa aos alunos e funcionários do Colégio Piracicabano e da UNIMEP, Comemoração pelo Dia do Trabalhador, Encontros de Corais, Banco Bradesco, Culto em Ação de Graças pelo 10º Aniversário da UNIMEP, Comemorações pelos 100 Anos do Instituto Metodista de Educação e Cultura em Porto Alegre/RS-IMEC, Abertura da II Copa Brasil de Basquete, Show de Comunicação do DCE – Diretório Central dos Estudantes da UNIMEP, gravação da fita “O Esperado”, do compositor Nabor Nunes e participação em formaturas.

Como em anos anteriores, o Coral Universitário realizou a III Feira Coral em Piracicaba, no dia 28 de setembro, em comemoração ao 10º Aniversário de organização e oficialização junto à comunidade piracicabana da UNIMEP.

Trata-se de um evento cultural que contará com a participação de vários corais universitários do estado, numa programação em praça pública, ou seja, na Praça José Bonifácio. É uma praça central, bem espaçosa, bem arborizada, com fonte luminosa, onde geralmente o povo vai fazer um passeiozinho no fim das tardes. (Proposta da III Feira Coral, 1985, arquivo do NUC).

Participaram da Feira os grupos corais: Coral Varga de Limeira, Coral da Universidade de Bauru, Coral Pauliphonia da Faculdade Paulista de Medicina, Coral da Universidade Metodista de Piracicaba, Coral Evangélico de São Paulo, Coral PUC – São Paulo e, encerrando a programação, a Orquestra Sinfônica de Americana.

Encerrando as atividades daquele ano, o grupo coral realizou várias serenatas, interpretando canções de Natal.

4.3. O Setor de Teatro da UNIMEP – 1980 a 1985

O Grupo de Teatro da UNIMEP iniciou suas atividades em março de 1980, sob direção de Claudemir “Kiko” Ferreira, com o nome de Grupo de Teatro Experimental da UNIMEP, visando a implantação de uma corrente artística dentro da Universidade que,

... juntamente com o coral, veio colocar em evidência, a necessidade de se fazer Arte dentro de uma Instituição Educacional, a formação mais humana e crítica do estudante. (Histórico do Grupo de Teatro da UNIMEP, 1983, arquivo do NUC).

A divulgação das inscrições para formação do grupo foi feita por meio de panfletos, amplamente distribuídos, com o seguinte texto:

O Teatro chega na Universidade! Um Teatro livre, Um Teatro vivo, Um Teatro engajado na luta do dia-a-dia do brasileiro, Um Teatro dinâmico e criativo... (Folheto de divulgação para formação da primeira turma, 1980, arquivo do NUC).

Foram 40 pessoas inscritas para participarem do grupo, sendo que as que permaneceram foram 15. Para formação dos seus integrantes, Kiko ofereceu um curso de teatro intensivo no período de março a maio, que constou basicamente de exercícios de integração, composição Teatral e Laboratórios, visando a criação de personagens. Após esse período, foram promovidos debates para escolha de textos. Feita a escolha, foi iniciada a montagem, que constava de:

... leitura de discussão do texto, distribuição dos personagens, laboratórios para criação de personagens e interpretação, ensaios com texto, exercícios de criatividade, visando a montagem do texto, montagem do cenário, montagem técnica: iluminação, figurino, sonoplastia, maquiagem, etc... e, por fim, a apresentação do trabalho, dentro e fora da Universidade. (Setor de Teatro da UNIMEP, 1983, arquivo do NUC).

A primeira peça encenada pelo grupo foi “Cadê meu sossego”, montada no primeiro semestre de 1980, com texto próprio da equipe. Essa montagem experimental teve a participação de todo grupo em debates, pesquisas de texto e parte técnica,

... onde questionávamos a passividade do homem oprimido diante de seu passado histórico, seu presente e seu futuro. Apresentamos esta peça só dentro da Universidade. (Histórico do Grupo de Teatro da UNIMEP, 1984, arquivo do NUC).

Estávamos eufóricos com os resultados, apesar de termos feito apenas 3 apresentações dentro da Universidade. (Relatório Pessoal de Kiko, 1983, arquivo do NUC).

Ainda em 1980, no segundo semestre os trabalhos foram iniciados com um texto pronto, escrito por Claudemir Kiko: a peça “Tempo

de Homens Unidos”, em comemoração ao 1º Centenário do Metodismo em Piracicaba,

... visando um apoio crítico aos valores sociais do Metodismo e, principalmente, da comunidade universitária da UNIMEP. (Histórico do Grupo de Teatro da UNIMEP, 1984, arquivo do NUC).

Em setembro o trabalho foi apresentado e,

Apesar de ser um texto pronto, não faltaram as discussões e as interpretações de texto por parte de todo o grupo.. Após as apresentações, ainda dentro da Universidade, deste trabalho, iniciamos os debates visando a terceira montagem. (Relatório Pessoal de Kiko, 1983, arquivo do NUC).

No final de 1980 foi montada a peça “Se, porém, todavia, entretanto...”, composta por uma coletânea de trechos de peças, que levantava questões a respeito do homem, sua vida, seus anseios, suas emoções, seus problemas,

... que acabou tendo uma montagem surrealista que propôs a participação do público no espetáculo. Tal montagem era uma coletânea de vários autores clássicos. (Histórico do Grupo de Teatro da UNIMEP, 1984, arquivo do NUC).

Este trabalho foi apresentado somente dentro da Universidade, pois

... o grupo estava adquirindo a técnica necessária para poder enfrentar uma platéia desconhecida. (Relatório Pessoal de Kiko, 1983, arquivo do NUC).

No segundo ano do grupo foi iniciada a remontagem do trabalho “Se, porém, todavia, entretanto...”.

Dos ensaios, nasceu “Se, porém, todavia, entretanto... a vida fluir novamente”. Uma peça de dois atos que completou a idéia da anterior. Do nascimento à morte. O questionamento da vida. Um trabalho realizador. O mais empolgante e gratificante. As apresentações se sucederam de junho a novembro de 81. (Relatório Pessoal de Kiko, 1983, arquivo do NUC).

Para encerrar as comemorações do 1º Centenário do Metodismo em Piracicaba, foi montada a peça “Ritual dos Pães” no segundo semestre de 1981. Escrita por Kiko, teve como base alguns textos da história do Metodismo.

Mais uma vez o pano de fundo do trabalho era analisar a questão das responsabilidades da comunidade na construção da sociedade brasileira, portanto, conteúdo bastante reflexivo,

... que abriu para a comunidade piracicabana a possibilidade de analisar a questão da responsabilidade na construção da sociedade... Tanto essa peça como a “Tempo de Homens Unidos foram feitas em conjunto com o Coral Universitário. (Histórico do Grupo de Teatro da UNIMEP, 1984, arquivo do NUC).

Com essa montagem o grupo finalmente teve a oportunidade de se apresentar fora da Universidade:

Apresentamos o “Ritual dos Pães” no Teatro Municipal de Piracicaba. Uma grande experiência para o Grupo. Porém, apenas uma apresentação pois, o objetivo do trabalho era um só. (Relatório Pessoal de Kiko, 1983, arquivo do NUC).

No início de 1982, integrando a programação da Páscoa, foi montado o “Espetáculo Vida”, contando também com a participação do Coral Universitário,

... procurando uma visão operária da Páscoa... (Histórico do Grupo de Teatro da UNIMEP, 1984, arquivo do NUC).

Este trabalho proporcionou ao Grupo, o maior número de apresentações e de público, tanto dentro, como fora da Universidade. (Relatório Pessoal de Kiko, 1983, arquivo do NUC).

Nessa mesma época o Grupo foi um dos incentivadores do Projeto 30 Minutos, que levou diferentes linguagens artísticas aos alunos da Universidade no intervalo das aulas. Teatro e Música foi o ponto central do Projeto, com programação nos três *campi* da UNIMEP.

Iniciado na última semana, o Projeto 30 Minutos prosseguirá hoje no campus centro da UNIMEP... O Projeto, que recebe o apoio da Pastoral Universitária, e do D.A. de Humanas, tem como objetivos realizar manifestações artísticas, nos três campi da Universidade, nos horários de intervalos das aulas. As primeiras apresentações aconteceram no dia 29... (Jornal de Piracicaba, 04/05/1982).

Em março, quando ainda ocorriam apresentações do “Espetáculo Vida”, em um consenso do grupo,

... ficou estabelecido que deveríamos montar um trabalho mais tradicional. Uma peça “por inteiro”. Achamos! (Relatório Pessoal de Kiko, 1983, arquivo do NUC).

Ainda em 1982, no mês de junho, houve a estréia da “Nadim Nadinha Contra Rei de Fuleiró, peça de Mário Farias Brasini.

... era uma comédia viva e pura, sem risos angustiantes que, normalmente aparecem quando se trabalha esse tipo de tema: A OPRESSÃO. (Histórico do Grupo de Teatro da UNIMEP, 1984, arquivo do NUC).

Foi um trabalho de fôlego! Sua montagem durou seis meses e

... estava de acordo com os objetivos propostos pelo Grupo: sátira à classe dominante e uma visão crítica da realidade nacional. (Relatório Pessoal de Kiko, 1983, arquivo do NUC).

Várias foram as apresentações: SESC de Piracicaba, UNIMEP, PUC de São Paulo, IMS – Instituto Metodista de Ensino Superior em São Bernardo do Campo, dentre outras.

Essa peça foi remontada em agosto de 1983 visando a participação do grupo no I Festival de Teatro Amador de Piracicaba,

... no qual o Grupo conseguiu a terceira colocação e mais três menções honrosas para atores, sendo o único grupo de Piracicaba a receber premiação no Festival. (Histórico do Grupo de Teatro da UNIMEP, 1984, arquivo do NUC).

A peça “Missa da Terra Sem Males”, de D. Pedro Casaldáliga, Pedro Tierra e Martin Coplas, o Grupo, que contou com a participação do Coral Universitário,

... levanta a questão dos povos indígenas do continente, reduzidos pelos conquistadores, com o passar dos anos, a uma porcentagem insignificante diante do que representavam. Em sua apresentação, na introdução do próprio livro, dizem os autores: “Conquistadores, acompanhados de evangelizadores destruíram de fato, não apenas culturas mas povos inteiros”. (Jornal de Piracicaba, 19/05/1983).

A Missa celebrava a morte de milhares de índios, sacrificados “em nome” do Cristo e do Imperador.

Na montagem que o Grupo fez da Missa procurava mostrar o índio poético, o índio na sua maior grandeza mas sem perder a firmeza e a dor do massacre. “A Missa da Terra Sem Males” é uma convocação a todos os oprimidos da América que marcharam durante séculos e marcham hoje em busca da Terra-Sem-Males libertada. (Histórico do Grupo de Teatro da UNIMEP, 1984, arquivo do NUC).

É importante destacar o engajamento do Grupo em questões políticas não apenas locais, mas também internacionais, como as apresentações no

Ato público em solidariedade a Bolívia, Nicarágua e El Salvador será uma das programações especiais do Seminário Internacional de Educação Popular, que se iniciará na UNIMEP na próxima Terça-feira a noite... Ainda no dia 27, na programação oficial do Seminário Internacional, o coral e o grupo de teatro da UNIMEP estarão apresentando pela primeira vez, a montagem feita da Missa da Terra sem Males... (Jornal de Piracicaba, 19/05/1983).

Porém, no segundo semestre de 1983, o Grupo de Teatro da UNIMEP passou por uma crise sem precedentes desde sua criação, em março de 1980. Alvo de críticas da parte de alguns setores da Universidade, especialmente pela falta de apresentação, o Grupo, completamente acéfalo, fazia o que era possível, como a participação no I Festival de Teatro Amador de

Piracicaba, realizado em Piracicaba, no Teatro Municipal, no período de 22/08 a 04/09/1983.

A crise criada, entretanto, está oferecendo possibilidades para que os elementos do Grupo possam parar um pouco para raciocinar e a presença de um diretor mais tempo com eles, aqui na Universidade, é a principal reivindicação. Pela primeira vez, então, faz-se uma análise crítica daquilo que já foi feito até aqui, de forma que – segundo a maioria dos elementos do Grupo – a necessidade de um elemento que dedique mais tempo aos ensaios e, em especial, mais tempo para se “fazer teatro”, já que não se vive apenas com ensaios, é um problema que precisa – urgentemente – ser resolvido. (Jornal Opção da UNIMEP, Piracicaba, 19 a 25/09/1983).

Na expectativa de resolver a questão, várias reuniões ocorreram com os membros do Grupo, seu diretor, Claudemir Kiko Ferreira, e representantes da Pastoral, já que o Setor de Teatro estava ligado àquele órgão.

Na quarta-feira passada, uma reunião de quase três horas de duração, onde estiveram presentes o diretor, o rev. Levy, a rev. Yone, Vanete, Domingos, Janice, Darlene e José Lima, pela Pastoral; e Marcos, Tião, Silveli, Ivan, Kátia e Alfredo, pelo Grupo; decidiu-se que os membros do grupo devem apresentar um documento com os objetivos e planejamento das necessidades para uma nova reunião que deve acontecer amanhã (terça-feira) que deverá definir de vez, a solução para a crise. (Jornal Opção da UNIMEP, Piracicaba, 19 a 25/09/1983).

Nessa reunião ficou claro também a necessidade de um diretor com mais tempo disponível na Universidade. A Pastoral ressaltou que todas as reivindicações devem ser justificadas.

O Rev. Levy afirmou, ao término da reunião, que o “grupo e diretor estão descontentes com a situação, de forma que uma solução deverá ser encontrada para isso tudo”. (Jornal Opção da UNIMEP, Piracicaba, 19 a 25/09/1983).

Depois de vários encontros, a Pastoral Universitária, juntamente com os integrantes do Grupo de Teatro e o diretor Claudemir Kiko Ferreira, chegaram à conclusão

... de que eram necessárias “mudanças”. Assim, a primeira medida acabou sendo tomada após muita reflexão e, principalmente, após se ter certeza de que a mudança seria a melhor, a mais eficiente e, é claro, a que desse melhores resultados. A decisão foi consenso geral: o diretor acabou sendo dispensado de seus serviços junto ao grupo e à própria universidade, após mais de três anos no cargo. (Jornal Opção da UNIMEP, Piracicaba, 03 a 09/10/1983).

A decisão foi decorrente dos muitos problemas que estavam se tornando intransponíveis, pois,

... apesar de estarem juntos, grupo e diretor, já não caminhavam juntos mais. Enfim, vira-se uma nova página no livro da história do Grupo de Teatro da Universidade, que está se preparando – através de um planejamento já elaborado – para superar os novos desafios. (Jornal Opção da UNIMEP, Piracicaba, 03 a 09/10/1983).

Visando o fortalecimento e coesão do grupo, os atores optaram por uma experiência inédita na Universidade, qual seja, que Sebastião Eduardo Costa Martins, mais conhecido por Tião e Silveli Aparecida Tenório, integrantes do Grupo desde sua criação, passassem a ser os diretores das próximas montagens.

Os dois, além de se dedicarem – através de seu trabalho nestes anos todos – ao grupo, sempre visando um melhor espetáculo, adquiriram, com o próprio Kiko, muita experiência, através da prática e da leitura de livros que dão uma maior visão do teatro. (Jornal Opção da UNIMEP, Piracicaba, 03 a 09/10/1983).

Foi um período de muita garra e disposição da parte dos integrantes do Grupo, pois tinham consciência de que várias barreiras deveriam ser transpostas. A partir desse momento, surge um “novo grupo”,

... talvez até mais unido, onde a colaboração e a dedicação de cada um contará para a melhoria do trabalho final... Certamente, os problemas que surgirem – de uma forma ou de outra – só serão solucionados com o empenho de cada um dos atores. (Jornal Opção da UNIMEP, Piracicaba, 03 a 09/10/1983).

O ano de 1983 termina com o Grupo de Teatro da UNIMEP em busca de um Teatro emancipador e, em consonância com os debates e tentativa de prática de educação popular presentes na Instituição, retoma um processo de repensar suas atividades,

... entregando-se de corpo e alma à tentativa de encontro de uma arte descolonizada e descolonizadora. É um movimento espontâneo, natural que nasce, que brota da necessidade de participação plena na luta pela libertação total do homem. (Proposta de reestruturação do Setor de Teatro da UNIMEP, 1983, arquivo do NUC).

Apesar do momento difícil, com grandes desafios, o Grupo de Teatro e os Corais do Centro e de Santa Bárbara viajaram para o Rio de Janeiro, para se apresentarem nas comemorações de aniversário do Instituto Bennett, no período de 14 a 16 de outubro.

Numa viagem bastante tumultuada... os alunos desta Universidade levaram para lá um pouco de arte que aqui está sendo desenvolvida. ... os integrantes do grupo conseguiram tirar muitas gargalhadas da platéia. Certamente, uma prova de que a união faz a força, já que no palco tudo deve ser esquecido pois o show é o mais importante e o público deve ser respeitado. (Jornal Opção da UNIMEP, Piracicaba, 24 a 30/10/1983).

Houve a apresentação da peça “Nadim Nadinha contra o Rei de Fuleiró” pelo Grupo de Teatro na sexta-feira, dia 14 e, encerrando a programação, no dia 16, foi a vez da “Missa da Terra Sem Males”, na Igreja Presbiteriana de Copacabana, às 18h, envolvendo teatro e coral.

Nos poucos meses que restaram para o final do ano de 1983 e, com planos de colocar em prática o teatro popular dentro da Universidade, contando especialmente com o apoio da Pastoral Universitária, o grupo se dedicou à pesquisa de campo, indo aos bairros e mantendo contato com a população.

“Vamos começar, com toda garra, um novo teatro, tentando conscientizar nos bairros, a necessidade que se tem de

conhecer uma arte verdadeiramente popular”. Desta forma, Silveli e Sebastião definem novo espaço que a UNIMEP está abrindo para levar a arte até o povo, num país onde a cultura é sempre relegada a segundo e terceiro planos. (Jornal Opção da UNIMEP, Piracicaba, 10 a 16/10/1983).

O ano de 1984 iniciou com novas perspectivas para o Grupo, que possuía bem claro o novo caminho a seguir. Logo no começo das aulas foi amplamente divulgado um texto pelo Setor de Teatro, informando que as inscrições para o Grupo de Teatro da UNIMEP encontravam-se abertas, e conclamando a todas as pessoas interessadas em participar, que fizessem suas inscrições:

Para nosso teatro esperamos pessoas que não venham apenas cumprir uma necessidade social de contato com a cultura. E nem só as pessoas que venham divertir-se... Nosso objetivo é buscar um teatro popular. Lutar pela transformação da sociedade tentando formar espectadores críticos e participantes... Todos poderão se inscrever em uma das turmas... (Texto divulgando período de inscrições para o Grupo de Teatro, 1984, arquivo do NUC).

Foi com essa disposição e com essa nova filosofia de trabalho que as atividades foram iniciadas em 1984. O Grupo de Teatro da UNIMEP partiu em busca de um teatro popular, transformador da sociedade.

Nessa perspectiva foi para as ruas, promovendo manifestações em luta pela conquista das “Diretas Já” para presidente da república. Foi a primeira entidade a se lançar publicamente em Piracicaba na campanha.

O Grupo de Teatro da UNIMEP, tendo à frente Sebastião Costa Martins mais conhecido como “Tião Lennon”, saiu ontem às ruas centrais de Piracicaba, carregando a “cobra das diretas”, que convocava a população para o grande comício do próximo Sábado na praça José Bonifácio. (O Diário, 19/02/1984).

O Grupo não se omitia diante das novas possibilidades e desafios e participava ativamente dos movimentos, como no Manifesto para a

organização da Associação dos Artistas de Teatro de Piracicaba, onde

Cerca de 10 artistas de teatro saíram ontem às ruas, com duas faixas na mão, convocando a população para uma reunião hoje, na sala 116 da UNIMEP (campus Centro), às 20 horas... integrado pelos grupos Brinclarear, Circo Expresso, Colégio Piracicabano, Eco-é-Lógico, Teatro Experimental da Piracicaba e Teatro UNIMEP – reclama da “atual realidade da cultura piracicabana em geral” e também da “omissão dos seus órgãos competentes”, principalmente contra a Ação Cultural. (O Diário, 13/03/1984).

Houve ainda a participação no ato cultural em comemoração ao Dia Internacional do Teatro, em parceria com a recém criada Associação de Artistas de Teatro de Piracicaba.

No dia universal do teatro, a praça José Bonifácio pode abrigar praticamente todos os grupos amadores de Piracicaba, bem como um público que, mesmo não sendo grande, teve a oportunidade de presenciar a vontade de umas tantas pessoas, que ainda acreditam na possibilidade de se fazer arte num momento tão duro da existência humana. ...contou com a participação dos grupos de Teatro Brinclarear, Circo Expresso, Teatro Experimental de Piracicaba, Teatro UNIMEP, Centro Acadêmico Luiz de Queiroz e Colégio Piracicabano. (O Diário, 22/03/1984).

Em paralelo a todas essas manifestações, o Grupo iniciou a montagem da peça “Desventuras de Um Morto Vivo”, de Domingos Pellegrini Jr., com a perspectiva de realizar apresentações nos bairros populares da cidade a partir de agosto.

O Grupo de Teatro da UNIMEP, trabalhando há alguns meses dentro de um objetivo de desenvolvimento do teatro popular, estréia hoje à noite, na pré-escola do Matão, a peça “Desventuras de Um Morto Vivo”, de Domingos Pellegrini Jr. (O Diário, 11/08/1984).

A peça denuncia a problemática da assistência médica e convoca a população a se rebelar contra este tipo de injustiça. O objetivo é que, por meio da sátira, o espectador se sinta movido a lutar contra as “enfermidades da sociedade”.

Segundo o Grupo de Teatro da UNIMEP, o teatro popular, embora sempre marginalizado pela cultura dominante, é uma das mais fortes armas para se lutar contra a miséria, a exploração e o sofrimento de nossa população, buscando para isto, a transformação da sociedade, fugindo basicamente da massificação nos moldes “globais”. (O Diário, 11/08/1984).

No dia 19 de março o Setor de Teatro formou outro grupo, que recebeu o nome de “Tumulto no Porão”.

Com esse grupo pretendemos descobrir um teatro popular para estudante... Também esse grupo está na luta pelas diretas-já. (Histórico do Grupo de Teatro da UNIMEP, 1984, arquivo do NUC).

O grupo escolheu, para iniciar os trabalhos cênicos, o texto de Bráulio Pedroso, que originalmente intitulava-se “A Vida Escrachada de Joana Martini e Baby Stompanato”, por achar que se aproximava da sua proposta.

No entanto, o grupo resolveu fazer uma adaptação, pois acreditaram ser o original muito alienado, o que acabou por chocar com as concepções do grupo, que diz desejar uma nova forma de fazer teatro, que não a consagrada pelos palcos da vida. ...“Com a adaptação que fizemos, queremos mostrar a limitação do teatro amador”. (Tribuna Piracicabana, 28/09/1984).

Foi dessa montagem coletiva que surgiu a peça “Edredon Vermelho”, uma adaptação de Bráulio Pedroso, dirigida por Sebastião Martins, o Tião.

No quinto ano de sua fundação, o Grupo voltou-se para problemas fundamentais da sociedade, trazendo à tona o questionamento do sistema capitalista. Foi um período de muita participação em movimentos na Universidade, bem como na cidade, sendo que a maioria deles tinha à frente a equipe do Setor de Teatro: além dos já citados, participaram do Comitê das Diretas-Já da UNIMEP, apoio em trabalhos teatrais desenvolvidos nas salas de aula,

apoio ao Grupo de Teatro do Colégio Piracicabano, intervenções públicas na mobilização pelas Diretas-Já, dentre outras.

No início do primeiro semestre de 1985 o Setor de Teatro abriu inscrições para um novo grupo que seria formado: o “Grupo Oficina Porão de Teatro”. Como trabalho inicial ocorreu pesquisa e montagem de texto de teatro infantil alternativo, o que não era comum,

... pois a maioria dos textos infantis tratam as crianças como seres que não pensam. A estréia está marcada para setembro. (Documento para discussões sobre o Setor de Teatro, 1985, arquivo do NUC).

A estréia, conforme previsto, ocorreu no Bairro Matão em Piracicaba, entretanto, este grupo não perdurou. Sua existência se restringiu a esse ano.

Os demais grupos teatrais continuaram seu ritmo de trabalho, com muitas apresentações e participação ativa no movimento para fortalecimento do Setor de Teatro, que passava por momentos de bastante incertezas, decorrente de um projeto de reestruturação na UNIMEP, proposto pelo Conselho Diretor. Nele estavam previstas demissões e cortes de alguns setores.

Não é nossa intenção analisar este período pelo viés da crise, tema já abordado em outros trabalhos, mas sim, como a cultura superou as dificuldades daquele momento, conseguindo não só se manter, mas se fortalecer.

No “pacotão” da UNIMEP, como era tratado o projeto de reestruturação, estava previsto que o Setor de Música ficaria ligado à Reitoria, e o de Teatro seria desativado. Nesse período estavam ligados a esse setor três grupos com um total de trinta pessoas, entre bolsistas e amadores e, como funcionário,

constava apenas seu diretor, Sebastião Eduardo Costa Martins que, diante da perspectiva de desativação do setor, afirmou:

“Além desse setor, acaba também o movimento cultural dentro da UNIMEP, que é um dos lugares que os artistas amadores têm mais acesso. Praticamente vai acabar com o teatro amador da cidade”. (O Diário, 13/08/1985).

Os grupos não se submeteram passivamente a essa perspectiva. Para tornar conhecido aos universitários o que é teatro, começaram a fazer exercícios cênicos e os ensaios durante os intervalos das aulas em locais públicos.

O resultado é o apoio que estão recebendo dos Diretórios Acadêmicos para que o Teatro não acabe na Universidade. “Escassez de dinheiro a gente aceita, mas não o fechamento do Teatro. Acreditamos que isso não acontecerá porque estamos recebendo total apoio da Universidade e como o Conselho Universitário deve refletir nos anseios da comunidade, o teatro resiste”, afirma Tião. (O Diário, 13/08/1985).

Portanto, era evidente o apoio dos estudantes ao movimento. Os funcionários também se posicionaram, não só em relação ao Setor de Teatro, mas de forma mais ampla, que envolvia todos os setores.

A mobilização dos funcionários da Metodista foi uma resolução tirada em assembléia, na manhã de ontem. Eles fecharam os “campi”, ficaram nos corredores e gritavam “não demissões”, “não autoritarismo”, “abaixo pacotão”. (O Diário, 13/08/1985).

Quanto aos professores, o presidente da Adunimep, Prof. Lineu Mafezzoli, se posicionou dizendo que

“Deve haver definições objetivas e critérios claros. O corte previsto é político e social. Haverá novos desempregos. Não acredito que isso possa resolver o problema da Instituição. É preciso haver uma discussão mais ampla com saídas eficazes. ... não deve haver resolução com ponto de vista empresarial de receitas e despesas. Entendemos que por ser uma Universidade tem que ser tomada uma decisão que melhore o ensino”... (O Diário, 13/08/1985).

Conclusão

Como resultado de todo esse processo, em 1986 foi aprovado o Projeto de Criação do Núcleo Universitário de Cultura pelo Conselho Universitário, no dia 7 de abril.

No ano seguinte, por meio da Portaria 18/87, de 2 de fevereiro de 1987, as atividades do NUC foram regulamentadas. Assim, o referido Setor passou a englobar os trabalhos com música e teatro, com possibilidade de criação de outras linguagens artísticas, sob coordenação de Umberto Cantoni, que permaneceu até 2003.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Igreja e educação são conceitos que se complementam. Quanto a isto, o Metodismo é exemplar. Os primeiros missionários entendiam que não era possível compreender a mensagem do Evangelho sem a oportunidade de ler, escrever ou desenvolver-se intelectualmente.

Assim, nas paróquias que foram constituídas, subsistia junto ao templo o edifício de Educação Religiosa, bem como o Salão de Encontros ou de festa. Nele, invariavelmente, existia um palco para abrigar as manifestações artísticas.

Os missionários trouxeram sua literatura, seus hinos e suas poesias, bem como o conhecimento para sua produção, e assim, edificaram uma nova sociedade, que não era mais a norte-americana de origem, muito menos a brasileira que aqui foi encontrada.

A história do NUC se confunde com toda essa forma de pensar e de edificar a Igreja e a escola. A forma quase ingênua nos começos do Jovem Som, até aos engajamentos dos grupos de teatro, exemplificam a caminhada da igreja.

O choque existente entre a sociedade quase feudal existente no Brasil, com um capitalismo em processo de consolidação norte-americana, produziu um novo jeito de ser. Como produto e produtora de cultura, a religião, e nesse caso, em particular, a Igreja Metodista, refletiu em si as mesmas contradições e anseios da sociedade em geral.

É dessa forma que podemos compreender a condição de dependência da organização, finanças, e até produção artística, reveladas na história do NUC, na relação com os missionários. Por outro lado, essa dependência é questionada, e a busca de uma linguagem própria faz surgir uma forma nova de celebrar a esperança e o anseio de liberdade.

Fica muito clara a participação da Igreja, tanto operacional, quanto teológica e filosófica, nesse processo de ser escola. Desde logo, existe a compreensão de que Educação não é a simples absorção de dados ou costumes considerados mais avançados.

A educação é um processo de construção de um ser diferente, e de uma nova sociedade. É muito importante notarmos a influência da teologia latino americana na construção da celebração litúrgica, por meio de novas canções.

Compostas por brasileiros como Jaci Maraschin, com letras retratando a realidade nacional, inspiraram e fortaleceram o desejo de liberdade, e pavimentaram o caminho para a implantação de uma nova práxis.

A consciência da dominação despertou o anseio pela libertação, proporcionou o desenvolvimento das práticas sociais e a busca dos novos conhecimentos para construir uma forma de ser brasileira e latino americana.

O teatro e a música foi o campo das experiências libertárias. Com o apoio da Igreja, por meio da Pastoral Universitária, muitos projetos de inclusão e de resgate da cidadania foram executados. A consciência da responsabilidade com os menos favorecidos, em dar voz aos excluídos, tudo isso foi valorizado e fortalecido na prática do NUC.

A formação universitária não se restringiu ao aspecto técnico. As atividades de extensão, executadas em grande parte pela Pastoral, em conjunto com o NUC, revelaram uma Universidade Metodista preocupada com o ser humano na sua totalidade, não apenas com o conhecimento técnico. É tentador lembrar um dos lemas da teologia da Igreja, que era pregar o Cristo para o homem todo, sem o dividir, corpo e alma.

Diante do exposto acima, entendemos que estudar a história do NUC e procurar registrá-la, é preservá-la. Não apenas para que gerações posteriores possam saber que houve uma Universidade que se comprometeu com o Homem, mas, sobretudo, para proteger a memória daqueles que desejam apagar da história tal compromisso, em detrimento do Capital.

O Núcleo Universitário de Cultura foi e tem sido um instrumento de contribuição para a realização do compromisso da UNIMEP de oferecer à sociedade brasileira profissionais conscientes de sua responsabilidade social. E, nesse particular, afina-se com uma Igreja Metodista harmonizada com as premissas de Wesley, fundador do Metodismo, que não entendia a razão de ser de uma religião que não tivesse um compromisso social.

Os arquivos do NUC registram as atividades culturais realizadas a partir de 1970 na Universidade Metodista de Piracicaba, e sua importância no campo educacional e de formação acadêmica. São

um testemunho de um tempo de renovação das idéias e de construção de uma nova filosofia de vida, não apenas de reflexão e de contemplação, mas sobretudo, de transformação da realidade universitária e comunitária.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA

ALMEIDA, Vasny de. **A Educação Escolar Metodista no Nordeste Paulista**. Ribeirão Preto: Colégio Metodista de Ribeirão Preto, 2004.

BARBOSA, José Carlos. **Lugar Onde Amigos se Encontram: Caminhos da Educação Metodista no Brasil**. São Bernardo do Campo: CEPEME, 2005.

BARROS, Laan Mendes de. (org.). **Ialim 2000: Imagens que Ficam na Virada do Milênio**. Lins: IALIM, 2000.

BOAVENTURA, Elias. **A Educação Metodista no Brasil**. Piracicaba: Ed. do Autor, 2005.

BOAVENTURA, Elias. UNIMEP: Caminhando pelos Descaminhos – um relato de experiência. In: **Revista de Educação do COGEIME**, Ano 13, v. 24, 2004.

BOAVENTURA, Elias. Concepção de Universidade do Metodismo Brasileiro: 1910/1930. In: **Revista de Educação do COGEIME**, Ano 4, v. 06, 1995.

CÉSAR, Ely Eser Barreto. **A Prática Pedagógica de Jesus**. Piracicaba: Agentes da Missão, 1991.

CÉSAR, Ely Eser Barreto. A Visão Educacional Originada do PVM e das DEIM. In: **Revista de Educação do COGEIME**, Ano 12, v. 23, 2003.

DAWSEY, John & outros. **Americans, Imigrantes do Velho Sul no Brasil**. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2005.

ELIAS, Beatriz Vicentini. **Memória, Encantamento e Beleza – Colégio Piracicabano, 125 anos**. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2006.

ELIAS, Beatriz Vicentini. **...vieram e ensinaram** (Colégio Piracicabano, 120 anos). Piracicaba: Editora UNIMEP, 2001.

FISCHMANN, Roseli (coord.). **Escola Brasileira**. São Paulo: Atlas, 1987.

FONTANA, Roseli; CRUZ, Nazaré. **Psicologia e Trabalho Pedagógico**. São Paulo: Atual, 2002.

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e Sociedade**. São Paulo: Moraes, 1986.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais – Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOTAY, Samuel Silva. **O Pensamento Cristão Revolucionário**. São Paulo: Paulinas, 1985.

HARNECKER, Marta. **O Sonho era Possível**. São Paulo: Casa América Livre, 1994.

HILSDORF, Maria Lúcia S. Educadoras Metodistas no Século XIX: Uma Abordagem do Ponto de Vista da História da Educação. In: **Revista de Educação do COGEIME**, Ano II, v. 20, 2002.

HOUTART, François. **Religião e Modos de Produção Pré-Capitalistas**. São Paulo: 1982.

MARASCHIN, Jaci C.; MONTEIRO, Simeí. **A Canção do Senhor na Terra Brasileira**. São Paulo: ASTE, 1982.

MARX, Karl. Teoria e Processo Histórico da Revolução Social (Prefácio à Contribuição Crítica da Economia Política). In: Fernandes, Florestan. (org.). **Marx e Engels**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A História dos Homens. In: Fernandes, Florestan. (org.). **Marx e Engels**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

MATTOS, Paulo Ayres. A Educação Metodista e os Desafios para um Novo Tempo. In: **Revista de Educação do COGEIME**, Ano 7, v. 13, 1998.

MATTOS, Paulo Ayres. A obra educacional da Igreja Metodista no Brasil. In: **Revista de Educação do COGEIME**. Ano 9, 2000.

MATTOS, Paulo Ayres. **Mais de um Século de Educação Metodista**. Piracicaba: COGEIME, 2000.

MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia Cultural**. Petrópolis: Vozes, 1987.

MESQUIDA, Peri. **Hegemonia Norte-americana e Educação Protestante no Brasil**. São Bernardo do Campo: Editeo, 1994.

MESQUITA, Zuleica (org.). **Evangelizar e Civilizar**. Piracicaba: UNIMEP, 2001.

MESTERS, Carlos. **Entre Nós está e não o Conhecemos**. São Paulo: Paulus, 1996.

MORIN, Edgard. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

NOVAES NETTO, Arsênio Firmino de. **As Crises de um Ideal: Os Primórdios do Instituto Granbery 1889/1922**. Piracicaba: UNIMEP, 1997.

OLIVEIRA, Clory Trindade de. A Trajetória da Educação Metodista PVM e DEIM: 20 Anos de História. In: **Revista de Educação do COGEIME**, Ano 12, v. 23, 2003.

OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro; QUINTANEIRO, Tânia. **Um Toque de Clássicos**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

PAIVA, José Maria. Textos preparados para o Seminário de Estudos Avançados Globalização e Educação Superior Brasileira, do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-PR, 2007.

PEREIRA, Efraim Sanches. **Instituições Metodistas: Agências do Reino de Deus?** Disponível na Internet: www.educacional.com.br . Em 10.07.2008

PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PUCCI, Bruno. A Atualidade das Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista. In: **Revista de Educação do COGEIME**, Ano 12, v. 23, 2003.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **Variações Sobre a Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

QUEIROZ, Maria Tereza Sokolowski. Uma Via de Mão Dupla: a Extensão na Universidade Metodista de Piracicaba, no Período de 1978 a 1986. In: **Revista de Educação do COGEIME**, Ano 10, v. 21, 2002.

REILLY, Duncan A. **História Documental do Protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1984.

REILLY, Duncan A. **Ensaio: História, Metodismo, Libertações**. São Bernardo do Campo: EDITEO, 1990.

REILLY, Duncan A. **Metodismo Brasileiro e Wesleyano**. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1981.

RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo e Cultura Brasileira**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.

RIBEIRO, Cláudio; LOPES, Nicanor (org.). **Vinte Anos Depois: a Vida e a Missão da Igreja em Foco**. São Bernardo do Campo: EDITEO, 2002.

RIBEIRO, Maria Luísa. **História da Educação Brasileira**. São Paulo: Moraes, 1986.

SANTOS, Boaventura Souza. **Um Discurso sobre as Ciências**. 9ª ed. Porto: Ed. Afrontamento, 1997.

SALVADOR, José G. **História do Metodismo no Brasil**. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1982.

SCHÜTZER, Darlene Barbosa. **Em Missão na Escola: As Pastorais Escolares da Igreja Metodista**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências Humanas, UNIMEP, Piracicaba.

SCHÜTZER, Darlene Barbosa. **Universidade Metodista: Sonhos e Descaminhos**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciências Humanas, UNIMEP, Piracicaba.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Síntese de História da Cultura Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

SUESS, Paulo. Inculturação, *in*: ELLACURIA, Ignacio; SOBRINO, Jon. **Conceptos Fundamentales de la Teología de la Liberación**. Tomoll. San Salvador: UCA Editores, 1992.

VIEIRA, David Gueiros. **O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.

FONTES PRIMÁRIAS

ACONTECE – diversos números.

BOLETIM MENSAGEIRO – diversos números.

EXPOSITOR CRISTÃO – diversos números.

FOLHA DE SÃO PAULO – diversos números.

IGREJA METODISTA – Cânones da Igreja Metodista, 2002.

IGREJA METODISTA – Vida e Missão – Decisões do XIII Concílio Geral da Igreja Metodista.

JORNAL DE PIRACICABA – diversos números.

JORNAL OPÇÃO – diversos números.

NÚCLEO UNIVERSITÁRIO DE CULTURA – Carta escrita por Cantoni aos amigos de Moisés Granada, 1983.

NÚCLEO UNIVERSITÁRIO DE CULTURA – cartas diversas recebidas.

NÚCLEO UNIVERSITÁRIO DE CULTURA – diversas Atas.

NÚCLEO UNIVERSITÁRIO DE CULTURA – diversas avaliações de cursos oferecidos pelo Setor de Música, feitas por alunos.

NÚCLEO UNIVERSITÁRIO DE CULTURA – Documento para discussões sobre o Setor de Teatro, 1985.

NÚCLEO UNIVERSITÁRIO DE CULTURA – Histórico do Grupo de Teatro da UNIMEP, 1984.

NÚCLEO UNIVERSITÁRIO DE CULTURA – Projetos – diversas edições.

NÚCLEO UNIVERSITÁRIO DE CULTURA – Proposta de Reestruturação do Setor de Teatro da UNIMEP, 1983.

NÚCLEO UNIVERSITÁRIO DE CULTURA – Prospectos – diversas edições.

NÚCLEO UNIVERSITÁRIO DE CULTURA – Relatórios de atividades do Setor de Música de 1977 a 1985.

NÚCLEO UNIVERSITÁRIO DE CULTURA – Relatórios de atividades do Setor de Teatro de 1980 a 1985.

NÚCLEO UNIVERSITÁRIO DE CULTURA – Resgate Histórico das Atividades do NUC, 2002.

O DIÁRIO – diversos números.

PASTORAL UNIVERSITÁRIA DA UNIMEP – diversas Atas.

UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA – Portaria Nº 18/87, de 2 de fevereiro de 1987.

UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA – Ofício 180/1984 da Secretaria Geral da UNIMEP.

TRIBUNA PIRACICABANA – diversos números.

ENTREVISTAS ORAIS

CANTONI, Umberto. Julho de 2008. 1h10min de gravação.

MARTINS, Sebastião. Julho de 2008. 45 min de gravação.

SCHÜTZER, Darlene Barbosa. Maio e junho de 2008. 1h. de gravação.

ANEXOS

Gabinete do Reitor

Portaria Nº 18/87

Ementa: Regulamenta a Criação do Núcleo Universitário de Cultura, ad referendum do Conselho Universitário

O **PROFESSOR ALMIR DE SOUZA MAIA**, REITOR da UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA, no exercício de suas atribuições, tendo em vista a aprovação pelo Conselho Universitário, em 07/04/86, do Projeto de Criação do Núcleo Universitário de Cultura,

RESOLVE: *ad referendum* do Conselho Universitário:

Art. 1º – O Núcleo Universitário de Cultura, de sigla NUC, criado em 17/04/86 pelo Conselho Universitário funcionará de acordo com a presente portaria.

Parágrafo Único – O NUC absorverá os setores de Música e Teatro, que passam a existir como áreas do NUC, sem prejuízo de outras que venham a ser criadas, correspondentes a outras expressões de arte.

Art. 2º – O NUC será subordinado à Reitoria, à qual competirá nomear seu Coordenador.

Art. 3º – O NUC terá como finalidade favorecer o enriquecimento cultural das comunidades interna externa à Instituição, para tanto procurando:

- A. Promover a participação em experiências artísticas;
- B. Oferecer oportunidade de conhecimento e domínio de técnicas artísticas;
- C. Fomentar o desenvolvimento da capacidade crítica em relação as manifestações artísticas;

- D. Favorecer a criação artística, em suas diferentes expressões;
- E. Preparar líderes nas diversas áreas de artes.

Art. 4º – Para execução de seus objetivos, o NUC proporcionará às comunidades internas e externas a participação em cursos, seminários, encontros, laboratórios de treinamentos, apresentações didáticas e outras formas de contato com atividade artística e prática.

Art.5º – A Coordenação executiva do NUC ficará a cargo de um Coordenador, designado de acordo com o artigo 2º da presente Portaria.

Art.6º – Para aprovação e acompanhamento dos projetos de atividade, o NUC terá um Conselho de Cultura, composto por:

- A. Coordenador do NUC, seu presidente;
- B. Um representante dos alunos da Universidade;
- C. Um representante dos professores da Universidade;
- D. Um representante da comunidade externa.

Parágrafo Único: Integrarão o Conselho de Cultura, com direito a voz e voto, um representante do Colégio Piracicabano e um representante dos funcionários da Instituição.

Art. 7º – Esta Portaria entrará em vigor na data de sua assinatura.

Piracicaba, 02 de fevereiro de 1987.

ALMIR DE SOUZA MAIA

Rudge Ramos, 28 de dezembro de 1.978.

Prezado aluno,

No término de mais um ano de vida, um ano de estudos e preocupações, ano de trabalhos e lutas, de alegrias e tristezas, temos que dar graças a Deus. Esperamos que as férias sirvam para o descanso físico e mental, o reconforto com os familiares, e que voltem revigorados para o ano próximo.

Para sua orientação, e em nome da Congregação, informamos o seguinte:

1. No dia 18 de dezembro a Congregação foi notificada da decisão do Conselho Diretor do IMS - ocorrida uma semana antes - elegendo um novo diretor para a Faculdade de Teologia e marcando sua posse para o dia 3 de janeiro p.f. Surpresa e convencida de se tratar de um procedimento ilegítimo, pois não houve nenhuma consulta ao corpo docente, nem ao corpo discente da casa, ignorando-se a Congregação de professores e os representantes dos alunos, apelamos ao Conselho Diretor a fim de reconsiderar a decisão e retomarmos processos legais;

2. Hoje fomos informados que o Conselho Diretor sustenta a sua decisão, alegando que o Documento 61 do XI Concílio Geral que garante uma presença da Faculdade nas reuniões do Conselho Diretor sempre que interesses da Faculdade sejam tratados, não se aplica neste caso. Como entendemos a situação de modo diferente, preparamos um recurso dirigido à entidade responsável imediatamente superior, ou seja, ao Conselho Geral.

Isto não é feito com espírito de polêmica estéril, mas na convicção de que uma Faculdade de Teologia não pode viver sem a disposição de dialogar, sem o princípio de trabalho em equipe, sem, enfim, atitudes fraternais e democráticas. Enquanto o Concílio Geral de 1.974 garantia bom arbítrio no relacionamento entre a Faculdade e a Administração Geral do IMS, o novo Conselho Diretor aparentemente prefere não agir assim escolhendo unilateralmente o novo diretor.

Mesmo depois destas considerações temos a impressão que a situação do ponto de vista legal, na ótica do Conselho Diretor, portanto a que está em vigor até outras decisões, é a seguinte:

- Depois do dia 3 de janeiro de 1.979, o Rev. Prôcoro V. Filho, assume toda responsabilidade administrativa pela Faculdade. Portanto qualquer informação que você desejar, é a ele que deve se dirigir.

- É bem provável, que perante este quadro criado pela atitude do novo Conselho Diretor, uma boa parte do corpo docente atual não se sinta em condições de continuar o seu trabalho acadêmico nesta casa de ensino. Enquanto vigorar decisões que consideramos arbitrarias e que ferem frontalmente o espírito de trabalho e de estudo considerados necessários para uma Faculdade de Teologia, e tendo em vista a ocasião e a rapidez com que tudo foi feito, a maioria de nós se sente compelida a deixar a casa. Não podemos trabalhar com duas medidas: uma que serve para a Igreja Metodista em geral no cumprimento de sua missão, principalmente a pregação de fraternidade, amor e compreensão e ao mesmo tempo usar outra medida "interna" para uma instituição geral da Igreja que des-

respeita estas mesmas orientações. Ficamos tristes em observar, - que neste particular se desenvolve um retrocesso na vida autônoma da Faculdade em relação à Direção do IMS e que boa parte das tentativas dos últimos anos ficam derrotados. Mesmo assim continuaremos firmes em nossa fé, afirmando que a Igreja é do Senhor, e, portanto, também a Faculdade, pensando nas palavras de Gamaliel (Atos 5. 38,39)

Fraternalmente,

Ely Eser Parreto César.